



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O OLHAR DO “OUTRO” SOBRE SI MESMO:
AS REPRESENTAÇÕES DE AMÉRICA NOS MANUAIS DE
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL E NA ARGENTINA (1900/1913)**

ANALICE ALVES MARINHO SANTOS

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2013



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**O OLHAR DO “OUTRO” SOBRE SI MESMO:
AS REPRESENTAÇÕES DE AMÉRICA NOS MANUAIS
DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL E NA ARGENTINA (1900/1913)**

ANALICE ALVES MARINHO SANTOS

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Itamar Freitas

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2013

Para meu avô Valdomiro Pacheco: pelas perguntas sem resposta sobre a neta “estudar tanto”.

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos, alguns foram os encontros e os acasos que contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa: novos olhares, aprendizados, amizades construídas e incentivos que me fizeram rever os enganos, confirmar os acertos e seguir adiante.

Ao meu orientador Prof. Itamar Freitas agradeço pelo incentivo, confiança e ensinamentos vivenciados desde a minha graduação. A convivência e a parceria em todos esses anos marcaram a minha formação profissional e pessoal e eu sempre lhe serei grata por isso.

Sou grata também ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aos seus professores que tanto contribuíram para as minhas escolhas teóricas e metodológicas. Em especial, ao Dr. Jorge Carvalho do Nascimento por suas generosas e sábias orientações no Seminário de Pesquisa, a Dr^a. Marizete Lucini e contribuição significativa no Exame de Qualificação e, por fim, ao Dr. Haroldo Carvalho pela disponibilidade e compreensão nos momentos anteriores a entrega do texto final e pelos ensinamentos na banca de defesa da dissertação.

À professora Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas cujos ensinamentos no Estágio Docente e demonstrações constantes de profissionalismo e dedicação colaboraram significativamente para a minha formação, me tornando uma professora melhor e mais justa, além de fornecerem uma vasta bagagem cultural e teórica que guiarão os meus próximos passos.

Aos amigos que conquistei nas viagens pelos congressos e cursos: sou grata a Alice Cristóforo, Fernanda Frazão, Eliane, Vania Teodoro e Alexandra Silva por acompanharem e opinarem durante todo o processo de construção dessa pesquisa, além da excelente companhia nas andanças pelo Rio de Janeiro e nas visitas a Aracaju. A Antônio Prado e Elisabete Marques por me ajudarem a rever e aprofundar algumas questões da dissertação e a Amanda Negreiros pelo acolhimento em Campinas.

Não posso me esquecer dos colegas do Mestrado em Educação e em especial aos companheiros de orientação Márcia Barbosa e Aaron Cerqueira e os grandes amigos com quem partilhei os momentos de dúvidas e os mais divertidos: Geraldo Freire, Ann Letícia, Elissandra Silva, Luana Bôamorte e Kleber Gavião. Por fim, a Cristiane Tavares, Ana Carla Oliveira pelos conselhos e alegria constante, me ensinando, a cada dia de convivência, o verdadeiro valor da amizade.

Agradeço à minha família, principalmente aos meus pais Nei e Juçara pela paciência e por sempre me apoiarem em minha formação, aos meus primos, tios, pais e avós que demonstram a cada encontro, a cada palavra, a importância do convívio familiar e de tê-los por “perto”, não importando a distância que nos foi imposta. Em especial a Villane e Vívian Marinho, Daniela e Bruno Morganti pelos momentos de cumplicidade e compreensão na minha ausência durante esses dois anos.

Aos amigos João Nascimento, Sidney Pereira, Mayra Santos, Lívia Guimarães, Flavio Carvalho, Socorro Soares, Michelly Marques e a Vanessa Oliveira por sempre me encorajarem a seguir em frente e tornarem cômicos os momentos em que nada parecia dar certo.

Aos amigos e as crianças atendidas pelo “Project Hope” por fornecerem o “equilíbrio” necessário para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa: com vocês tive as melhores lições de gratidão e de amor ao próximo. Em especial, agradeço a Ethan, Renee e Faith Rigdon, pela amizade e conselhos.

À CAPES pelo financiamento de meus estudos.

Me parece totalmente injusto lo que pasó, porque la tierra tenía que ser de los americanos, no de los europeos, porque en realidad nosotros no somos del todo americanos, somos... como si fuéramos una especie de americanos, pero no somos del todo, tenemos un problema de identidad para mí.

Depoimento de um aluno argentino sobre a Descoberta da América.(CARRETERO; KRIGER, 2008).

RESUMO

Neste trabalho, objetivo identificar as representações sobre a América em manuais destinados à formação de professores, escritos pelo brasileiro José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933) e pelo argentino Carlos Navarro y Lamarca (1868-1921). Seguindo as orientações de Roger Chartier, analisei as representações sobre o continente nos manuais didáticos *Compendio de Historia da America* (1900), de Rocha Pombo e *Compendio de la Historia General de América* (1910/1913), de Carlos Lamarca. A metodologia que utilizei para encontrar essas representações foi o estudo dos acontecimentos sobre a História americana em cada manual e depois analisar as representações com o intuito de responder à questão: Quais as representações sobre a América nos manuais brasileiros e argentinos? Os resultados encontrados indicam que Rocha Pombo e Carlos Lamarca concebem a América de maneiras diferentes: o primeiro defende que existem duas “Américas”: uma colonizada pelos ibéricos e outra pelos ingleses. Para Lamarca, apesar de reconhecer que os colonizadores também influíram no destino do continente, é a independência que muda a representação da América: assim, antes da emancipação, as “Américas” têm de ser diferenciadas de acordo com a sua localização geográfica (norte, sul e central) e depois o continente é representado através de histórias particulares e da América do Norte. Acredito que o estudo das representações sobre a América é algo necessário para a compreensão de como as generalizações e expressões negativas (tão criticadas nos estudos da História do continente) foram construídas com o objetivo de não só conhecer e divulgar a experiência americana, mas também de modificar o ensino de História da América no Brasil e na Argentina. Assim, com a identificação das representações sobre o continente, julgo ser possível localizar os espaços sociais onde elas foram escritas e os grupos sociais que as criaram, compreendendo, assim, os seus significados mais profundos.

Palavras-chave: Ensino de História. Formação de Professores. História da América. Manual Didático. Representação.

ABSTRACT

This work aims identifying the representation about America in manuals intended for teachers' formation which are writing by the brazilian José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933) and by the argentinian Carlos Navarro y Lamarca (1868-1921). Following the Roger Chartier orientations, I analyzed the representation about the America in the didactic manuals "Compendio de Historia da America "(1900) by Rocha Pombo and "Compendio de la Historia General de América" (1910/1913) by Carlos Lamarca. The methodology that I used to find these representations was through the analyses of events about american history in each manual and compared the representations intending to answer the question: what are the representation about America in the brazilian and argentinian manuals? The research results indicate that Rocha Pombo and Carlos Lamarca conceive two different "Americas" : the first argues that before the colonization, the America could be separated by geographic localization and after colonization there are two "Americas" ": one colonized by Iberian and another by the British. To Lamarca, the independence changes the representation of America: before emancipation the "Americas" are differentiated too the according to their geographic location and with the independence the continent is represented through particular stories and North America. I believe that the study of representations of America is something necessary for understanding how generalizations and negative expressions were built in order to not only know and disseminate the American experience, but also modify the teaching of American History in Brazil and Argentina. Thus, identifying the representations on the continent, I think it is possible to locate the social spaces where they were written and the social groups that created, comprising thus their deeper meanings.

Keyword: America History. Didactic Manual. Teacher Education. Teaching of History. Representation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1-	Mapa do continente americano	16
Mapa 2-	Mapa da América Latina	16
Figura 3-	Fotografia de José Francisco da Rocha Pombo	25
Figura 4-	Fotografia de Arthur Hannequin	29
Figura 5-	Fotografia de Charles Victor Langlois	37
Figura 6-	Imagem de Charles Seignobos	38
Figura 7-	Imagem "Dança cerimonial"	69
Figura 8-	Imagem "O triunfo de Colombo"(esboçado pelo mesmo)	70
Figura 9-	Imagem Estampa de San Josaphat	72
Figura 10-	Imagem "O IncaAtahualpa"	73
Figura 11-	Imagem "Benjamim Franklin"	75
Quadro 1-	Os manuais didáticos escritos por Rocha Pombo	26
Quadro 2-	Os manuais didáticos de História da América escritos por Carlos Lamarca	40
Quadro 3-	As escolhas teórico-metodológicas dos autores e o contexto no Brasil e na Argentina (XIX/XX)	54
Quadro 4-	Os acontecimentos em Rocha Pombo e Carlos Lamarca	55
Quadro 5-	As representações de América em Rocha Pombo e Carlos Lamarca	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I- POR UMA “AMÉRICA MAIS AMERICANA”: OS MANUAIS DIDÁTICOS E O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA NO BRASIL E NA ARGENTINA.....	24
1.1 O Compendio de Historia da America (1900) de Rocha Pombo: uma introdução histórica.....	24
1.2 O Compendio de la Historia General de America (1910/1913) de Carlos Navarro y Lamarca	32
1.3 Reconhecer para o progresso: o ensino de História da América no Brasil e na Argentina (XIX/XX).....	40
1.4 As escolhas metodológicas de Lamarca e Pombo: indícios de comparação	51
CAPÍTULO II- AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMÉRICA: OS ACONTECIMENTOS NOS MANUAIS DE ROCHA POMBO E CARLOS LAMARCA ...	55
2.1 Os acontecimentos no Compendio de Rocha Pombo	56
2.1.1- Supremacia e declínio dos nativos	58
2.1.2- A colonização da América	59
2.1.3- A independência da América	60
2.1.4- A integração das nacionalidades	61
2.1.5 A representação de América em Rocha Pombo	61
2.2 Os acontecimentos no Compendio de Carlos Lamarca	68
2.2.1- A evolução cultural e a decadência dos nativos.....	76
2.2.2- A descoberta da América	76
2.2.3- A conquista da América	77
2.2.4- A colonização da América	78
2.2.5- A independência da América	79
2.2.6 As representações de América em Carlos Lamarca	79
2.3 As representações sobre a América: iniciativas de comparação.	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
FONTES.....	90
OBRAS DE REFERÊNCIA.....	90
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE A- Quadro Comparativo dos manuais.....	95
ANEXO A- Capa do Compendio de Historia da América.....	96
ANEXO B- Capa do Compendio de la Historial General de America.....	97
ANEXO C- Sumário do Compendio de Historia da America.....	98
ANEXO D- Sumário do Compendio de la Historia General de America.....	99

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, identifico as representações sobre o continente americano em manuais didáticos de História Geral da América destinados à formação de professores, escritos pelo argentino Carlos Navarro y Lamarca (1868-1921) e pelo brasileiro Rocha Pombo (1857-1933).

O meu interesse pela História da América iniciou no curso em História (Licenciatura) e desde então pesquiso, sob a orientação do professor Itamar Freitas, os conteúdos curriculares da disciplina. Ao analisar esses conteúdos em livros didáticos de História Regional (livros específicos sobre a História dos estados brasileiros, como Pernambuco, Minas Gerais, dentre outros) me chamou a atenção a não identificação da maioria dos estados com a América. Constatei que poucos eram os estados que relacionavam a sua própria História (nem a do Brasil) com a da América, sendo o continente representado como algo distante¹.

Destaco que a atitude de distanciamento com relação à América não é algo específico do Brasil: o mesmo ocorre com a Argentina, Chile e México. Dentre os países citados, escolhi identificar as representações sobre a América em manuais escolares brasileiros e argentinos devido às semelhanças entre as propostas de reescrita da História do continente (através dos professores e dos alunos) e ao limite temporal breve dos manuais (1900/1913), por causa da utilização do método comparativo.

Compreender o porquê de brasileiros e argentinos não se reconhecerem americanos ou latino-americanos é algo que sempre me gerou dúvidas: acredito que as causas podem advir das disputas territoriais ou econômicas, mas certamente essa rejeição não é recente; ela existe desde os primeiros escritos sobre a História do Brasil e da Argentina.

A pesquisa de Kátia Gerab Baggio a respeito das visões de brasileiros sobre a América Latina comprovou que a identificação do brasileiro com o continente é fluida, variável, algo dependente das circunstâncias e do momento histórico. Segundo Baggio, através da necessidade de construir e fortalecer uma identidade nacional, intelectuais (como João Ribeiro e Euclides da Cunha) discutiram sobre as diferenças entre o Brasil e a América espanhola, caracterizando os brasileiros como “únicos, singulares e particulares” (BAGGIO, 2009, p. 9).

¹ Esta “barreira” entre o Brasil e a América só é transposta em estados fronteiriços a países do continente, por exemplo, Rio Grande do Sul e o Acre ou até em Estados em que os seus territórios foram palcos de conflitos entre o Brasil e os países da América, como é o caso do Mato Grosso do Sul e a Guerra do Paraguai.

Segundo Baggio, a diferenciação dos brasileiros em relação aos “outros” (ou melhor, a América Latina) também se fez notar no campo das relações políticas e econômicas, por diversos fatores como a adoção da monarquia como forma de governo (em contraposição às repúblicas latino-americanas), os litígios fronteiriços e participação do Brasil nas guerras entre os países do continente, provocando, em vários momentos, desconfianças mútuas. Com a proclamação da República (1889), ocorre o fortalecimento do americanismo, sendo que, apesar de existir a defesa da aproximação do país com a América de colonização espanhola, para Baggio, o exemplo norte-americano foi o que teve o maior número de adeptos, além de projeção nacional (BAGGIO, 2009).

Entretanto, foi no Império que a representação de uma América hispânica anárquica e instável teve início, pois o Estado brasileiro, ao temer que os movimentos populares e revolucionários tivessem adesão no país, começa a divulgar representações negativas sobre a “outra” América, com o objetivo de legitimar o Estado nacional e os seus interesses na região platina. O resultado foi a reprodução de uma monarquia brasileira marcada pela sua singularidade e peculiaridade, uma “civilização europeia” em contraposição às “anárquicas repúblicas hispânicas” (RAMOS, 2012).

Um exemplo disso se encontra em um excerto do manual de História do Brasil (1934) destinado aos alunos do Colégio Pedro II escrito pelo sergipano João Ribeiro (1860-1934), então professor da disciplina História Universal, na qual o conteúdo de História da América estava inserido à época:

[...] Os estados do Prata foram para nos durante muito tempo vizinhos, pouco leaes e incomodos e com cuja amizade não se podia contar, pois atentam a perpetuar a instabilidade e a desmoralização dos governos de senhores ou tyrannos sob os quaes viveram. Essa pouca lealdade tinha explicação em que eles eram realmente inferiores e não queriam confessal-os. Parecia-lhes o Brazil um arbitro e juiz forçado que as circunstâncias daquele tempo impunham [...] os rebeldes que allí protegíamos eram de tão má catadura como os tyrannos que malssinávamos. Tais foram Urquiza, Flores e outros [...] (RIBEIRO, 1934, p. 398).

Conforme as palavras de Ribeiro, além da evidente oposição entre os “estados do Prata” (inferiores) e o Brasil (o “juiz protetor”), também se pode perceber o receio que os ideais revolucionários presentes nos processos de independência da América Latina ganhassem força no processo de emancipação nacional. Assim, cabia ao Brasil, além de ser o protetor do continente, manter-se unido e civilizado frente aos “tiranos” dos outros países (RIBEIRO, 1934).

Em se tratando da Argentina, a situação não é muito diferente da brasileira: segundo Leonel Mello, entre os anos de 1890-1914, existia a concepção de uma Argentina insular, ilhada: ou seja, que se afastava das províncias do interior e dos países sul-americanos, ao mesmo tempo em que voltava as suas atenções para a Europa, principalmente para a Inglaterra (MELLO, 2002).

Ao analisar a postura dos argentinos em relação à América, Félix Luna se convence de que esses estão “de costas” para o continente, pois são muito pouco americanistas e privilegiam em demasiado as suas origens hispânicas (LUNA, 1996).

Já Raúl Rojo concorda com o sentimento “pouco americanista” de Luna e reforça que grande parte dos argentinos representa a si mesmo como europeus, não se vendo nem como americanos e muito menos como latino-americanos (ROJO, 1996).

Na virada dos séculos XIX e XX, a Argentina passa por mudanças sociais e políticas. Tal situação se torna uma justificativa para a ascensão do nacionalismo argentino que, através do ensino de História, reforçava a ideia de que não só a Argentina, como também a sua capital, Buenos Aires, era a nação líder do continente, além de ser a “mais europeia” (FINOCCHIO apud DIAS, 2004) ².

Saliento que no Império também existia a concepção de que o Brasil era o verdadeiro representante europeu na América, através vinda da Família Real Portuguesa (1808), que trouxe ao país costumes advindos da Europa e transformou a colônia em um território “próspero e estável”, em contraposição às possessões espanholas “anárquicas e instáveis” (SANTOS, 2004).

Acredito que esse distanciamento do Brasil e da Argentina com relação à América foi algo construído ao longo dos anos e, muitas vezes divulgado nos manuais didáticos, tal qual o exemplo demonstrado de João Ribeiro: assim, eles contribuíram historicamente para a construção e legitimação de representações, concepções e visões de mundo sobre o continente. Entretanto, não pretendo afirmar com isso que não existiram autores que intencionaram aproximar a História dos seus países com a do continente (Rocha Pombo e Carlos Lamarca são exemplos): essas tentativas perduram até os dias atuais, mas a representação de uma América distante ainda é recorrente.

² Outro aspecto que considero relevante sobre o Brasil e a Argentina é que, desde o início do século XIX, o relacionamento entre os dois países oscilou entre o conflito e a cooperação. Segundo Leonel Mello, esse descompasso provocou a formação de estereótipos semelhantes de ambos os lados: o Brasil foi representado, pelos argentinos, como um país expansionista e a Argentina, representada pelos brasileiros, como um país cujo objetivo era restaurar o “Vice-Reino do Prata” (um vice-reinado criado pela Espanha durante a colonização e que englobava os atuais territórios da Argentina, Paraguai e Uruguai), cuja hegemonia seria da cidade de Buenos Aires (MELLO, 2002).

Essas três primeiras divisões (norte, sul e central) podem ser classificadas como descrições geográficas; já com relação à expressão “latina”, segundo Wagner Dias, não existe um consenso sobre o surgimento ou a sua incorporação ao continente, pois:

[...] Muitas são as tentativas de investigar a partir de quando esse qualitativo passou a ser atrelado ao nome América, pois antes era possível determinar duas partes distintas da América: uma formada pelos Estados Unidos e a outra ao sul do Rio Bravo. Também não há consenso sobre se o termo teria aparecido primeiro em espanhol ou em francês, mas sabe-se que em inglês a primeira ocorrência data de 1890. O Oxford English Dictionary aponta para um documento intitulado *Reciprocity Treats with Latin America*, de autoria do presidente norte-americano Benjamin Harrison. Já Feres Jr. (2005) concorda que o termo em língua inglesa foi importado do francês (*Amérique Latine*) ou do espanhol (*America Latina*), pois nessa época seu uso já era disseminado nas línguas citadas (DIAS, 2009, p. 27).

Outra versão defende que a expressão “latina” foi incorporada ao continente por se acreditar que os idiomas português, espanhol e francês descendem de povos linguisticamente latinos e por isso são classificados como latino-americanos. Assim:

[...] toda latinidade começou no Lácio [...] e foi crescendo em círculos concêntricos ao longo da História: primeiro ao abarcar o conjunto da atual Itália, ampliando-se ao logo até a Europa colonizada pelo Império Romano, restringindo-se depois aos países e zonas que falaram línguas derivadas do latim, e transportando-se por fim ao continente americano que esses europeus descobriram e colonizaram. Deste modo, a América Latina viria ser o quarto anel desta prodigiosa expansão (MORENO apud DIAS, 2009, p. 28).

Saliento que, além de excludente, por não incorporar os indígenas e afro-descendentes (povos que são importantes na constituição étnica do americano, mas que foram excluídos do conceito de latinos porque, após serem colonizados e até mesmo nos dias atuais, no caso dos indígenas, não falam apenas o espanhol ou português como idiomas oficiais, mantendo laços com as suas comunidades originais), o conceito de latinidade foi imposto por europeus, em particular pelos franceses, através do panlatinismo e engloba não só a América do Sul, mas também a América Central (MIGNOLLO, 2007)³.

Com tantas demarcações em uma só palavra, definir a América não é algo simples, afinal, são três configurações espaciais e ainda existe a porção latina do continente e todos esses conjuntos englobam diversos países, povos, Histórias e culturas. Acredito que a América não é uma entidade objetiva que possa ser classificada apenas através do plano

³ O panlatinismo foi um conjunto de ideias, criadas no governo de Napoleão III, difundida pelo conselheiro e articulador Michel Chevalier e surgiu após uma expedição militar e científica dos franceses no México. As ideias do panlatinismo propunham a unidade da língua, da cultura e a restauração da raça latina, sob a liderança da França, que era considerada a única nação católica que poderia deter o expansionismo protestante e anglo-saxão (MIGNOLLO, 2007).

geográfico, tal como a América do Sul e a América do Norte, afinal, tem de se levar em consideração a existências de várias, múltiplas “Américas”, que, apesar de apresentarem momentos históricos semelhantes (como a colonização e a independência), é no estudo das diferenças entre os países que deve ser combatida a tese (tão divulgada) da América como um bloco homogêneo. Dessa forma, reforço que a América não é uma homogeneidade e sim uma multiplicidade, na qual existem não apenas semelhanças, mas também diferenças entre os países.

Em relação ao principal objetivo desta dissertação, identificar as representações, de acordo com Roger Chartier, o conceito de representação apresenta-se como uma alternativa para compreender o social e cultural de uma realidade e uma das finalidades de quem trabalha nesta área é identificar os modos como “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Para Peter Burke, a representação é um conceito central da Nova História Cultural e através dele é que se fala em “construção” ou “produção” da realidade através das representações. Assim, é com a noção de representação que se pode não apenas incluir o “outro”, mas também compreender o seu pensamento, a sua vida e o seu lugar (BURKE, 2008).

Acredito que, neste trabalho, o conceito de representação se aproxima da noção de visão de mundo, ou seja, a maneira pela qual os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles. Portanto, as representações sobre o continente (nos manuais) serão compreendidas como parte de um processo de abstração e visão dos seus autores sobre uma determinada realidade (no caso, a América) que foi apreendida através de leituras e experiências e depois exteriorizada (através da escrita) e finalmente socializada com os leitores (CHARTIER, 1990).

Seguindo esses conceitos, através da utilização do método comparativo, identifico as representações sobre a América em manuais de História destinados à formação de professores no Brasil e na Argentina entre 1900/1913. O critério de seleção dos manuais obedeceu a três premissas: uma delas foi serem escritos por professores (Rocha Pombo foi professor no Colégio Pedro II e Carlos Lamarca no Colégio Nacional de Buenos Aires). Outra premissa foi quanto à temporalidade entre as obras: a minha preocupação com o limite temporal breve (1900/1913) se deve à utilização do método comparativo, pois segundo Marc Bloch (1886-1944) a utilização de limites temporais longos prejudica as comparações, pela razão de que o pesquisador, ao lidar com diferentes realidades e contextos, não pode perder de vista as especificidades de cada realidade investigada (BLOCH, 1963).

Por fim, a última premissa é que, pelo menos, um dos manuais didáticos defendesse não apenas a valorização, mas também a modificação do ensino de História da América no Brasil e na Argentina. Neste caso, os dois autores não apenas criticam esse ensino, mas também propõem alternativas para a mudança e melhoria do mesmo.

Seguindo esses preceitos, os manuais escolhidos foram: *Compendio de História da América* (1900), do paranaense Rocha Pombo, destinado à formação de professores da Escola Normal do Rio de Janeiro; e os dois volumes do *Compendio de la Historia General de América* (1910/1913), de Carlos Navarro y Lamarca, ambos destinados aos professores do Colégio Nacional de Buenos Aires⁴.

Apesar de Lamarca e Rocha Pombo nomearem os seus livros como compêndios, optei por inseri-los no amplo conceito de livro didático que, segundo Itamar Freitas, é:

[...] um artefato impresso em papel que veicula imagens e textos em formato linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especificamente para o uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar (FREITAS, 2010, p. 242).

Sobre a metodologia utilizada, conforme já afirmei, escolho o método comparativo. Em um artigo sobre a relação da História comparada com a América Latina, Maria Lígia Coelho Prado atesta que (em se tratando de História da América) é difícil escapar das comparações, pois na medida em que a História de cada país corre paralelamente aos demais, muitas vezes esses mesmos países passam por situações semelhantes, tais como a colonização e a conquista. Além disso, vários são os clássicos nacionais que se utilizam da comparação para relacionar as realidades brasileiras e latino-americanas, entre eles: Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) em *“Raízes do Brasil”* (1936) e Manoel Bomfim (1868-1932) em *“O Brasil na América: caracterização da formação brasileira”* (1929).

Outra constatação de Maria Prado é quanto à resistência do historiador em relação às comparações: segundo a autora, essa resistência tem início na construção do campo da História, ainda no século XIX. É nessa época em que as fronteiras do saber histórico eram demarcadas, enfatizando-se a busca pela verdade coletiva, baseada nas fontes documentais e na singularidade dos fatos históricos. Seguindo esse preceito, os fatos históricos eram analisados como únicos, que não poderiam ser ajustados a generalizações, cabendo a outras ciências (como a sociologia, antropologia e ciência política) o estudo de vários casos (PRADO, 2005).

⁴ No título das obras, foi mantida a ortografia oficial da época.

A realidade é que as comparações impõem desafios e exigem cautela do historiador. O medievalista Marc Bloch se utiliza do método comparativo na obra *“Os reis taumartugos”* (1924) e após um discurso realizado no 6º Congresso Internacional de Ciências (1928), em Oslo, que foi publicado em 1963, Bloch se torna um dos autores de referência nos estudos de História comparada. No discurso intitulado de *“Pour une Historie comparée des sociétés européennes”*, Bloch afirma que o método comparativo é um instrumento técnico manejável e capaz de levar a resultados positivos, existindo assim duas condições para que ocorram as comparações: as semelhanças e as diferenças.

Compactuando com as ideias de Bloch, julgo ser possível, através da investigação histórica comparada, estabelecer generalizações válidas sobre muitos fenômenos de grande importância, sem ignorar as particularidades contextuais, pois não se pode esquecer que toda a História é, por natureza, comparada, no sentido em que o historiador só pode julgar o passado por comparação a outra época ou lugar. O pesquisador tem o direito de comparar o passado com o presente, mas essa comparação deve ser feita de maneira consciente e não como algo ocasional: comparar significa encontrar o enquadramento temporal ou geográfico, buscar o equilíbrio entre as dimensões locais, nacionais e internacionais.

O medievalista ainda defende que o estudo comparativo terá o seu valor quando for realizado com base em estudos detalhados, críticos e bem documentados, que são possíveis através de um trabalho de erudição. Assim, ao analisar os documentos, é tarefa do pesquisador compreender que o documento é testemunho de uma época e que, às vezes, ele não “fala” quando solicitado: o seu desafio é questioná-lo e é nesse questionamento que, segundo Bloch, a comparação melhor auxilia os pesquisadores. Atestando a importância dos documentos, Marc Bloch enumera os passos do trabalho comparativo: o primeiro é escolher dois ou mais fenômenos que parecem, à primeira vista, análogos entre si; depois descrever as curvas de sua evolução, constatando as semelhanças e diferenças; e, por fim, se possível, explicar as semelhanças e diferenças, aproximando os dois fenômenos (BLOCH, 1963)⁵.

Segundo os passos indicados por Bloch, para identificar as representações nos citados manuais, realizo cinco procedimentos metodológicos: nos dois primeiros inventário, em cada manual, os acontecimentos centrais ou “macros” e as formas empregadas para destacá-los e delimitá-los, ou seja, as marcas de autor e de editor. Segundo Itamar Freitas, o acontecimento é um elemento central no discurso do historiador, sendo parte constituinte da narrativa.

⁵ Apesar da importância deste artigo para a história comparada, ele não teve muita receptividade entre os historiadores franceses, pois, segundo Bloch, ao tratar das comparações, os historiadores apenas acenam educadamente e depois retornam aos seus hábitos costumeiros (BLOCH, 1963).

Assim, em uma mesma narrativa existem os acontecimentos macros e os micros; posso citar como exemplo o caso da Descoberta da América no manual de Carlos Lamarca: a Descoberta de Colombo em 1492 é o acontecimento macro e as descobertas de outros colonizadores do século XV/XVI são os micros. Destaco ainda que esses acontecimentos não existem por si só: eles apenas ganham sentido quando observados no interior de uma narrativa e é ela quem define se o acontecimento é central ou não. Para destacar e limitar os acontecimentos existem vários modos textuais, como os títulos, subtítulos, marcadores, negritos, cores, tamanho de fonte (FREITAS, 2012).

No terceiro passo metodológico, seleciono cada acontecimento inventariado e o submeto à análise de acordo com os seguintes atributos: datas cronológicas de início e de fim (limite temporal); datas tópicas (espaço); causa; desenvolvimento; consequência; e, por fim, protagonistas. No quarto passo, realizo um estudo comparativo das representações da América presentes nos manuais de Lamarca e Rocha Pombo. Atesto que, até então, os manuais foram analisados separados, com o objetivo de não perder de vista a particularidade de cada autor.

Entretanto, para melhor compreender as representações sobre a América nos manuais, acredito ser importante analisar as leituras indicadas pelos autores, o contexto histórico, a educação escolar, as escolhas metodológicas e teóricas (como a visão de História e a definição de História da América) e os movimentos políticos e ideológicos que permeavam as discussões sobre o continente, com o objetivo de compreender como esses aspectos foram apropriados por Lamarca e Pombo. Neste sentido, baseando-me em Roger Chartier, atesto que a maneira com que os autores se apropriaram de suas leituras e a partir delas (e de outros fatores, como as relações sociais, por exemplo) compreenderam não só a si mesmos, mas o mundo ao seu redor foi importante na construção das suas representações sobre a América (CHARTIER, 1990).

Dessa forma, a divisão dos capítulos é a seguinte: no primeiro, intitulado de “Por uma ‘América mais americana’: os manuais didáticos e o ensino de História da América no Brasil e na Argentina” realizo uma breve introdução histórica dos manuais e seus autores. Ao fazer isso, noto que ambos elegem obras que consideram de referência para os estudos históricos e, além disso, compactuam com os objetivos dos seus manuais. Por isso, considero importante analisar essas obras em destaque com o intuito de entender como os autores se apropriaram dessas leituras em seus estudos sobre a História do continente.

Assim sendo, escolho duas obras destacadas nos manuais: no de Carlos Lamarca o livro de Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942), “*Introduction aux études historiques*” (1898), e no de Rocha Pombo o de Arthur Hannequin,

(1856-1905) “Essai critique sur l’hypothèse des atomes dans la science *contemporaine*” (1899). Acredito que entender a apropriação dessas leituras por Pombo e Lamarca auxilia na compreensão das definições teóricas de ambos, como a visão de História, de História da América e, por fim, seus discursos sobre situação do ensino de História da América na Argentina e no Brasil e quais as soluções apresentadas pelos mesmos para a “reescrita” e modificação do mesmo.

Após finalizar essas análises, no segundo capítulo, “As representações sobre a América: a experiência brasileira e argentina”, inventario os acontecimentos centrais em cada manual, analisando cada um deles e, ao final, comparo as representações.

Quanto ao título dessa dissertação (“O olhar do “outro” sobre si mesmo: as representações de América em manuais de formação de professores no Brasil e na Argentina 1900/1913), nele está implícito uma impressão que tive no decorrer da pesquisa: ambos autores se referem à América hispânica como a “outra”, aquela realidade desconhecida ou marcada pelos erros históricos ou preconceitos. Entretanto, em alguns conteúdos dos seus manuais, Lamarca e Pombo tentam aproximar, através das comparações, a realidade do seu país à experiência americana, deixando clara a importância do seu país na “outra” América.

Ao final da dissertação, apresento um quadro comparativo (APÊNDICE A) com informações adicionais de ambos manuais didáticos, como elementos pré-textuais e pós-textuais, além de dados relativos à presença ou não de textos complementares, tais como imagens e questionários.

Antes de finalizar, preciso esclarecer algumas escolhas e ressalvas: a primeira é com relação à exclusão da História do Brasil. Explico: não só no Compendio de Rocha Pombo, como também no de Lamarca, a História do Brasil é, na maioria das vezes, tratada à parte, completamente distante da América do Sul, Central e do Norte, sendo o Brasil representado como um país de colonização portuguesa que, com a exceção de algumas disputas territoriais entre os brasileiros e os sul-americanos, normalmente a sua História é tratada em separado, sem nenhuma correlação com os outros países do continente.

Em um dos Editais do Compendio de Rocha Pombo é justificada essa separação entre a História do Brasil e da América: publicado em quatro de agosto de 1817 e escrito pelo Diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, o sergipano Manoel Bomfim (1868-1932), o Edital enfatiza que, ao realizar o concurso no qual o Compendio de Rocha Pombo foi premiado, umas das indicações da banca examinadora é que não fosse abordada a História do Brasil, pois a mesma seria estudada posteriormente. Entretanto, Rocha Pombo não obedece a essa determinação e, apesar das críticas dos avaliadores, principalmente do Dr. Joaquim

Barbosa Carneiro, o manual é aprovado em 1899, com a inclusão da História do Brasil. Entretanto, essa História, além de sempre estar em capítulos separados, sem nenhuma correlação com os outros conteúdos do manual, o tamanho de sua letra é menor, podendo isso ser uma escolha de Rocha Pombo ou dos editores (POMBO, 1900).

Outra escolha é quanto às citações diretas do Compendio de Lamarca: a minha proposta é realizar uma tradução livre, em notas de rodapé e apresentar o original no texto⁶.

A ressalva que faço é que, infelizmente, por trabalhar com manuais datados entre o fim do século XIX e início do século XX, poucas são as informações disponíveis sobre a recepção e circulação dos mesmos no Brasil e na Argentina. Por este e por outros motivos, não encontrei fontes ou depoimentos de memorialistas que tratam dessas informações. A dificuldade ainda é maior por também não localizar estudos anteriores sobre esses autores e as suas produções: dentre os dois, Rocha Pombo é o mais pesquisado. Entretanto, a sua produção sobre a História da América é de difícil acesso e muito pouco conhecida. No caso de Lamarca, as poucas referências sobre as suas produções estão em arquivos espanhóis (nem todos estão disponíveis na internet), pois o historiador argentino escreveu grande parte do seu Compendio na Espanha.

Com relação à revisão de literatura sobre as representações da América, destaco a tese de doutorado de Kátia Gerab Baggio, “*A “outra” América na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*” (1998); a dissertação de Wagner da Silva Dias, “*A ideia de América Latina nos livros didáticos de geografia*” (2009); e a obra de Stella Maris Scatena Franco, “*Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de História nacional (1868/1912)*” (2003).

No mais, considero necessária a análise das representações em manuais didáticos por acreditar que, antes de defender uma reescrita da História do continente, tão marcada por generalizações e expressões negativas (tais como “subdesenvolvimento” e “barbárie”), julgo necessário analisar as representações que foram construídas com a intenção não só de conhecer e divulgar essa História, mas também de modificar o ensino de História da América (tanto no Brasil, quanto na Argentina).

⁶ Assumo o risco por acreditar que a tradução é, na verdade, uma interpretação, cabendo ao leitor concordar ou não.

CAPÍTULO I. POR UMA “AMÉRICA MAIS AMERICANA”: OS MANUAIS DIDÁTICOS E O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA NO BRASIL E NA ARGENTINA

O meu objetivo neste capítulo é apresentar os manuais e os seus autores, além de dissertar sobre o contexto histórico e político do Brasil e da Argentina entre o final do século XIX e início do século XX.

Dessa forma, o capítulo ficou assim dividido: nos tópicos 1.1 e 1.2, disserto sobre os manuais didáticos e seus autores e apresento, de forma breve, as obras destacadas por Pombo e Lamarca como bibliografias essenciais para a proposta de seus compêndios. Assim, através da análise do livro de Arthur Hannequin, “*Essai critique sur l’hypothèse des atomes dans la science contemporaine*” (1899), destacada por Carlos Lamarca, e a de Langlois e Seignobos, “*Introduction aux études historiques*” (1898), escolhida por Rocha Pombo, discuto sobre as suas visões de História e do ofício do historiador.

No tópico seguinte (1.3), através do método comparativo, apresento a definição de História da América (dos autores) e discuto sobre os motivos que poderiam ter levado Lamarca e Pombo a defenderem em seus manuais didáticos uma modificação do ensino de História da América. Dentre esses motivos, opto por analisar o contexto histórico tanto do Brasil quanto da Argentina, os movimentos político-ideológicos que discutiam o “futuro” do continente pós-independência, além das reformas educativas. Julgo que essa análise é necessária, pois apresentar as ideias dos autores sem inseri-los em seu contexto sociopolítico é um estudo incompleto.

Dessa forma, através da compreensão dos discursos sobre pan-americanismo (para explicar as teses de Rocha Pombo) e arielismo (para Carlos Lamarca); das discussões sobre a inclusão da disciplina História da América nos currículos escolares brasileiros e argentinos; além das expectativas de Lamarca e Pombo em relação aos seus manuais didáticos, busco compreender como ambos os autores poderiam ter se apropriado de todos esses aspectos e elaboraram as suas representações sobre o continente.

Ao final, no item 1.4 comparo os resultados encontrados nas análises efetuadas como uma forma de melhor compreender as escolhas metodológicas dos autores.

1.1 O COMPENDIO DE HISTORIA DA AMERICA (1900) DE ROCHA POMBO: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O brasileiro Rocha Pombo (Figura 3) nasceu na cidade de Morretes (Paraná) onde foi professor de primeiras letras e jornalista, publicando artigos em jornais locais. Após se mudar para o Rio de Janeiro em 1897 com a sua família, Rocha Pombo foi poeta, dicionarista, historiador e professor (suplementar) de História do Colégio Pedro II (TAPAJÓS, 1991)⁷.

Figura 3: José Francisco da Rocha Pombo



Fonte: <http://www.ihgs.com.br/cadeiras/patronos/josefranciscopombo.html>

A mudança para o Rio de Janeiro parece ter sido de extrema importância para Rocha Pombo firmar-se como historiador: a necessidade de sustentar a si e a família na então capital federal fez com que o paranaense se centrasse na escrita de obras de cunho historiográfico e no magistério, lecionando nas escolas primárias e nos cursos de formação de professores. Foi nessa época de afirmação que Rocha Pombo concilia as profissões de historiador e professor da Escola Normal (1898), do Pedagogium (onde lecionava a disciplina de História da Civilização brasileira em 1902), do Colégio Pedro II, de parecerista e de avaliador de diversas obras do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (TAPAJÓS, 1991).

A mudança de Rocha Pombo também lhe trouxe dificuldades financeiras e alguns conflitos com historiadores renomados da época, como, por exemplo, João Ribeiro. Segundo Alexandra Lima, o sergipano João Ribeiro escreveu uma crítica negativa aos 10 volumes de História do Brasil (1905-1917), considerando as obras como “prolixas, densas e extensas”, acreditando que as mesmas nunca seriam lidas. Por fim, João Ribeiro também condenava a escrita de Rocha Pombo, duvidando se o paranaense algum dia iria ocupar um lugar de destaque entre os historiadores do Brasil, pois não tinha senso crítico (SILVA, 2012, p. 213).

⁷ Segundo Alexandra Lima, Rocha Pombo foi professor suplementar no Colégio Pedro II, pois não foi aprovado no concurso que prestou, em 1906, para a cadeira de História (LIMA, 2012).

Após se mudar para o Rio de Janeiro, Rocha Pombo escreveu várias obras sobre a História do Brasil, da América e do Paraná. As mais conhecidas são as de História do Brasil; as de História da América, como afirmei anteriormente, além de pouco estudadas, são de difícil acesso, pois foram editadas, no máximo, duas vezes. Chamo a atenção para a extensa produção de Rocha Pombo de manuais didáticos: ao todo, foram seis, conforme constam no quadro a seguir:

Quadro 1: Os manuais didáticos escritos por Rocha Pombo

Título	Cidade	Editora	Ano
<i>Historia da America para escolas primarias</i>	Rio de Janeiro	Garnier	1904 (segunda edição).
<i>Historia de São Paulo</i>	São Paulo	Weiszflog	1918
<i>Historia do Brazil para o ensino secundário</i>	São Paulo	Weiszflog	1918
<i>Nossa Pátria: narração dos factos da História do Brazil através da sua evolução</i>	São Paulo	Weiszflog	1918
<i>Historia Universal</i>	São Paulo	Cia Melhoramentos de São Paulo	1928
<i>Historia do Paraná</i>	São Paulo	Cia. Melhoramentos de São Paulo	1929

Fonte: Quadro dos manuais didáticos escritos por Rocha Pombo elaborado pela autora.

Com relação ao manual didático que analiso nesta pesquisa, o Compendio de Historia da America (ANEXO A), venceu um concurso promovido pela Diretoria da Instrução Pública da capital federal, na época Rio de Janeiro, cujo objetivo era a composição de um manual de História da América para servir aos normalistas, alunos da Escola Normal do Rio de Janeiro.

O Compendio foi editado duas vezes (1900/1925), por duas Editoras diferentes: a primeira pela Laemmert & C. Editores e a segunda pela Benjamin de Aguiar. A edição de 1900 é a mais completa: além do Parecer do Diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro (22/04/1899) e do Edital (04/08/1897) do concurso estão inclusas a dedicatória e as

referências bibliográficas. O Edital de 1897 foi escrito por Medeiros e Albuquerque (1867-1934), no qual o autor se propõe a divulgar as finalidades e as regras a serem seguidas pelos autores dos manuais.

Segundo Medeiros e Albuquerque, o concurso para a premiação da obra didática tem o objetivo de servir aos alunos da Escola Normal do Rio de Janeiro, assim a sua finalidade é “educar educadores” e preparar as futuras mestras para transmitir os conteúdos aos alunos das escolas primárias. As regras a serem seguidas pelos autores da obra didática são: a exclusão da História do Brasil (que não foi cumprida por Rocha Pombo); apresentar, no máximo, oitenta lições que devem ser lecionadas, cada, em uma hora de aula; e os conteúdos a serem abordados. Assim,

[...] O livro, porém, a fazer, não será nem apenas de altas generalidades ethnographicas e philosophicas, incompatíveis com o gráo de instrucção dos alumnos, nem tão pouco uma secca chronologica. A narração dos factos deve occupar o primeiro logar, de sorte que o alumno venha a ter uma noção exacta do modo porque cada parte da America foi primeiro descoberta, depois colonisada e chegou afinal á situação em que hoje se acha: ainda de sujeição ou já de independencia (ALBUQUERQUE apud Pombo, 1900, p. VII).

Já o Parecer 1899 foi escrito por Manoel Bomfim (diretor da Instrução Pública) e nele o historiador apresenta as suas impressões sobre o manual e Rocha Pombo. Esse Parecer foi escrito quando o Compendio já tinha sido escolhido como a obra didática vencedora do concurso e Bomfim assegura que, apesar de ter sido a única inscrita, o manual não deve ser desmerecido, pois se deve levar em conta o esforço e os méritos de Rocha Pombo⁸.

De acordo com Ivan Noberto Santos, Manoel Bomfim além de amigo de Rocha Pombo, compactuava com as ideias do paranaense referentes à América Latina, tornando-se um dos poucos intelectuais da época que o defendia (SANTOS 2006).

O próprio Bomfim comenta sobre o Compendio no prefácio da segunda edição do seu livro América Latina: males de origem que foi publicado na edição do centenário da obra (2005):

[...] Aqui, onde, forasteiro, escrevo, disponho apenas de notas, reunidas durante nove anos – senão, talvez fosse outra a forma que tivera este trabalho; não variariam, porém, as ideias. Essas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num parecer prefácio à excelente História da América, livro didático do Sr. Rocha Pombo,⁹ parecer que deriva

⁸ Seguindo as orientações do Edital (1898), Rocha Pombo assinou o Compendio com o pseudônimo de “Colombo”.

⁹ “É momento, aqui, de dizer, o prazer que senti ao verificar que o escritor (único a apresentar-se) cujo livro relatei, se bem que estudasse apenas os fatos históricos, e do ponto de vista didático, chegara a essa conclusão: que os males da América Latina não são mais que o peso de um passado funesto, conclusão que ora demonstro e documento, quando estudo os efeitos do parasitismo das metrópoles, a que já me referia no *parecer*” (BOMFIM, 2005, p. 37).

justamente dessa preocupação, já antiga. Em 1897, quando diretor geral de Instrução Pública fiz anunciar o concurso de um compêndio de História da América, solicitei a honra de, na qualidade de membro do Conselho Superior de Instrução Pública, dei o parecer sobre as obras que se apresentassem: tal era o interesse que esse assunto apresentava para mim; e só assim se explica essa pretensão de tratar de matéria fora da minha especialidade, e à qual não podia apresentar nenhum título de competência oficial (BOMFIM, 2005, p. 37).

No Parecer do Compendio, ao escrever sobre Rocha Pombo, Bomfim afirma que o paranaense é um “espírito apaixonado, marcado pelo amor a justiça e defensor dos grandes ideais de solidariedade e progresso”. Entretanto, atenta para algumas características da escrita de Rocha Pombo, dentre elas o “ardor humanitário” do paranaense, que o transforma em um “sentenciador inexorável” da História do continente, mas ameniza essa característica ao reconhecer que a mesma pode ser compreendida pelo recente contato de Pombo com a experiência americana. Para Bomfim, os julgamentos também se explicam devido ao “espírito apaixonado” de Rocha Pombo, mas, diante dessa situação, cabe ao leitor do manual optar pela sua própria opinião sobre os personagens e os acontecimentos que fazem parte da História da América (BOMFIM apud POMBO, 1900, p. X).

Apesar de discordar nesses aspectos citados, Bomfim reconhece que um dos lados positivos do manual é conceber uma nova forma de se escrever a História da América no Brasil, pois Rocha Pombo não apenas se limitou a narrar os acontecimentos, mas “se interessou, analisou e discutiu”. Segundo o diretor, essa postura era uma exceção, pois nas escolas do século XIX “não existia o hábito de meditar, pensar ou qualquer coisa que proporcionaria a reflexão do aluno”. Para o sergipano, a justificativa sobre essa situação do ensino de História da América no Brasil poderia ser encontrada nos livros escolares: eles incentivavam os estudantes a decorar os conteúdos e não a refletir sobre eles. Ao final do Parecer, Manoel Bomfim considera o senso crítico de Rocha Pombo importante, pois acredita que um manual didático não deve ser “uma exposição árida, uma enumeração de fatos, sem dedução lógica ou análise e isento de crítica e discussão” (BOMFIM apud POMBO, 1900, p. IX-XXVII).

Com a aprovação do Compendio, caberia à municipalidade o direito de imprimir mil exemplares para distribuir entre os membros do magistério primário, normal e profissional. Entretanto, apesar dos esforços de Rocha Pombo e de Manoel Bomfim, o Compendio de

Historia da América foi muito pouco utilizado na Escola Normal do Rio de Janeiro, tendo a sua segunda e última edição em 1925¹⁰.

Na introdução do Compendio, Rocha Pombo define quais seriam as funções de um manual didático de História: “deve por, ante os olhos de quem estuda, os fatos em suas linhas mais geraes, evitando ser omisso ou minucioso demais, e deixar claro ao leitor que esses fatos se coincidem, se ligam, completam e se animam”. Outra característica é que deve ser uma “obra simples, concisa e clara”, além de ser dividida entre períodos e capítulos, sendo necessária no final de cada período (ou como ocorre no manual, no final de cada parte) uma síntese para fixar os fatos principais do conteúdo (POMBO, 1900, p. XXXII).

Seguindo essas premissas, o paranaense indica duas referências: Arthur Hannequin (1856-1905) e Hippolythe Taine (1828-1893). Em relação à Taine, Pombo se apropria da tese de que o historiador é autoridade única, o testemunho do senso comum. Exponente do positivismo do século XIX, o método histórico de Taine consistia em compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio, hereditariedade (ou raça) e momento histórico, mas para Rocha Pombo foi Arthur Hannequin (Figura 4) quem melhor dissertou sobre os elementos dessa “nova teoria”, ou seja: “a da interpretação dos fenômenos puramente moraes e sociaes e que parece ser o fundamento de um novo método de História e de filosofia”(POMBO, 1900, p. XXIX-XXXIV).

Figura 4: **Arthur Hannequin (1828-1893)**



Fonte: <http://www.pargnysursaulx.fr/histoire/les-personnages-arthur-hannequin.html>

O que Rocha Pombo define como “um novo método de História e de filosofia” está presente no livro de Arthur Hannequin: “Essai critique sur l’hypothèse des atomes dans la

¹⁰ Em sua tese de doutorado, Katia Gerab Baggio afirma que o Compendio também foi adotado na Escola Normal Caetano de Campos (São Paulo), entretanto, não encontrei nenhuma informação sobre a utilização do manual na citada Escola Normal (BAGGIO, 2009).

science contemporaine” (1899). Neste livro, que é a edição da tese de doutorado defendida pelo autor em 1895, Hannequin, um professor universitário de filosofia e História, defende que a teoria dos átomos é um pressuposto necessário que deriva da construção do conhecimento, ou seja: Hannequin se utiliza do exemplo dos átomos (definindo-os apenas como um conceito e não como algo isolado) para explicar que os elementos, objetos, ou até trazendo para a discussão histórica, que os fatos históricos não podem, quando analisados, ser isolados pelos pesquisadores.

Acredito que quando Rocha Pombo se refere a uma teoria científica é com relação à definição de ciência: Hannequin defende que a ciência é melhor compreendida nas memórias, nos pensamentos, nas recordações dos fenômenos do passado, do futuro e na sua continuidade ao longo dos anos. Dessa forma, é função da ciência ajudar na consciência do passado, presente e do futuro, pois essas relações não podem ser deixadas de lado pelos pesquisadores.

Em seu livro, Hannequin pouco especifica sobre qual seria o lugar da História nessa função da ciência, por isso acredito que, após ler o livro, foi Rocha Pombo quem se apropriou e transpôs essa discussão para a História da América, principalmente no que concerne a sua ideia de grandes personagens da História do continente. Para entender como Rocha Pombo utilizou essas teses no *Compendio* é preciso compreender as teorias sobre as unidades, totalidades e sínteses, de Hannequin.

Segundo Hannequin, apesar de o mundo ser povoado de unidades múltiplas, que podem até mudar, essas unidades perduram no espaço e no tempo. As unidades não representam condições singulares: elas são sempre o resultado de uma síntese, e esta, por resultar de uma multiplicidade, também representa uma unidade. Assim, a síntese de uma teoria é formada através de unidades múltiplas, cujo resultado final é uma espécie de equilíbrio que é chamado de totalidade. Dessa forma, nas totalidades se pode encontrar a pluralidade, ou melhor, as unidades. São essas unidades que, ao dominarem e subordinarem outras unidades menores transformam-se em totalidades, gerando uma relação recíproca de causas e efeitos (HANNEQUIN, 1899).

A teoria pode parecer estranha à primeira vista, mas meu objetivo aqui é explicar como Rocha Pombo se apropriou deste corpo de ideias. Em uma das referências de Hannequin aos estudos históricos, ele afirma que os personagens são construídos e que os mesmos representam a unidade e a totalidade: assim, eles são as unidades formadas de uma multiplicidade e variedade de elementos externos e internos. Portanto, se um personagem é a soma de influências internas e externas, através de uma ação recíproca, ele também representa

o geral, a totalidade, e é essa a noção de totalidade que Rocha Pombo se utiliza na sua teoria de “grandes homens” para representar a História da América.

Com a teoria dos “grandes homens”, Rocha Pombo defende que as “individualidades superiores” (tais como Colombo, San Martín, Bolívar) recebem, sem dúvida, influência do meio, mas sobrepõem e imprimem a sua superioridade sobre as massas. Assim:

[...] seria como si extendessemos ao mundo superorganico e moral a theoria da refração dos efeitos sobre as causas do mundo physico. Do mesmo modo que o facto geral é o centro a que se prendem os factos parciaes, e que um grande acontecimento é muitas vezes factor de uma infinidade de successos o individuo typo concentra na sua personalidade os individuos comuns” (POMBO, 1900, p. XXXIV).

Assim, as grandes individualidades (ou “indivíduos tipo”) são consideradas a síntese de sua época, girando em torno delas toda a vida coletiva. Para o paranaense, se destacar os atos heroicos desses “grandes homens” em seu manual, ele vai influenciar a vida de uma geração ou todo o momento da experiência de um povo. Por isso, Pombo defende que o ensino de História deve destacar “os nomes, os feitos, as obras, as ideias, os sentimentos, virtudes, a vida das grandes individualidades” e assim fazer passar diante dos alunos “uma História vivida, eloqüente, a história da pátria ou a história de todo um continente” (POMBO, 1900, p. XXXIV).

A análise dos personagens da América realizada por Rocha Pombo no Compendio, se insere nas discussões do historicismo. Uma das características fundamentais dos historicistas é a valorização do conhecimento histórico e, principalmente, a compreensão do mesmo. Dessa forma, o historiador (ou pesquisador) ao seguir essa postura teórica, acredita que todos os fatos (sociais, políticos, culturais e etc.) devem ser analisados e compreendidos dentro dos processos históricos (WEHLING, 1992).

Ao se utilizar do viés historicista na análise dos personagens da América, Rocha Pombo tem um contato direto com os seus “eleitos” na representação do continente, tentando explicar a importância desses homens para a História americana, através de análises circulares: vinda para a América, desenvolvimento e morte.

Dessa forma, os personagens eleitos por Pombo como “grandes homens” são os elementos centrais do Compendio: a partir deles é que a experiência americana é contada, desde a História pré-colombiana (com destaque aos incas e astecas) até a emancipação dos países americanos (cujos personagens principais são Símon Bolívar e San Martín). Assim, para Rocha Pombo, o historiador é “autoridade única, indiscutível e suprema, o testemunho do senso comum e da voz coletiva” (POMBO, 1900, p. XXXII).

O paranaense Rocha Pombo escreveu outro manual didático sobre a História da América: o de História Universal (disciplina na qual a História da América estava inserida e que comento no tópico 1.3), em 1928, com o propósito de ser utilizado no Colégio Pedro II. Neste manual, o conteúdo de História da América inaugura os “tempos modernos”, com os descobrimentos marítimos, a conquista e a colonização. Outro tópico relativo à História americana é sobre a independência dos Estados Unidos, sendo o conteúdo tratado sem nenhuma relação com a emancipação dos países da América do Sul e Central (POMBO, 1928)¹¹.

Juntamente com o História da América para escolas primárias, essas foram as produções de Rocha Pombo sobre a História do continente. Os três manuais possuem propostas semelhantes: escrever a História americana através da experiência dos “grandes personagens”. Por entre os anos que escreveu os manuais didáticos da História do continente, Rocha Pombo se dedicou também ao que acredito ser o seu maior interesse: a História do Brasil. No entanto, o paranaense não foi aprovado no concurso que prestou para lecionar a disciplina no Colégio Pedro II, mas mesmo assim não desistiu: a sua produção sobre a História nacional é a mais vasta, conhecida e reverenciada por pesquisadores¹².

Acredito que foi essa produção sobre a História do Brasil que elegeu Rocha Pombo para ocupar a Cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras em 1933. Na época foram realizadas diversas homenagens, lembrando as atuações do paranaense como professor e como escritor da História do Brasil. Entretanto, Rocha Pombo não é empossado ao cargo devido a sua morte, em 26 de junho do mesmo ano. O paranaense em toda a sua vida fez o que mais gostava: dedicou-se à escrita e ao magistério. Em contrapartida, morreu pobre, entre seus livros.

1.2 O COMPENDIO DE LA HISTORIA GENERAL DE AMERICA (1910/1913) DE CARLOS NAVARRO Y LAMARCA

¹¹ Outro manual didático sobre a História do continente é o História da América para escolas primárias cuja segunda edição é de 1904. Era a minha intenção inserir esse manual nesta pesquisa, mas por não encontrar nenhum outro com proposta semelhante e limite temporal aproximado, em conversas com o professor Itamar Freitas, decidimos retirá-lo da análise deste trabalho, mas posteriormente, publicar os resultados encontrados em trabalhos posteriores.

¹² Em 1917, Rocha Pombo teve a oportunidade de visitar Sergipe por 22 dias (especificamente as cidades de Aracaju, Santo Amaro, São Cristóvão e Neópolis) e as suas impressões foram registradas no livro Notas de viagem: norte do Brasil (1918). Chamou a atenção do historiador a paisagem, as fábricas de tecido e de óleo de coco, além das salinas. Dentre os sergipanos que foram apresentados a Rocha Pombo, constam o historiador Armindo Guaraná (1848-1924) e o poeta Hermes Fontes (1888-1930), além das visitas oficiais à Biblioteca Pública, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (onde foi empossado sócio honorário em 15/08/1917) e da Escola Normal do Estado, na qual teve a oportunidade de assistir algumas aulas (SILVA, 2012).

Quando me referi ao Compendio de Rocha Pombo, afirmei que as suas obras sobre a História da América eram pouco conhecidas: o mesmo ocorre com Carlos Lamarca. As informações sobre o historiador argentino e suas produções são escassas: não encontrei nenhum estudo biográfico, nem dados sobre a atuação na Argentina, à exceção de raras referências (de autores espanhóis e argentinos) que tentarei reuni-las nesta pesquisa com o objetivo de tentar desvendar alguns aspectos sobre a trajetória intelectual de Carlos Lamarca.

Eu tive acesso ao Compendio de la Historia General de America (ANEXO B) ao acaso: pesquisando alguns livros de História da América em sebos virtuais, chamou-me a atenção uma obra em espanhol com a data de edição próxima à do Compendio de Historia da America. No primeiro momento, pensei que seria interessante trabalhar com as duas visões: a de um autor e uma obra até então desconhecidos por mim e a de Rocha Pombo. Assim que adquiri as duas edições do Compendio, percebi o quanto tive sorte em “descobrir” os manuais: além da dedicatória aos professores argentinos e à cidade de Buenos Aires, as imagens e as discussões me fizeram ter a certeza de que o manual me seria útil no mestrado.

Entretanto, na medida em que pensava em diversas maneiras de comparar os manuais de Rocha Pombo e Lamarca, deparei-me com algumas dúvidas: quem foi Carlos Navarro y Lamarca? Porque tão poucas referências ao historiador e a sua produção? Apesar de no próprio Compendio (nos elementos pré-textuais) constarem algumas informações sobre as ideias e a biografia de Lamarca e também estarem presentes, no prólogo, apresentação e capítulo preliminar, algumas respostas para as minhas questões (como qual a sua visão de História e definição de História da América, dentre outras informações relevantes para essa pesquisa), ainda tinha algumas dúvidas sobre o historiador argentino e o seu manual didático¹³.

No Compendio, o perfil intelectual de Lamarca é o primeiro elemento pré-textual: está no Prólogo e foi escrito pelo professor catedrático da História América da Universidade Central de Madri: Eduardo de Hinojosa (1852-1919). Nele, Hinojosa informa que, quando jovem, Carlos Lamarca foi professor de História da América no Colégio Nacional de Buenos Aires e que após essa experiência, o argentino continuou a se dedicar ao estudo da História americana, concluindo o doutorado em Direito e Ciências Históricas pela Universidade de Buenos Aires e em Ciências Históricas pela Universidade Central de Madri.

¹³ Principalmente no que concerne ao perfil biográfico, para a pesquisa histórica, seria essencial se encontrasse outros depoimentos e fontes sobre o manual e Lamarca, mas esse é um dos problemas de trabalhar com obras “desconhecidas”.

Segundo Hinojosa, em seus escritos, Carlos Lamarca demonstra ser um espírito sereno e imparcial e o *Compendio* é o resultado do grande conhecimento que o argentino adquiriu das fontes literárias, monumentais e do seu domínio da bibliografia antiga e moderna sobre o continente, além da sua experiência ao pesquisar os museus e bibliotecas europeias e americanas. Por fim, o espanhol defende que o mérito do manual de Lamarca é o uso frequente e discreto do método comparativo, além de sua utilidade pedagógica e científica (HINOJOSA apud LAMARCA, 1910, p. V-VIII).

Outras informações adicionais que encontrei sobre Carlos Navarro y Lamarca foi a sua atuação na Revista *Helios*: uma publicação literária espanhola que era dedicada à promoção da estética modernista no país. Ao todo, foram publicados onze números entre abril de 1903 e fevereiro de 1904 e que continham poemas, traduções, prosas poéticas e pequenas críticas. Um dos fundadores da Revista, o espanhol Juan Ramón Jiménez, escreveu uma carta, em 1902, a Rubén Darío que melhor explica as intenções dos editores:

[...] querido maestro: cinco amigos míos, y yo vamos a hacer una revista literaria seria y fina: algo como el *Mercure* de France: un tomo mensual de 150 paginas, muy bien editado. Nosostros mismos costeamos la revista; así, puedo decir a usted que vivirá mucho tiempo, es cosa madura y muy bien calculada. Nada de lucro; vamos a hacer una revista de ensueño; trabajaremos por el gran placer de trabajar. En fin, basta esta afirmación: es una cosa seria [...] (JIMÉNEZ apud GHIRALDO, 1945, p. 14-15)¹⁴.

De acordo com os editores, *Helios* tinha dois princípios básicos: a busca de um ideal de beleza modernista e a exaltação da liberdade. A edição da Revista ocorre em uma época em que se procurava retomar as relações entre a Espanha e a América Espanhola, tanto no campo político quanto cultural. Um dos objetivos de *Helios* era divulgar um sentimento de solidariedade hispânica, no qual se objetivava unir todos os países de língua espanhola, pois no início do século XX, alguns líderes espanhóis defendiam que as suas antigas colônias na América estavam ameaçadas pelo poderio norte-americano e iniciam a divulgação, através da imprensa, periódicos, jornais e livros de ideias, sobre a consciência da unidade do destino histórico entre os países, afirmando os vínculos culturais entre os mesmos (FOGUELQUIST, 1955)¹⁵.

¹⁴ “[...] querido professor: cinco amigos e eu vamos fazer uma revista literária séria e fina: algo parecido com o “*Mercure*” da França: uma publicação mensal de 150 páginas, muito bem editada. Nós mesmos custearemos a revista; assim, posso te dizer que durará muito tempo, pois é coisa madura e muito bem calculada. Nenhum lucro; vamos fazer uma revista dos sonhos; trabalharemos pelo grande prazer de trabalhar. Por fim, esta afirmação: é algo sério” (JIMÉNEZ apud Ghiraldo, 1945, p.14-15).

¹⁵ Uma forma de confirmar isso é o convite para publicação dos editores da Revista a escritores colombianos e venezuelanos, além de estudiosos sobre a Revista denominarem esses autores como participantes da “Geração de 98”: um grupo de intelectuais que objetivava, através dos aspectos culturais, reaproximar a América hispânica da Espanha (GHIRALDO, 1945).

Carlos Lamarca era um dos seus editores (o único estrangeiro entre os espanhóis) e quando se referiam a ele, chamavam-no de “hispanoamericano” ou “argentino”, além de ser classificado como um sócio capitalista da revista. Conhecedor da literatura inglesa e norte-americana foi função de Lamarca comentar e traduzir as obras de Shakespeare. Um dos artigos publicados por Lamarca na Helios é o “Del Quincey. *El vuelo de los sueños*” (1903), no qual o argentino enfatiza, especialmente, o teor do personagem Quincey ao mistério, sonhos e simbolismo profundo no meio artístico e espiritual (MACKLIN, 2002) ¹⁶.

Segundo Laura Campillo e Ángel Pujante, Lamarca era um admirador dos dramas históricos de Shakespeare, pois ele acreditava que nesses dramas não eram alterados a essência dos fatos históricos, não se perdendo, assim, a ideia de História. Dessa forma, para o argentino as obras de Shakespeare informavam sobre os acontecimentos históricos da época e determinavam a sua existência, sua natureza e filosofia moral (CAMPILLO; PUJANTE, 2007).

Apesar das intenções de Juan Ramón Jiménez, a Helios teve curta duração: depois de onze números, a Revista deixou de ser editada, sendo que poucos exemplares foram conservados (GHIRALDO, 1945).

Residindo na Espanha, Lamarca escreveu os dois tomos do Compendio de la Historia General de America (1910/1913) que são dedicados aos professores argentinos e ao centenário da independência da República Argentina (1810-1910). É no primeiro tomo que constam o Prólogo de Eduardo Hinojosa e mais dois elementos pré-textuais: a dedicatória “a los maestros” (aos professores) e o capítulo preliminar. A dedicatória foi escrita em Madri, em primeiro de dezembro de 1910 e nela Lamarca assegura que o seu manual está adaptado às necessidades da educação argentina (sem especificar quais seriam) e que foi confeccionado da mesma forma que os utilizados nos colégios e universidades norte-americanos e europeus, tanto no que se refere à composição material quanto ao texto e à metodologia, além de acompanhar os estudos modernos na área de História da América e suas disciplinas auxiliares.

Ainda nessa dedicatória, Lamarca afirma que, seguindo orientações expressas dos editores, pesquisou em arquivos espanhóis e na Biblioteca do Museu Britânico todas as notícias e documentos referentes à América e que são úteis para o conhecimento verdadeiro de sua História. De tal modo que dentre as fontes pesquisadas pelo argentino foram escolhidas as fontes primárias ou secundárias e os livros consagrados pelos críticos como fundamentais e fidedignos aos seus objetos de estudo.

¹⁶ Segundo Julio Cejador y Frauca, Carlos Lamarca traduziu a Tragédia “Julio Cesar” e o livro foi uma publicação póstuma, editado em 1922 (FRAUCA,1919).

Essa preocupação de Lamarca com as fontes é explicada quando se tem conhecimento de um dos objetivos do seu manual didático: após assegurar que não existia, ou pelo menos não conhecia, um livro espanhol ou estrangeiro em que poderiam estar selecionadas as fontes principais (primárias, secundárias, especiais ou gerais) das quatro épocas da História Geral da América (América pré-colombiana, Descobrimento, Conquista e Independência), era a sua intenção fazer isto. Portanto, o Compendio era um manual que tinha por objetivo apresentar uma Bibliografia Geral da América (com listas de referências) e de proporcionar ao leitor o minucioso trabalho de seleção das fontes, pois Lamarca acreditava que, ao apresentar as fontes e permitir que o professor (ou erudito) as elegesse, seriam elucidados os muitos problemas da História da América¹⁷.

Dessa forma, os professores, através do seu critério pedagógico, escolheriam as obras para as suas futuras monografias e desenvolveriam o espírito investigativo nos seus alunos. Após isso, os mestres ensinariam aos alunos sobre esse “novo espírito americano”, cumprindo o verdadeiro papel pedagógico do manual de Lamarca: avivar na juventude americana o patriotismo (LAMARCA, 1910, p. XXXII).

Por fim, Lamarca reconhece que devido às dificuldades científicas e materiais para escrever uma obra como a sua e ao tempo gasto para escolher e reproduzir as ilustrações, a edição do manual demorou muito, mas caberiam aos professores argentinos, após se darem conta do trabalho intelectual realizado, compreenderem (LAMARCA, 1910, p. XIII-XVII). O próprio argentino, em tom de conversa com o leitor, apresenta e define o seu manual didático:

[...] he aqui mi obra. En ella he puesto todo lo que soy y todo lo que valgo, todo el fruto de mis meditaciones y lecturas históricas, todos los resultados de mis investigaciones críticas. Confieso que al lanzarla á la publicidad siento como si me desprendiera de algo que forma parte de mi alma, de mi ser íntimo. Ha sido para mí durante años sereno refugio de dolores, asilo de entusiasmos y añoranzas. Héla aquí... Pobre ó rica, útil ó inútil, la oferezco, como es á los Maestros Argentinos. Si de otra cosa no sirve, les recordará al menos que, á pesar del tiempo y la distancia, estoy siempre con ellos y conservo vivo en mi espíritu el amor á la brillante juventud Argentina, que con sus ejemplos supieron inculcarme (LAMARCA, 1910, p. XVII)¹⁸.

¹⁷ Dentre esses problemas citados por Lamarca estava o constante uso das lendas e dos relatos dos cronistas do século XV/XVI.

¹⁸ “[...] Este é o meu trabalho. Nele, coloquei tudo o que sou e o que valho todo o resultado de minhas meditações e leituras históricas, todos os resultados das minhas investigações críticas. Confesso que, ao publicá-la, sinto como se eu perdesse algo que faz parte da minha alma, do meu íntimo. Tem sido para mim durante anos um calmo refúgio de minhas dores, um lugar de entusiasmos e de nostalgias. Aqui está ela...Pobre ou rica, útil ou inútil, a ofereço aos Professores Argentinos. Se de nenhuma outra coisa os servir, lhes peço que recordem, ao menos que, apesar do tempo e da distância, estou sempre com vocês e conservo vivo em meu espírito o amor à brilhante juventude argentina, cujos exemplos os trago comigo” (LAMARCA, 1910, p. XVII) .

É no “Capítulo Preliminar” que o argentino discute sobre a História; seus objetos e métodos; arquivos e museus; coleções de documentos; monografias (denominadas de “autoridades”); mapas e estudos fisiográficos; metodologia e, por fim, a sua definição de História da América.

Sobre a ideia de História, Lamarca defende que um dos maiores méritos da disciplina é investigar a continuidade, os efeitos e causas dos fatos históricos. Seguindo esse princípio, assegura que o verdadeiro objeto da História é:

[...] el estudio de la unidad social, del desenvolvimiento progresivo de la personalidad de un pueblo, raza ó conjunto de pueblos que se desarrollan por el medio y la acción, hasta perecer, ó constituir agrupaciones sociales definidas y resistentes (LAMARCA,1910, p. XXII)¹⁹.

Para alcançar esse objetivo, o argentino define as fontes como materiais originais que servem para o historiador construir as suas relações, ou seja, as “progenitoras da História”, que são os restos do passado de onde se derivam o conhecimento do mesmo (LAMARCA, 1910, p. XXXI).

Umas das bibliografias indicadas pelo argentino sobre o uso das fontes é o livro dos franceses Langlois (Figura 5) e Seignobos: “*Introduction aux études historiques*” (1898). Considerada um clássico dos estudos historiográficos, esta obra, além de dissertar sobre as características e limites do conhecimento, aborda uma das maiores preocupações de Lamarca: os métodos históricos.

Figura 5: Charles Victor Langlois (1863-1929)



Fonte : <http://www.historiaemperspectiva.com/2012/01/charle-victor-langlois-1863-1929-e.html>

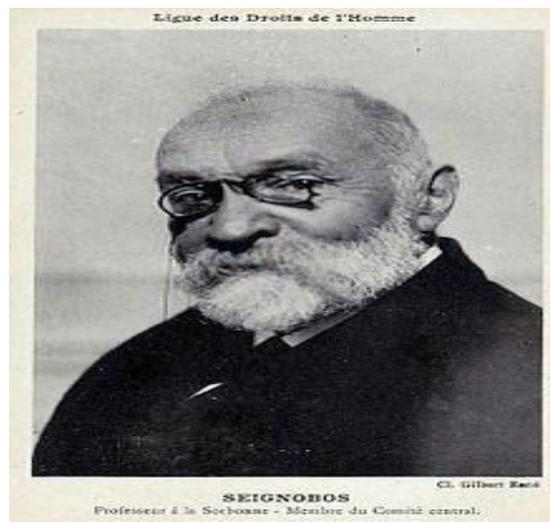
Ao analisar o Compendio de Lamarca e o livro de Langlois e Seignobos, percebo algumas apropriações do historiador argentino: cito como exemplo a preocupação com as

¹⁹ “[...] o estudo da unidade social, do desenvolvimiento progresivo da personalidade um povo, raça ou conjunto de povos que se desenvolvem através do meio e da ação, até morrer, ou constituir agrupaciones sociais definidas e resistentes” (LAMARCA,1910, p. XXII).

fontes, com o método histórico e as ciências auxiliares. Com relação ao estudo das fontes, os autores franceses afirmam que “sem documentos não existe História” e esta é uma das teses mais importantes do manual de Lamarca. O argentino afirma que a interpretação dos documentos históricos é de extrema importância para que se encontre a verdade, pois é com a busca dessa verdade que a disciplina se libertará da memorização, das “viejas disciplinas escolares” (velhas disciplinas escolares) e adentrar no mundo da natureza humana, abandonando as antigas aulas marcadas de “lecciones aburridas de memoria”(lições chatas de memória) (LAMARCA, 1910, p. XXI)²⁰.

Compactuando com os autores franceses (ao defenderem que a pesquisa e a coleção de documentos são tarefas importantes no labor histórico), Lamarca fornece ao leitor, ao final de cada capítulo uma lista de referências: as especiais, gerais, fontes, especiais para a América do Sul, Norte ou Central e a bibliografia. Diante de tantas referências é notável o cuidado do argentino em listar essas obras para os professores, pois são eles quem irão escolher, diante da listagem, a mais apropriada para usar em sala de aula. Essa é mais uma das indicações de Langlois e Seignobos (Figura 6) para o trabalho histórico: apresentar diferentes pontos de vista que já foram publicados sobre determinados fatos históricos (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1898).

Figura 6: Charles Seignobos (1854-1942)



Fonte : <http://abracadabra201217fuistepiste.blogspot.com.br/2012/06/charles-seignobos.html>

Outra apropriação que Lamarca fez dos autores franceses é quanto à aproximação da História com as ciências auxiliares: a função destas ciências é ajudar na compreensão e interpretação das fontes. Com isso, o argentino elege algumas ciências como a paleografia,

²⁰ Carlos Lamarca não especifica que disciplinas seriam.

linguística, dentre outras, mas a que ele julga como essencial para o estudo da História da América é a geografia, pois é da relação entre a História e a geografia que o pesquisador adquire uma das principais fontes para o estudo do homem americano: a cartografia.

Para Lamarca, a cartografia histórica é indispensável ao estudo do continente e após a junção da cartografia com os estudos fisiográficos, o argentino acredita que podem ser encontrados os motivos e as causas de acontecimentos históricos que, à primeira vista, aparentam ser casuais ou inexplicáveis. Portanto, ao pesquisar as fontes de outras disciplinas, o historiador ocupa um papel importante:

[...] el historiador lo construye, recoge los estudios de Filología Americana, de Arte Americano, de Etnología, etc; los reúne en un todo artístico proporcionado y continuo, les da unidad y vida, y hace, en una palabra, Historia de América (LAMARCA, 1910, p. XXII)²¹.

Sobre o método histórico, Carlos Navarro o define como uma ordem que se segue nas diversas ciências com o objetivo de encontrar e ensinar a verdade. Dessa forma, o argentino, seguindo a corrente teórica científicista recrimina o uso dos misticismos e especulações na experiência americana e defende o empirismo e a erudição, salientando a importância das fontes históricas e das disciplinas auxiliares.

Essa defesa é também uma apropriação das ideias de Langlois e Seignobos: para os autores franceses, a verdade em um documento histórico é encontrada através da crítica que se inicia com a análise do documento. Segundo os autores, existe uma necessidade da História crítica, pois a ciência histórica não é apenas uma ciência direta de observação. Diante disso, cabe ao historiador, ao analisar uma fonte, fazer as seguintes questões: “O que o autor quis dizer? Ele acredita no que diz? Como se justifica?” (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1898).

É com essas indicações que Lamarca propõe o que considera um ensino de História ideal: através de Seminários Especiais, com mapas, coleções de fontes, nos quais os alunos, monitorados pelos professores, interpretavam sozinhos os documentos históricos, exercitando assim, o espírito crítico. O resultado influenciaria na formação do aluno que se acostumaria a investigar e a julgar por si mesmo a veracidade dos fatos históricos, não precisando mais memorizá-los, pois veriam, sentiriam e verificariam, através de sua inteligência e do seu trabalho, a verdade histórica (LAMARCA, 1910, p. XXXI-XXXII).

Com a definição de um ensino de história ideal, Carlos Lamarca finaliza a explicação de suas escolhas metodológicas e teóricas. O historiador argentino discute e indica

²¹ “O historiador constrói, recorre aos estudos de Filologia Americana, de Arte americana, de Etnologia, etc; os reúne em um todo artístico, proporcionado e contínuo, lhes dá unidade e vida, e faz, em uma palavra, História da América” (LAMARCA, 1910, p. XXII).

bibliografias sobre dez temas relativos à pesquisa histórica: a sua definição de História Geral da América (que discuto no próximo tópico); a extensão e os objetos da ciência histórica (cuja ênfase é a separação da História e da Sociologia); as divisões e definições de cada etapa da História americana (América indígena, descobrimento, conquista, América colonial, independência); as fontes; a importância dos arquivos e dos museus; as coleções de documentos; as autoridades (monografias, tratados ou livros de História baseados nas fontes); as bibliotecas e bibliografias; os mapas e os estudos fisiográficos; e, por fim, a metodologia (que o argentino define como as normas que cada ciência possui para encontrar e ensinar a verdade).

Finalizadas as escolhas metodológicas e teóricas de Lamarca no Compendio, encontrei mais três manuais didáticos escritos pelo argentino sobre a História da América, conforme quadro abaixo:

Quadro 2- Os manuais didáticos de História da América escritos por Carlos Lamarca

Título	Editora	Ano
<i>Apuntes de Historia Americana</i>	Angel Estrada y Comp.	1894
<i>Compendio narrativo-bibliográfico de la historia general del continente americano</i>	Angel Estrada y Comp.	1910
<i>Compendio de Historia hispano-americana</i>	Foresman and Company	1925

Fonte: Quadro dos manuais didáticos de História da América escritos por Carlos Lamarca elaborado pela autora.

Assim como ocorre no Compendio de la Historia General de America, as informações sobre esses manuais também são escassas, mas os três também estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional Espanhola (<http://www.bne.es/es>).

1.3 RECONHECER PARA O PROGRESSO: O ENSINO DE HISTÓRIA DA AMÉRICA NO BRASIL E NA ARGENTINA (XIX/XX)

Entre o final do século XIX e o início do XX foram retomados os discursos que defendiam a associação da História do Brasil e da Argentina com as demais nações do continente, com o intuito de unir ou até divulgar a experiência dos outros países da América. São nessas discussões que se encontram as teses sobre o “reconhecer-se” latino-americano, entretanto, destaco que estas ideias não podem ser “datadas”, pois sempre existiram e permanecem até os dias atuais.

Com os manuais didáticos de Pombo e Lamarca a situação não foi diferente: ambos objetivavam divulgar a História americana em seus países. Apenas Rocha Pombo tinha a intenção de, além de divulgar, escrever uma História integrada, pois o paranaense acreditava que só através da união dos países, o continente superaria os males trazidos pela colonização.

Diferenças à parte, os autores concordam sobre a situação do ensino de História da América, (no Brasil e na Argentina): ele é o menos completo, tanto nos estabelecimentos particulares quanto nos oficiais. Para compreender os discursos de Rocha Pombo e Carlos Lamarca é necessário inseri-los em suas especificidades, pois entendo que estão relacionados ao contexto histórico em que foram construídos e também se vinculam às concepções e interesses político-ideológicos dos seus sujeitos formadores.

A Argentina, no final do século XIX e XX, passava um período de instituição e manutenção de uma ordem política e social conservadora, pois não mais existia o cenário de disputas entre as províncias que buscavam autonomia versus o regime unitário, caracterizado pela centralização do poder na cidade de Buenos Aires. O fim dessas disputas suplantou uma hegemonia governamental unificada, cujo centro de decisão era a capital da Argentina (FRANCO, 2003).

Com essa unificação, Buenos Aires teve um crescimento demográfico, impulsionado principalmente pela chegada maciça de imigrantes entre os anos de 1895-1911. O aumento da imigração se tornou uma justificativa para uma maior preocupação do governo com o nacionalismo no país, havendo o propósito de uma educação patriótica (o que Adrián Ascolani denomina de “catecismo patriótico”) frente a esses imigrantes, em que o direito dos indivíduos se associava ao direito do Estado (ASCOLANI; VIDAL, 2009)²².

No Brasil, os anos finais do século XIX representaram um período de recessão e instabilidade, devido, em grande parte, a duas crises: a econômico-financeira do pós-guerra do Paraguai (1864-1870) e a político-institucional da monarquia, devido às questões servis, religiosas e militares.

²² A preocupação com os estrangeiros se faz perceber na “Ley de Residencia” (1902), que instituía a deportação de estrangeiros que semeassem a inquietude na sociedade argentina (ASCOLANI; VIDAL, 2009).

A proclamação da República (1889) foi o momento propício para o retorno das discussões, antes já existentes no Império, sobre os rumos da política e da educação nacional. A preocupação não era apenas com a consolidação do Estado, mas também com a tão almejada identidade, considerada essencial para a integração do país.

É nesse período que (no Brasil e na Argentina) a educação retorna a assumir a função de “moldar” o povo, pois se acreditava que somente através da educação é que poderiam construir uma ideia de nação, proporcionando assim, a civilização e o progresso.

Dessa forma, com a proclamação da República no Brasil e o poder unificado na cidade de Buenos Aires, a educação e o ensino escolar foram questões prioritárias no desenvolvimento dessas nações independentes, tanto no que concerne às estratégias de controle e ordenamento social quanto na formação e consolidação de uma identidade (ASCOLANI; VIDAL, 2009).

Essas mudanças no Brasil e na Argentina também ocorrem no mesmo período das discussões provocadas por dois movimentos político-ideológicos que marcaram as relações entre os países americanos: o pan-americanismo e o arielismo. Para exemplificar ambos, associei o pan-americanismo à realidade brasileira e o arielismo à América espanhola e Espanha, devido a aproximação das discussões de Lamarca e Pombo a esses movimentos. Não é meu objetivo classificar ambos em blocos ideológicos (um do pan-americanismo e outro do arielismo), mas analisar as duas representações nas discussões sobre o futuro da América entre o final do século XIX e início do XX: associar-se aos Estados Unidos ou à Europa.

O início oficial do pan-americanismo foi na Primeira Conferência Internacional Americana, em Washington (EUA), que ocorreu entre os dias 2 de outubro de 1889 e 19 de abril de 1890. O seu mentor foi o secretário de Estado norte-americano James Blaine, mas antes mesmo do início da conferência em outubro, a expressão “Pan-America” já aparecia em jornais norte-americanos. Após a conferência, o termo pan-americanismo se difundiu e passou a denominar um conjunto de políticas de incentivo à integração dos países americanos sob a liderança dos Estados Unidos (LOBO, 1939)²³.

A partir de 14 de abril de 1890 (data que posteriormente se tornaria o “Dia das Américas”), o pan-americanismo começa a ser difundido entre os países da América do Sul e Central, ocorrendo encontros periódicos durante a primeira metade do século XX.

²³ A presença dos Estados Unidos na América do Sul e Central era vista por dois lados: admiração e desconfiança. Admiração pelo poderio econômico do país e desconfiança devido às suas intenções expansionistas (RAMOS, 2012).

No Brasil, as discussões sobre o pan-americanismo ocorrem no momento da transição entre o regime monárquico e republicano, no qual há um fortalecimento do americanismo no país, sendo que o exemplo norte-americano ganha adesão efetiva de políticos brasileiros. Nesse período, duas vertentes eram debatidas nos jornais: uma que valorizava a tradição ibérica (associada ao período monárquico dos Bragança) e outra, do modelo republicano e liberal-democrático dos Estados Unidos. Deste modo, muitos intelectuais foram buscar nas experiências da América Hispânica ou da América do Norte exemplos para reforçar suas concepções políticas, fossem monárquicas ou republicanas.

Segundo os defensores da primeira vertente (como Eduardo Prado e Oliveira Lima), o governo da Família Imperial Brasileira (1822-1899) se caracterizou pela estabilidade, manutenção da unidade territorial e do progresso do país. Outra característica dessa vertente era a valorização das heranças portuguesas e católicas brasileiras em contraposição aos ideais do pan-americanismo. A segunda (que teve o apoio de Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha) vertente defendia que o modelo republicano e liberal-democrata dos norte-americanos ajudaria o Brasil na superação do seu atraso (em relação à realidade da América do Norte).

O resultado foi que os defensores do pan-americanismo ganharam um maior destaque na imprensa e essas ideias permearam as relações entre o Brasil e a América do Sul e Central, sendo justamente nessa época em que as representações de uma “outra” América (a espanhola) violenta, instável e anárquica aumentaram, nos jornais e revistas e nos manuais escolares (BAGGIO,2009).

Quanto ao arielismo, me parece que, no Brasil, não houve tanta adesão quanto em outros países da América. O uruguaio José Enrique Rodó (1872-1917) é o autor do ensaio “*Ariel*” (1900) e é considerado o porta-voz do pensamento idealista da América Hispânica, no qual se evitava a interferência dos Estados Unidos no continente, mas aceitava a europeia.

O ensaio *Ariel* se insere nas produções hispano-americanas durante os séculos XIX e XX e teve destaque pela divulgação de reflexões e questionamentos acerca da identidade americana, tendo como base a Europa, principalmente com o modelo espanhol. No campo político, em 1898, ocorre a Guerra Hispano-Americana, na qual os Estados Unidos derrota a Espanha e outras potências europeias e um dos resultados do conflito foi a independência de Cuba, por intermédio do auxílio militar norte-americano e a consequente dependência política e econômica do país.

A Guerra Hispano-americana foi essencial para a retomada do diálogo entre a Europa e a América do Sul e Central, além do delineamento de projetos que objetivavam a construção da identidade dos países americanos, dando origem a discussões e à adoção de modelos e

símbolos para o continente. Dentre essa simbologia, destaca-se o arielismo: o termo é advindo do ensaio de Rodó e Ariel foi um personagem da peça “A tempestade”, de Shakespeare. Outro personagem da peça de Shakespeare que também é utilizado nas ideias do arielismo é o Calibã, que foi citado no artigo do nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), “El triunfo de *Calibán*”. Para melhor compreender essa relação entre os personagens de Shakespeare e o arielismo, apresento algumas informações acerca das características de Ariel e Calibã:

[...] As duas personagens são escravas de Próspero, um duque milanês exilado em uma ilha. Afastado da política para se dedicar aos estudos de artes obscuras, Próspero é deposto pelo irmão, sendo forçado a fugir. Desembarcando na ilha que é cenário da peça, o ex-duque encontra seus dois habitantes originais, que são exatamente os citados Ariel e Calibã. Ambos tornam-se escravos de Próspero, após o milanês tomar posse do território, utilizando seus conhecimentos, que lhe conferem poderes mágicos. Porém, a postura adotada pelos dois diante da própria servidão é o que marca as interpretações americanas da obra. Ariel é um ser etéreo, sem forma definida, que possui poderes mágicos, servindo Próspero de maneira submissa, à espera de uma eventual libertação, que é concedida ao final do enredo. Calibã, por sua vez, realiza os serviços braçais e sofre castigos físicos por parte do mestre, sendo um escravo revoltado que traça planos contra Próspero (VAUGHAN, A.; VAUGHAN, V. apud TURATTI, 2012, p.240).

Com as características dos personagens, Ricardo Turatti exemplifica como Rodó os utilizou para simbolizar a América:

[...] E, nesse sentido, percebe-se que Ariel é um ser espiritual, mágico, enquanto Calibã é um ser tosco e disforme. Ariel serve pacientemente, mesmo desejando, de forma intensa, sua liberdade, pois prefere seduzir seu mestre por meio de um bom comportamento do que atingir sua libertação através da revolta. E é esse modelo de comportamento que será proposto para a América por Rodó e pelos autores da “Geração de 98”, os intelectuais que defendiam o projeto de uma América arielista, em oposição à impetuosidade calibanesca, que será associada com os Estados Unidos e com o materialismo (TURATTI, 2012, p.240).

A “América arielista” defendida por Rodó, e outros intelectuais, divulgava que se o continente seguisse o modelo de cultura europeia, estaria no caminho correto, pois voltaria às suas origens. Acredito que em alguns momentos o arielismo aparece como uma formulação do modelo de reivindicação e exaltação de uma maneira própria de ser: a latina, sendo além de um conceito que propunha a integração e unidade cultural latino-americana, um mito maniqueísta sobre o futuro do continente, no qual os Estados Unidos representavam o mal e a Europa o bem.

Nesse sentido, o arielismo expressa uma idealização da cultura ibérica na América, sendo representada como um modelo de nobreza e de elevação espiritual, sempre em contraposição à cultura materialista e positivista dos Estados Unidos, classificada por Rodó

como grosserias contra o ser humano. Assim, a crítica era maior contra o modelo anglo-saxão, especialmente em sua versão norte-americana, que conquistava líderes políticos da América do Sul e Central através da divulgação do *american way of life*: o culto da energia individual, da saúde, da força e da destreza, todos voltados para o bem-estar imediato, para a prosperidade material (ORDIZ, 2012).

Nessas discussões sobre o futuro do continente são promulgadas e divulgadas no Brasil e na Argentina propostas de legislações e reformas educativas que discutiam sobre o lugar da História da América na educação escolar.

Em um artigo sobre as reformas educativas, Silvana Gvirtz, Diana Vidal e Maurilane Biccas defendem que o estudo destas possibilita a compreensão da multiplicidade dos sujeitos sociais, dos sentidos produzidos nas lutas e do olhar acadêmico inserido na discussão e construção das referidas reformas. Outro aspecto que as autoras discutem é que as reformas não podem sempre associar-se à palavra mudança, pois existem aquelas que mudam pouco ou até quase não mudam o sistema educacional (GVIRTZ et al. apud ASCOLANI; VIDAL, 2009).

Com relação às reformas educativas na Argentina, durante o período de 1868/1912/1916, o Estado implementou um sistema de ensino público e de âmbito nacional, adquirindo destaque a Lei 1420 ou Lei da Educação Comum, que foi sancionada em 8 de julho de 1884, e dentre os seus objetivos estava a homogeneização da instrução argentina.

Os principais antecedentes da Lei 1420 foram a Lei francesa Jules Ferry (28/03/1882) (que tornava obrigatório o ensino primário às crianças de ambos os sexos com idades entre 6 e 13 anos) e o Primeiro Congresso Pedagógico Argentino e Sul-Americano. Realizado em Buenos Aires nos meses de abril e maio de 1882, dentre os temas debatidos no Congresso estão: os problemas da sociedade latino-americana; a função do Estado na educação; a gratuidade do ensino; o ensino universal e a vinculação de educação ao conceito de cidadania (SOARES, 2007).

Um dos propósitos da Lei 1420 era regular a educação primária e fixar a obrigatoriedade de ensino para crianças de 6 a 14 anos, além de garantir a gratuidade e a laicidade do ensino, determinando os conteúdos básicos da instrução. Com isso, o Estado seria o provedor das escolas, garantindo o atendimento a toda a população em idade escolar²⁴.

²⁴ Devido às constantes discussões sobre a laicidade na educação, os católicos, quando se viram derrotados, abandonaram o Congresso Pedagógico e os liberais conseguiram retirar a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas argentinas. Com a Lei 1420, o ensino religioso passaria a ser lecionado apenas nas escolas públicas após a comunhão das crianças e de sua família e no período antes ou depois das horas de aula (SOARES, 2007).

Com relação aos professores das escolas públicas, eles tinham a função de cumprir a Lei, os programas (conteúdos escolares) e o regulamento. Como uma tentativa de controlar a atuação dos professores, regular o ensino primário e de centralizar as decisões, o Estado argentino criou o Conselho Nacional de Educação, ligado ao Ministério da Justiça e da Instrução Pública, cujas atribuições e deveres (previstos na Lei 1420) era o de prescrever e adotar os livros didáticos mais adequados para as escolas públicas, favorecendo a sua edição e melhoria, através de concursos e outros estímulos, assegurando assim, a sua adoção uniforme e permanente a preços modestos.

Segundo a Lei 1420, a Revista “El monitor de la educación comun” era o meio de divulgação oficial do Conselho Nacional de Educação. Publicada pelo Ministério da Educação, a Revista começa a circular em 1881 e era entregue gratuitamente nas escolas, destinando-se ao público em geral e também aos inspetores e visitantes escolares²⁵.

Para Silvia Finocchio, “El monitor de la educación comun” foi uma Revista paradigmática do sistema educativo argentino e as suas temáticas eram sobre os edifícios escolares, materiais educativos, sistemas de inspeção e assistência escolar, além das transcrições das Conferências Pedagógicas (FINOCCHIO, 2009).

A Lei 1420 se tornou uma referência nos estudos da História da educação argentina. Segundo Silvana Gvirtz, esta Lei tem sido considerada um marco inicial na constituição do sistema educativo, o que exclui a possibilidade de tratá-la como uma reforma educativa. Apesar de sua importância, ela é classificada como ineficiente e de pequena abrangência porque não incluía as províncias do país (GVIRTZ et al. apud ASCOLANI; VIDAL, 2009).

O Compendio de Carlos Lamarca se insere entre duas legislações importantes para a educação escolar argentina: a citada Lei 1420 (1884) e a Lei Orgânica (1908). A Lei Orgânica propunha que a disciplina História da América fosse lecionada no quinto ano, sendo ministrada depois da História nacional e antes da História Universal. Pela falta de apoio político, a Lei Orgânica não foi aprovada no Congresso argentino, mas muitas de suas propostas foram aplicadas nas escolas argentinas e a História da América continuaria a fazer parte do currículo escolar do quinto ano.

Sobre o ensino de História na Argentina, na virada do século XIX/XX, uma de suas principais funções era a de unificar o relato sobre o passado histórico. Para Silvia Finocchio, esse ensino pode ser classificado em três fases: na primeira, havia a necessidade de saldar um passado recente, marcado por múltiplos conflitos gerados pelas tentativas de independência

²⁵ A partir de 1900, a Revista muda o seu público-alvo: não mais se destinando à hierarquia de inspetores e sim aos professores, que apareciam como leitores e autores dos artigos.

das províncias e das guerras civis; na segunda fase, a preocupação é como seriam incorporados os imigrantes ao passado de glórias do país; e, na terceira fase, os personagens eram os indígenas que deveriam assimilar uma História argentina que lhes excluía e que privilegiava a cultura europeia e cristã (FINOCCHIO apud DIAS, 2004).

Ainda sobre o ensino de História, como afirmado anteriormente, a revista “El monitor de la educación” era o órgão oficial do Conselho Nacional de Educação argentino e, em seus artigos, apresentava o ensino através de um duplo objetivo: o científico e o moral. Na escola primária, predominava o moral, sendo a narrativa marcada pela presença de lendas ou fantasias, nas quais os personagens principais eram apresentados como seres sobrenaturais que tinham uma vida extra-humana, cheia de mistérios inexplicáveis (FINOCCHIO, 2009).

É justamente contra este ensino que Carlos Lamarca se (in) dispõe: um ensino enciclopédico, baseado em decorar os fatos históricos sem pensar, refletir ou analisar, que privilegiava as lendas (então classificadas, muitas vezes, como erros históricos) e que não valorizavam a experiência do continente. Para Lamarca, dentre os benefícios do estudo da História da América, estava a valorização da História nacional, pois a Argentina, apresentada como um país forte, unido e que estava à frente das outras nações, teria a sua identidade nacional reforçada²⁶.

Definindo a História da América como o estudo da formação progressiva das unidades sociais, Lamarca procura relacionar estas unidades sociais entre si e comparar, de maneira sintética, as características do seu respectivo desenvolvimento. É com esta proposta de ensino de História americana que os professores adquirem importância: com o Compendio, o argentino pretende oferecer aos companheiros de cátedra algo digno deles e de seus constantes esforços para alcançar o progresso e engrandecimento da Argentina. Assim, os professores são os verdadeiros “juizes da bibliografia”. Esses juizes têm a função de elegerem, na bibliografia indicada (no manual), as obras mais convenientes para si e para o desenvolvimento crítico do aluno, que também tem que modificar a sua atitude com relação ao ensino de História da América, pois:

[...] los alumnos de los Colegios Americanos no pueden, pues, limitarse á memorizar lo que otros escribieron sobre su historia: deben acostumbrarse á investigar con paciência y á juzgar por si mismos sobre la veracidad de los hechos sometidos a su estudio (LAMARCA, 1900, p. XV)²⁷.

²⁶ A valorização do patriotismo está presente no que Lamarca diz ser o primordial objetivo pedagógico do Compendio: avivar na juventude o fogo sagrado do patriotismo (LAMARCA, 1910, p. XVI).

²⁷ Os alunos dos Colégios Americanos não podem pois, limitar-se a memorizar o que os outros escreveram sobre a sua história: devem se acostumar a investigar com paciência e a julgar por si mesmos a veracidade dos fatos submetidos ao seu estudo (LAMARCA, 1900, p. XV).

As críticas realizadas por Carlos Lamarca são semelhantes às efetuadas por Saavedra-Lamas (1878-1959) ao propor a Lei Orgânica da Instrução Pública de 1916. Segundo Saavedra-Lamas, o sistema educacional argentino da época não atendia às necessidades intelectuais de toda a população escolar, segundo idade, situação e tendências sociais.

Diante desse prognóstico, Saavedra-Lamas defende uma educação democrática, que prepare o aluno para servir ao Estado e à sociedade, além de favorecer as suas tendências e vocações. Seguindo este pensamento, o propósito primordial do ensino não seria o de transmitir todos os conhecimentos e conteúdos de uma ciência e sim seus princípios e métodos, que seriam úteis para disciplinar o espírito no estudo de uma categoria de fenômenos e suscitar a atividade da inteligência (que, para Lamarca, estava associada ao pensamento crítico do aluno).

Assim como defendia Lamarca, Saavedra Lamas assegura que o maior obstáculo para o estudo de uma matéria consiste na mudança dos temas sem afinidade (Lamarca denomina isso de lendas e fatos curiosos), já que não permitem que o aluno prenda a sua atenção em um ambiente mental definido, fator essencial para que se produza os estímulos fundamentais de aprendizagem e aperfeiçoamento.

De acordo com Lamas, a solução para este problema estaria na criação de uma escola intermediária, na qual coexistiria o ensino técnico e o prático, ambos conectados ao desenvolvimento econômico e industrial do país, seguindo os exemplos dos Estados Unidos, França, Alemanha e Inglaterra.

Nessa nova proposta de ensino, os conteúdos de História da América seriam lecionados juntamente com a História das civilizações medievais e modernas (tal qual o modelo brasileiro) e teriam a carga horária de seis horas semanais. Nas escolas normais, cujo objetivo era preparar os professores para lecionar e dirigir as escolas primárias, segundo a propostas de Lamas, a disciplina contaria com os conteúdos relativos à História pré-colombiana e contemporânea e a carga horária era de três horas semanais (SAAVEDRA-LAMAS, 1916).

Apesar da Reforma de Saavedra-Lamas não ter sido aprovada, além de ter sido uma referência para outras reformas implantadas na Argentina, ela é um bom exemplo para compreender as defesas de Lamarca sobre o ensino de História da América, como a valorização do senso crítico e da História das sociedades pré-colombianas.

No Brasil, o ensino de História da América não teve tanta influência das reformas educacionais (como no exemplo argentino). Com a instauração da República, no âmbito dos debates sobre a educação e a escola, aumentaram as críticas relativas à adoção do modelo

francês nos livros didáticos e no ensino de História, o que acarretou a valorização do passado e do exemplo europeu. Contra essa valorização da História europeia era proposta uma reforma no ensino nacional, na qual se apoiaria o conhecimento e o mérito da História do Brasil e do continente americano.

É na crítica ao modelo francês no ensino de História no Brasil que deve ser compreendido o manual didático de Rocha Pombo: com o objetivo de narrar e valorizar a História da América, acreditava-se que assim seria retirado o caráter colonialista que implementou um regime de subordinação e dependência, tanto econômica quanto histórica, do continente (GOMES et al., 2003).

Posso citar, como exemplo da situação do ensino de História da América no Brasil entre os séculos XIX/XX, o Colégio Pedro II, pois uma das semelhanças entre as experiências brasileiras e argentinas é a importância de dois colégios na propagação dos currículos escolares: o Colégio Nacional de Buenos Aires e o Colégio Pedro II. Assim como ocorria com o Colégio Nacional, os currículos do Pedro II serviam de modelo para os demais colégios do país e era a partir de alguns desses modelos que eram elaborados os manuais didáticos.

Nos currículos do Pedro II, a ideia de ensino de História era a de formar a identidade nacional mediante o conhecimento da civilização ocidental e cristã, sendo assim, pouco era o espaço reservado à História da América. O conteúdo da disciplina estava inserido na História Universal, sendo a sua principal temática demonstrar como as antigas colônias se tornaram Estados nacionais (GASPARELLO, 2004)²⁸.

Diante dessa realidade, segundo Circe Bittencourt, a História do continente, ao ser lecionada separadamente da História do Brasil, não poderia permitir um estudo sincrônico, ou até comparativo, o que provocou um difícil entendimento do Brasil como um país inserido na História americana. Assim, é possível perceber como, desde os primórdios do ensino de História da América no Brasil, o continente americano sempre foi tratado à parte, algo completamente distante e alheio à realidade nacional (BITTENCOURT, 2005).

Em 1899, a cadeira de História do Brasil foi extinta do Pedro II e os seus conteúdos foram transferidos para a de História Universal, fazendo parte da disciplina até 1922 (esses conteúdos eram tratados à parte, sem nenhuma correlação com a História americana). Entre os anos de 1893-1925, o professor de História Universal foi João Ribeiro que, como demonstrei anteriormente, ao escrever sobre o conteúdo de História da América, empregava os exemplos latino-americanos para destacar a imponência e importância do Estado nacional, além de ser

²⁸ Segundo Beatriz Santos, até o ano de 1920, a História da América pré-colombiana não constava nos programas curriculares do Pedro II (SANTOS, 2009).

um crítico de Rocha Pombo. Em suas aulas, o professor João Ribeiro utilizava do próprio manual didático sobre História Universal (que foi uma tradução e adaptação do *Compendio de la Historia Universal*, de G. Weber) desde 1894 até 1925 (GASPARELLO, 2004).

Com relação às Escolas Normais, segundo Heloisa Villela, os currículos dessas escolas se modificam de acordo com as mudanças sociais e as políticas educacionais. O Decreto nº. 247 de 23 de julho de 1894 insere a História Universal no terceiro ano de formação dos normalistas e a disciplina era ministrada em três aulas (VILLELA, 1990).

Para Itamar Freitas, existiam dois tipos de escrita da História Universal: as enciclopédicas (entre os séculos XVII/XIX) e as didáticas (a partir da segunda metade do XIX e as primeiras décadas do XX). Dessa maneira, na época em que o *Compendio* foi editado, prevaleciam os estudos enciclopédicos da História Universal, sendo que no seu conteúdo predominavam as experiências gregas e romanas (FREITAS, 2006).

É essa situação do ensino de História da América no Brasil que faz com que Manoel Bomfim defenda a sua modificação através dos professores e de um manual didático específico sobre a História do continente. Nessas expectativas é que o *Compendio* de Rocha Pombo foi aprovado para ser utilizado na Escola Normal do Rio de Janeiro.

Em seu manual, o historiador Rocha Pombo, quando define a História da América, argumenta que no período da colonização foram postos, face a face, dois mundos diversos: o dos nativos (que não se preocupavam com a autodefesa) versus o dos europeus (possuidores do gênio militar, espírito de conquista e de aventura). Como consequência desse confronto, segundo Pombo, a continuidade histórica da América aborígene foi interrompida, pois os nativos por possuírem um grau inferior de organização política e militar, foram massacrados pelos europeus.

Para o paranaense, esta situação só seria revertida com a união das nacionalidades americanas e com a melhoria e difusão do ensino de História da América em todos os países do continente. O resultado se alcançaria através da edição de um compêndio específico para a disciplina e do critério histórico da busca pela verdade, fatores que acarretariam a valorização da experiência americana nas escolas nacionais.

Deste modo, ao narrar e valorizar a História Americana, era função do compêndio condenar, no conteúdo programático da disciplina, o ponto de vista que enfatizava o caráter colonialista do continente, dominado pelo regime de subordinação e dependência que acarretou o parasitismo social e cultural. Esse parasitismo seria combatido através da valorização do passado e da cultura dos povos americanos, reescrevendo, desta forma, a História da América.

Haveria, assim, uma redescoberta da História americana, marcada por um passado composto por fatos históricos que valorizavam os feitos dos seus primeiros habitantes, dissociando a sua narrativa da presença europeia (POMBO, 1900).

Entretanto, no campo das legislações e das reformas educativas, a separação do conteúdo de História da América da disciplina História Universal foi apenas em 1931, com a Reforma Francisco Campos, que incluiu, oficialmente, a experiência americana no ensino secundário (a disciplina não era autônoma porque estava inserida em outro currículo, o de História das Civilizações, e a sua presença era quase inexpressiva devido ao privilégio dos povos greco-romanos).

Em 1942, com a Reforma Gustavo Capanema, ocorre a redução do ínfimo espaço oferecido à disciplina, pois, devido à valorização da História econômica, o Brasil foi representado como um país que estava à frente das nacionalidades latino-americanas. A autonomia da disciplina só foi institucionalizada com a Portaria nº. 724 do ano de 1951 e então começa a ser lecionada do segundo ano no ensino secundário (BITENCOURT, 1996).

Finalizadas as apresentações sobre o ensino de História da América no Brasil e na Argentina, destaco uma diferença básica entre os dois: ao contrário do que ocorre com o exemplo brasileiro, a situação política e socioeconômica da Argentina, através de suas legislações e reformas educacionais, incentivaram muito mais a discussão sobre o ensino de História da América no país. A disciplina tinha um lugar garantido no currículo escolar argentino e o incentivo à educação patriótica foi fundamental para a consolidação desses conteúdos nos colégios argentinos, privilegiando as sociedades pré-colombianas e os processos de emancipação das colônias, valorizando, assim, a História nacional e a sua importância no continente. Em relação à realidade brasileira, as legislações e reformas educacionais que influenciaram no ensino de História da América no país só foram promulgadas mais de trinta anos depois da primeira edição do Compêndio (a Reforma Francisco Campos em 1931) e a sua autonomia só ocorre com a Portaria nº 724 de 1951, enquanto na Argentina, mesmo enfatizando o nacionalismo, a disciplina era autônoma desde a metade do século XIX.

1.4 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS DE LAMARCA E POMBO: INDÍCIOS DE COMPARAÇÃO

Antes de iniciar a análise sobre as representações da América, considero importante reforçar algumas escolhas metodológicas que Rocha Pombo e Carlos Lamarca fizeram.

A primeira é quanto às diferentes visões de manual didático: Rocha Pombo acredita que um manual deve ser simples, claro e conciso, além de abordar os fatos gerais, evitando, assim, ser minucioso ou omissivo. O historiador argentino propõe um manual escolar que forneça uma bibliografia geral do tema tratado, pois o mesmo deve servir a professores e a eruditos.

Com essa definição, Lamarca ultrapassa os limites de um manual didático para a formação de professores e inclui os eruditos em sua proposta de reescrita da História do continente, algo que não ocorre com Rocha Pombo. Apesar de ser também destinado ao magistério, Rocha Pombo foca nos alunos, nos historiadores e na união dos países do continente americano para modificar o ensino de História da América, sendo poucas as referências aos professores brasileiros.

Sobre o público dos manuais, penso que, o que seriam os eruditos no *Compendio* de Lamarca, Rocha Pombo denomina de historiadores: eles são a autoridade indiscutível e suprema, o testemunho do senso comum e da voz coletiva. O brasileiro não considera a crítica histórica como algo essencial para a busca da verdade; esta se encontra no historiador e em seus escritos, não cabendo aos alunos ou professores discordarem.

Para comprovar essa constatação é só compreender o que cada autor define como um ensino de História ideal: Lamarca defende que esse ensino deveria ocorrer através de Seminários Especiais, no qual, auxiliados pelos professores, os alunos interpretavam o conhecimento histórico, desenvolvendo assim o seu espírito investigativo, para então depois encontrarem a verdade.

Do outro lado, Rocha Pombo acredita que o ensino de História deve ser pautado no destaque aos grandes homens: seus feitos, obras, ideias e virtudes, cabendo aos historiadores descreverem essas qualidades dos heróis americanos e os manuais didáticos inserirem esses temas em sala de aula, não existindo nenhuma referência específica sobre qual seria a função do professor.

Como se pode imaginar, com as diferentes visões de manual didático e ensino de História, cada autor defende uma proposta para a reescrita da História da América: Rocha Pombo acredita no combate ao caráter colonialista através do estudo integrado dos países do continente e Lamarca na valorização da História nacional através da experiência americana.

Apesar dessas diferentes visões, existem semelhanças entre ambos manuais como a busca pela verdade e a importância da divulgação do ensino de História da América em seus países.

É o estudo dessas diferenças e semelhanças que acredito serem fundamentais para a compreensão das representações de América em ambos os autores: apresento, no próximo capítulo, como Carlos Navarro y Lamarca e Rocha Pombo poderiam ter se apropriado de todas as discussões existentes na época sobre o futuro do continente e como as mudanças políticas e sociais do Brasil e da Argentina estão presentes nas suas representações de América.

Antes de adentrar no próximo capítulo, apresento, na página seguinte, um quadro demonstrativo com as informações relativas aos temas abordados por mim nessa primeira parte do trabalho, com o objetivo de melhor reunir e sintetizar as discussões.

Quadro 3 – As escolhas teórico-metodológicas dos autores e o contexto no Brasil e na Argentina XIX/XX

Definições	Carlos Lamarca	Rocha Pombo
Manual Didático	Deve conter uma Bibliografia Geral sobre o tema tratado.	Obra simples, clara e concisa
Objetivo	Apresentar uma bibliografia geral sobre a História da América e avivar na juventude americana o patriotismo.	Educar educadores e combater o caráter colonialista do continente.
Historiador	Cabe ao historiador apresentar diferentes pontos de vista sobre os fatos históricos	Autoridade única, indiscutível e suprema
História	Investigar a continuidade, os efeitos e causas dos fatos históricos	Destaque aos personagens e suas virtudes
Disciplina História da América na educação escolar	Autônoma desde meados do século XIX	Inserida no currículo de História Universal e a sua autonomia só ocorre em 1951
História da América	É o estudo da formação progressiva das unidades sociais.	É possível através de uma História integrada.
Legislações e Reformas Educacionais	Lei n. 1420 (1884) e Lei Orgânica (1908)	Lei Francisco Campos (1931).
Contexto histórico	Instituição e manutenção de uma política social conservadora com a hegemonia centrada na cidade de Buenos Aires	Transição do regime monárquico ao republicano: fase de incertezas
Movimentos político-ideológicos	Arielismo.	Pan-americanismo
Reescrita da História da América	Crítica das fontes documentais realizada pelos alunos e professores.	Através da condenação do caráter colonialista, da valorização dos aspectos culturais e da união entre os países.

Fonte: Quadro com as escolhas teórico-metodológica dos autores e o contexto no Brasil e na Argentina XIX/XX elaborado pela autora.

CAPÍTULO 2. AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMÉRICA: OS ACONTECIMENTOS NOS MANUAIS DE ROCHA POMBO E CARLOS LAMARCA

Como afirmo na introdução, o método que utilizo na identificação das representações sobre a América nos manuais didáticos é inventariar os acontecimentos históricos.

Dessa forma, obedeco a cinco passos metodológicos: no primeiro, identifico os acontecimentos a partir da narrativa dos historiadores. Guio-me pelo conceito de que todo acontecimento é expresso por um verbo ou substantivo que denota ação ou até, segundo Itamar Freitas, “mudança de sorte” (FREITAS, 2012).

Só percebo as mudanças através da narrativa, mas a depender do manual didático analisado, os acontecimentos podem ser descritos ou até destacados. No exemplo dessa pesquisa, Carlos Lamarca indica quais são os acontecimentos da História da América, mas Rocha Pombo não. Assim, no Compendio de Historia da America, a narrativa é a única forma que encontro para essa identificação, pois é a descrição do historiador que qualifica e determina a ocorrência de um acontecimento.

Seguindo esse procedimento, os acontecimentos encontrados por mim em cada manual didático foram:

Quadro 4: Os acontecimentos em Rocha Pombo e Carlos Lamarca

Rocha Pombo	Carlos Lamarca
A supremacia e declínio dos nativos	A evolução cultural e decadência dos nativos
Colonização da América	Descoberta da América
Independência da América	Conquista da América
Integração das nacionalidades americanas	Colonização da América
	Independência da América

Fonte : Quadro com os acontecimentos nos Compendios em Rocha Pombo e Carlos Lamarca elaborado pela autora

No segundo passo metodológico, identifico as formas de destaque e limites dos acontecimentos macros inventariados. Segundo Chartier, essa ênfase pode ser realizada de diversas formas, através dos títulos, partes, subtítulos, tamanho de fonte, negrito, cores, dentre outros (CHARTIER, 1990).

No terceiro procedimento, analiso cada acontecimento através de atributos. Segundo Peter Burke, “a presença de um conjunto desses atributos é parte necessária para configurar a participação” (BURKE, 2002, p.52).

Assim, os atributos foram extraídos da narrativa dos autores, sendo eles: datas cronológicas (limite temporal); datas tópicas (espaço); causa; desenvolvimento; consequência e protagonistas. Identifico todos esses elementos nas narrativas dos historiadores e depois escrevo um texto (com a intenção de ser curto e direto), destacando as principais representações dos autores, indicando o número de página onde as encontro: esse texto é o quarto passo.

Antes de esclarecer o quinto passo, explico algumas escolhas: primeiro, aplico os quatro citados procedimentos em cada manual didático em separado, não realizando o estudo comparativo entre eles. Assim, de acordo com o ano de edição dos compêndios, o primeiro manual analisado é o de Rocha Pombo e depois o de Carlos Lamarca.

Depois, submeto os acontecimentos aos passos citados, discuto as representações sobre a América de cada historiador e me utilizo de excertos dos manuais didáticos para melhor explicá-los.

Em seguida, realizo um estudo comparativo das representações de Lamarca e Rocha Pombo e respondo a questão norteadora dessa pesquisa: Quais as representações de América em manuais didáticos para a formação de professores do Brasil e na Argentina?

2.1 OS ACONTECIMENTOS NO COMPENDIO DE ROCHA POMBO

Rocha Pombo recorta a experiência americana em quatro grandes acontecimentos: “a supremacia e declínio dos nativos”; a “colonização”; a “independência”; e a “integração das nacionalidades americanas”.

O relato sobre os nativos é descrito, por Rocha Pombo, através da sua supremacia (a experiência dos incas e dos astecas antes do descobrimento do continente) e do seu declínio (a chegada dos espanhóis). Desse modo, na fase do apogeu, o paranaense compara os personagens com outras civilizações (como a grega e a romana), além de destacar os seus aspectos culturais e sociais.

Quando analiso os acontecimentos no manual de Rocha Pombo, não considero a descoberta da América por uma razão: na descrição dos territórios descobertos pelos espanhóis, a narrativa do historiador gira em torno de um personagem: Cristóvão Colombo. Assim, o paranaense analisa as quatro incursões empreendidas pelo navegador genovês, destacando que a sorte dos americanos foi serem descobertos por Cristóvão Colombo, um “homem predestinado” (p.41) que, lutando contra a “fraqueza de sua gente” (p.44) , enfrentou os vários “obstáculos” (p.41) apoiado em sua fé e força de vontade” (p. 46).

Entretanto, segundo Rocha Pombo devido a “inveja” e “crueldade” dos seus inimigos, Colombo não reconheceu e nem conquistou todo o continente, pois, se isso ocorresse, as “miseráveis populações indígenas” seriam poupadas dos “azares da invasão desordenada e as tristezas que o fanatismo e a filúcia descomunal foram fazendo por toda a parte” na época da colonização (p.55). É justamente com a saída do navegador do continente que Rocha Pombo inicia o acontecimento da colonização.

Com a colonização, Rocha Pombo descreve a História do continente a partir da experiência de duas “Américas”: a espanhola (“latina”) e a inglesa. De tal modo, a tese central utilizada pelo historiador para explicar essa separação são as diferentes formas de colonização, consideradas fatores essenciais para desenvolvimento das possessões americanas: os ingleses (através da colonização de povoamento) criaram e desenvolveram uma “nação sólida” (p. 196), regida sob o binômio “trabalho e liberdade” (p.182) considerados pelo historiador como essenciais para a organização política dos Estados Unidos (p. 179-182). Entretanto, quando Rocha Pombo explica o exemplo espanhol e sua colonização de exploração, a situação é bem diferente: vieram para América “criminosos degradados” (p.85) que “influenciaram no futuro das nações latino-americanas” (p.103).

Para o historiador, a colonização da América Latina foi marcada pelo “despotismo” (p.183), “anarquia” (p.186) e pela busca da “fortuna rápida e fácil” (p.184) por parte dos colonizadores cujos abusos de autoridade tinham um caráter de destruição cultural: todos os ídolos dos nativos foram retirados e substituídos pelas imagens de santos católicos (p.103-107). Como consequência, a união de todos esses elementos provoca “a eliminação ou fuga dos nativos para o interior do continente e a submissão absoluta dos mesmos”, ocasionando “fanatismos, ignorância e ódio a tipo qualquer estrangeiro” (p.86). Apesar disso, para Rocha Pombo, a situação das possessões espanholas culminou com o aparecimento dos primeiros “sopros de independência das ex-colônias americanas” (p.61).

Na narrativa da emancipação, para Rocha Pombo, mais uma vez, a experiência norte-americana é diferente: ela foi organizada, sob a liderança de George Washington e o resultado final foi uma “vasta e assombrosa civilização industrial” (p. 183). Enquanto na América espanhola isso não ocorre porque o progresso econômico espanhol teve as suas bases na “aquisição fácil” da riqueza (devido a grande quantidade de ouro e prata) e o desenvolvimento das condições sociais se fez de maneira excepcional: por causa do regime de “compressão” e “iniquidades”, as revoluções de independência foram “desesperadas” e o único capaz de organizar essa situação em algumas ex-colônias do continente foi Símon Bolívar (p.192-212).

Após narrar a independência em alguns países da América do Sul, Central e Norte, Rocha Pombo apresenta ao leitor, no capítulo final (“integração das nacionalidades americanas ou organização política”), as suas ideias sobre o futuro do continente. Como Rocha Pombo defende que a emancipação também é consequência da colonização, a narrativa sobre os Estados Unidos é diferente da América Latina.

No exemplo latino, os mesmos males (que antes determinaram o movimento libertador) atuariam posteriormente como as causas de resistência e perturbações na organização política das nacionalidades. Segundo Rocha Pombo, todo esse clima de “insegurança” e de “falta de perspectiva influenciou no espírito do latino-americano”: como consequência, eles se tornaram “menos felizes” do que os anglo-americanos (p.230).

Do outro lado, nos Estados Unidos, os americanos estavam satisfeitos em se constituírem como nação, pois não tinham os mesmos problemas que tanto perturbavam a organização dos países latinos. Os Estados Unidos formaram e constituíram a “unidade nacional” (p.280), já esse mesmo processo, na América Latina, é caracterizado por ser “longo, acidentado, penoso” (p.290).

Finalizadas as impressões iniciais, no próximo subitem apresento os acontecimentos do Compendio de Historia da America.

2.1.1- Supremacia e declínio dos nativos

A narrativa da supremacia e declínio dos nativos integra a primeira parte do Compendio de Historia da America, contemplando a descrição da flora e da fauna, além do período denominado de “período pré-colombiano”, distribuída em onze capítulos. Datado entre os séculos X-XVI, os personagens principais são os incas e os astecas: os dois “grandes impérios americanos” (p. 23) que, para Rocha Pombo, são tão que constantemente, são comparadas com os egípcios. Antes da chegada desses personagens à América diversas são as formas utilizadas pelo historiador para representar o continente: “terra de mediação entre a Europa e a Ásia” (p.1); “berço do gênero humano” (p.10) e, por fim, a América como a “depositária do patrimônio espiritual e indiscutível que será a base da civilização do planeta” (p.1). Sobre os nativos, Rocha Pombo narra a experiência desses povos através da oposição norte x sul (p. 2;3;4), enfatizando os aspectos culturais e sociais, nos quais os astecas simbolizam a América do Norte e os incas a América do Sul. Assim, a História dos povos que viviam no continente é registrada por Rocha Pombo através de uma trajetória

caracterizada pela sua supremacia e declínio. Segundo o historiador, o declínio não poderia escapar ao futuro dos incas e astecas, pois apesar do grau de cultura dessas civilizações (que “espantou” até mesmo os espanhóis), a descoberta, o “espírito de conquista” e sua relação com o mundo ocidental ocorreria em, mais ou menos, cinco ou seis séculos (p.33). Dessa forma, vários foram os motivos que provocaram (ou até provocariam) a quase extinção das duas civilizações, tendo em comum a “prepotência” dos seus líderes; a “ausência do espírito militar”; a falta de “preocupação com a autodefesa”; o “ódio e vingança” das tribos menores (p.14-23). Com a chegada dos colonizadores à América, segundo o historiador paranaense, inicia o “declínio” das civilizações americanas e assim o personagem Cristóvão Colombo, o “grande navegador genovês” que abriu “uma grande era na história do planeta”, é enaltecido por ter descoberto o continente, registrando, assim, a sua extrema importância para a experiência americana (p.33).

2.1.2- A colonização da América

A colonização integra a segunda parte do Compendio e é destacada através de negrito (“Período colonial”). Nesse acontecimento, Rocha Pombo disserta (em quarenta e três capítulos) acerca dos conteúdos relativos aos antecedentes e o papel relevante de Cristóvão Colombo para o descobrimento da América, além dos processos de colonização empreendidos por ibéricos, ingleses e franceses. Ocorrendo entre o final do século XV e o início do XVI, o paranaense ao descrever a colonização no continente, enfatiza o empreendimento colonial dos ibéricos e dos ingleses, representando-os através da oposição “Novo Mundo” (p. 37; p. 58) (América espanhola e portuguesa) e América Inglesa (EUA e Canadá) (p. 45; p. 50). Nessa oposição, o “Novo Mundo” é permeado pela ideia de um “Eldorado” (p. 76) colonizado por “aventureiros gananciosos”, “criminosos degradados” ou “homens pervertidos pelas misérias e cheios de vícios” (p.83-85). Já no caso da América inglesa, Rocha Pombo apresenta uma situação oposta da América espanhola: os colonizadores foram guiados pelos princípios do “trabalho e da liberdade” (p. 182). Essa adversidade acarretou, na América Espanhola, a mortandade dos nativos que, apesar de muitas vezes se rebelarem contra a opressão dos espanhóis, não podiam vencê-los. Neste conflito, Rocha Pombo destaca Hernán Cortez, que, em oposição aos chefes indígenas (em especial Montezuma), provocou uma “carnificina” que “horrorizou a alguns dos próprios hespanhoais” (p. 60), ou seja, uma luta tão desigual e violenta que admirou até os colonizadores. Apesar de descrever alguns atos de crueldade dos espanhóis no México e no Peru, Rocha Pombo assegura: “os hespanhoais no Perú não se

mostraram portanto mais humanos do que no Mexico” (p. 77) e esses colonizadores, por se sentirem os “únicos e supremos dominadores”, entregaram-se a “abusos e excessos de todas as ordens”: não foram poupados nem velhos, nem mulheres, muito menos crianças (p.60-63). Como consequência dessas atitudes dos colonizadores, Rocha Pombo acredita que implementaram na América ibérica duas formas de “matar o espírito de uma raça”: os colonizadores e os missionários católicos, que, apesar de representarem a “sorte” de algumas tribos, empreenderam um processo de “aculturação nos nativos” (p. 91). Assim, a última consequência da “desgraça com que se fez a conquista” (p.93) foi o surgimento de três tipos de nativos: o “barbaro americano”; o “índio domado como besta” e o índio “refém das reduções religiosas” (p.92).

2.1.3- A independência da América

Inserida na terceira parte e destacada em negrito (“Emancipação das colônias americanas”), Rocha Pombo aborda a independência em vinte e quatro capítulos. Para o historiador, a emancipação das colônias teve duas causas: os ideais da Revolução Francesa e a independência dos Estados Unidos (no caso, para a América Latina). A independência ocorre entre os séculos XVII e XVIII, sendo que, para Rocha Pombo, as formas diferentes de colonização (povoamento pelos ingleses e exploração pelos ibéricos) foram fundamentais para o desdobramento dos processos de independência das colônias. Assim, a emancipação inglesa é descrita como um sucesso por causa “pobreza mineral do solo nos seus domínios”; da “ascensão do protestantismo” e dos princípios do “trabalho” e “liberdade” (p.181) , características que permitiram que as suas ex-colônias tivessem condições de se emancipar antes e até de servissem como “exemplo” para as latinas (p. 197). Por outro lado, Rocha Pombo defende que a colonização ibérica se deu segundo os princípios do “enriquecimento fácil”, devido a riqueza de minerais do solo, da “ganância” e das “uniões ilegais e ilegítimas” (p. 184). Estas são diferenças reforçadas por Rocha Pombo ao comparar as realidades da América Latina e da América do Norte, sendo os seus protagonistas, respectivamente, Símon Bolívar e George Washington. Cabe ao primeiro ser o “triunfador e libertador” (p. 202) de alguns movimentos de independência dos países latinos, pois as lutas pela emancipação desses povos contra a metrópole, sem Bolívar, eram “desesperadas” com “revoluções desorganizadas” (p.212). No exemplo inglês, as suas colônias tinham a situação social e política “superiores” à da própria metrópole (p.179), o que para Rocha Pombo resultou em uma “vasta e assombrosa civilização” (p.183) extremamente importante para o continente. Por

fim, no acontecimento da independência, o historiador descreve duas Américas com Histórias diferentes: a do Norte (que após a sua autonomia formou uma “grande nação”) e a latina (que ainda sofria com os “abusos do sistema colonial”).

2.1.4- A integração das nacionalidades

A integração das nacionalidades americanas está na segunda parte da independência, mas a diferença entre esses dois acontecimentos é que, na integração, Rocha Pombo trata da História particular de cada país do continente e apresenta as especificidades que ao final vão contribuir para o futuro nas nações. A integração das nacionalidades americanas é destacada em negrito e em numeração romana (“II- Integração das nacionalidades americanas”), podendo ser uma forma de demonstrar a sua ligação com a independência (que é numerada com o número I). A integração das nacionalidades é datada entre os séculos XVIII e XIX e, tal como Rocha Pombo faz ao relatar a independência, o continente é separado de acordo com os colonizadores: a América do Norte e a Latina. A descrição sobre a organização política dos países é marcada pela tese de Rocha Pombo sobre as diferenças entre as realidades americanas: para o historiador, as causas que culminaram nos movimentos para a organização das nações americanas foram as mesmas da emancipação, ou seja, os abusos do sistema colonial que geraram resistências e revoltas. Por isso, para os latinos, as resistências custaram sacrifícios e a organização política foi um processo “longo, acidentado e penoso” (p.290), sendo o resultado do “regime de compressão e iniquidades advindas da ganância e orgulho espanhol” (p.192). Segundo Rocha Pombo, esses fatores geraram as revoluções latino-americanas, caracterizadas por serem “desesperadas, como todas as revoltas contra a opressão ocorridas no continente” (p.195), o que não ocorreu na América do Norte, pois o historiador defende que a emancipação e integração de suas nacionalidades foi uma consequência da “maioridade civil” (p. 279) do seu povo e da “influyente” figura de George Washington, “o verdadeiro guia e criador da nacionalidade norte-americana” (p.282). O historiador conclui que os Estados Unidos simbolizam a verdadeira encarnação do espírito americano no continente, além da sua independência servir como influência para as “revoluções latinas” (p. 285).

2.1.5 A representação de América em Rocha Pombo

No Compendio de Historia da America, percebo duas representações do continente: uma antes do acontecimento da colonização e outra depois. Dessa forma, realizo duas análises comparativas: as “Américas” antes (Sul, Norte e Central) e as “Américas” depois (América Espanhola e a Inglesa).

Antes dos colonizadores, a representação do continente de Rocha Pombo é feita através da descrição e comparação das experiências da América do Sul, da Central e do Norte, utilizando-se constantemente de simbolismos, principalmente na narrativa sobre as porções Sul e Central²⁹.

Nessa primeira representação, Rocha Pombo descreve os povos que habitaram as Américas, por vezes comparando os nativos da porção Sul com os do Norte, através da experiência dos incas (América do Sul) e dos astecas (América do Norte).

Com a colonização, Rocha Pombo apresenta um “novo” continente e a sua segunda representação caracterizada pelo contraste de realidades entre América Latina (Sul e Central) e América do Norte, sendo essa uma das teses principais do Compendio. Ou seja, segundo o historiador paranaense, os colonizadores e suas formas de colonização marcaram o futuro das Américas, existindo assim, uma separação: a América que superou e venceu os males coloniais (a do norte) e a “outra” representada através de sua constante luta para se livrar das amarras coloniais (a América Latina).

Sobre a primeira representação, os simbolismos são utilizados para descrever a América do Sul e a Central como a “terra prometida”, o “Eldorado”, uma terra dominada por incas e astecas, “senhores do continente” e possuidores de uma “excelente civilização cultural”, sendo constantemente comparados com os exemplos gregos e romanos (p.24). São os aspectos culturais desses povos que, segundo o paranaense, caracterizam a fase de supremacia das sociedades americanas: assim, através da comparação, Rocha Pombo descreve as semelhanças e diferenças entre os incas e os astecas e como estas sociedades deixaram, para os futuros povos americanos, “grandes valores culturais e sociaes” (p. 22-28).

Sobre os povos que descobriram a América, Rocha Pombo enaltece o mérito dos navegadores europeus ao superarem as tradições e lendas divulgadas sobre “mundos desconhecidos”, pois eles não desistiram e foram guiados pelos sentimentos de sua época (datados entre a Idade Média para a Contemporânea):

[...] assignala-se uma Historia humana por uma espécie de commoção dos espíritos, correspondentes aos alvoroços geraes com que se reerguiam as esperanças nos destinos e se renovam as energias do homem para a phase

²⁹ Nessas representações, as comparações mais utilizadas por Rocha Pombo são entre as experiências da América do Norte e do Sul, sendo o relato sobre a América Central, por vezes, inserido no da América do Sul.

extraordinária que se abria. No meio de todas as ansiedades que caracterizaram aquele período, percebia-se mais viva e mais dominante do que todas as invenções e todas as conquistas científicas que se realizavam, a idéia grandiosa e edificante da existência de novos mundos (POMBO, 1900,p.39).

Na citação acima, o “novo continente” é simbolizado através das expressões esperança e renovo, um lugar no qual o europeu (já cansado de tantas guerras e privações em seu continente) busca a sua liberdade, a realização dos próprios sonhos.

Um exemplo disso é a personificação de Colombo: um homem “predestinado” e “enviado por Deus” que superou todos os obstáculos com a sua “fé e força de vontade”, cuja descoberta da América foi a conversão do seu “sonho em realidade”

[...] e então, vemos aquele homem predestinado, a vagar, como emissário desconhecido do Destino, de paiz em paiz, dirigindo-se , supplicante e digno, aos reis e ás côrtes, fallando-lhes como um inspirado, por entre os desdens e risos de uns e assombros de outros. As lendas o apresentam mesmo como uma especie de duende, tendo pelo braço o filhinho e até batendo uma vez faminto á porta de um convento. A gloria mais tarde devia dar-lhe, á figura consumida de vigillias, as proporções de estranho propheta, a evocar, mysterioso e incomprehendido, a fé e a esperança das nações, exhaustas daquella penosa e longa maceração da Idade Media (POMBO, 1900, p.41).

É com esta narrativa permeada de simbolismos que a trajetória de Colombo (antes de chegar à América) é escrita por Rocha Pombo: está sempre acompanhada das ideias de fé, de esperança e, após aportar com as naus no continente, o paranaense descreve para o leitor um “novo” Cristóvão Colombo: um homem que morreu de “desgosto” e “amargurado”, entre a “indiferença” dos americanos e dos europeus (p. 50).

Após a morte de Colombo, Rocha Pombo inicia o relato sobre o declínio das sociedades americanas, comparando as experiências incas e as astecas com as de outras civilizações:

[...] o espírito das duas grandes civilizações indígenas americanas, não há duvida que era, de natureza, muito diverso do que caracterizada a antiga Roma; mas a situação politica e social , e mais do que isso, o estado moral do imperio romano des do seculo III não differia muito, como expressão de força militar, da situação do México e do Perú. A corrupção fizeram em Roma o que a ausencia de espirito militar e a propria indole da civilização fizeram da América (POMBO,1900, p. 33).

Após a morte de Colombo e dissertando sobre as primeiras causas da colonização, a narrativa de Rocha Pombo se volta para os colonos e, com isso, tem início as diferenças. Com essa mudança, marca-se assim, a segunda representação do historiador sobre o continente: a

América não é mais a “terra prometida” dominada pelos incas e astecas e sim duas partes opostas: a espanhola (ou latina) e a inglesa (América do Norte)³⁰.

Sobre os primeiros colonos que empreenderam a colonização espanhola, a sua chegada ao continente e o contato com os nativos, Rocha Pombo assim os descreve:

[...] mas, accrescente-se ainda que a maior parte dos que vinham para o Novo Mundo- com as primeiras expedições saíam, ou dos carceres, ou das camadas inferiores das grandes cidades: quer dizer – ou eram criminosos desgraçados, ou homens pervertidos pelas miserias e pelos vícios, e para os quaes a vida de aventureiros, favoneada de todas as esperanças, era de um vasto horisonte aberto no escuro da sua desgraça. Imagine-se, portanto, o que deviam ser os primitivos colonos da America, e os desesperos e estouvamentos com quem iam entrando num paiz onde o brilho do ouro os deslumbrava de todos os lados. Longe das metropoles , fóra do alcance da mão de ferro da autoridade, entregues ao pleno dominio da força- a indole , a natureza moral desses homens agitou-se irrefreavel, incontiente,num amplo theatro, onde o unico limite que encontravam aos seus appetites e aos excessos que commetiam era a resistencia do mais forte. E eis ahi a massa de gente que tinha de eliminar as populações indígenas do Novo-Mundo. Por toda parte andava essa gente proclamando o seu direito de raça mais culta e mais nobre e sem ver desde logo nos habitantes das terras conquistadas mais do que raças inferiores e vis, contra as quaes tinha o europeu os mesmos privilegios que tem o homem sobre a animalidade [...] (POMBO, 1900, p. 85-86).

Analisando esse mesmo período (chegada dos colonos e contato com os nativos) na América inglesa, a narrativa do historiador é outra. Primeiro, ao narrar o contato dos nativos com John Smith (líder entre os colonos ingleses):

[...] o principal cuidado de John Smith foi explorar o paiz e conquistar a sympathia e alliança dos indigenas. Em uma das frequentes excursões que fazia pelas florestas do interior, foi aprisionado por alguns indios. Em tal conjuntura, sabendo que sorte o aguardava, nem por isso perdeu Smith a habitual serenidade e a presença do espirito. O chefe da tribu, Powhatan, condemna-o á morte e Smith é conduzido ao lugar do supplicio. Elle já tinha a cabeça sobre a pedra sacrificial, quando Pocahontas, filha do cacique, intercede por elle e salva-o [...] (POMBO, 1900, p. 153-154).

Ao contrário do que ocorre no relato sobre os colonos espanhóis, ao escrever sobre os ingleses, Rocha Pombo apresenta um colono refém dos nativos que, como no exemplo citado, precisou da ajuda de uma índia para salvá-lo da morte.

Em alguns momentos do Compendio, o paranaense também apresenta os espanhóis como reféns, mas com uma diferença: após serem libertos ou até os outros colonos saberem da morte do companheiro, um sentimento de vingança, de ódio, caracteriza o posterior

³⁰ Aqui, destaco uma diferença: antes Rocha Pombo inseria o México como um país pertencente à América do Norte, mas na segunda representação do continente, como a divisão é feita através dos povos colonizadores, os mexicanos passam a fazer parte da América do Sul, pois foram colonizados pelos espanhóis.

massacre dos índios. Para Pombo não existiu vingança na América inglesa e sim a “união” de todos, constituindo assim os “americanos”. A vinda dos colonos é narrada da seguinte forma:

[...] com os grandes melhoramentos introduzidos e com a animação geral dos colonos, começaram a affluir para a Virginia numerosas familias, seduzidas pela idéa de virem na America fazer-se proprietarias abastadas, fugindo ás agitações e ás dolorosas premuras da vida na Europa (POMBO, 1900, p. 155).

Outra diferença destacada pelo paranaense é que, ao chegarem à América, o primeiro passo dos ingleses foi conhecer o território, logo após descobrir o seu potencial de riquezas (já que não havia tanto ouro e prata como na América do Sul) e por fim vieram as famílias que almejavam prosperar no continente.

São essas diferenças (entre as descrições dos colonos) que formarão as representações de Pombo sobre as realidades americanas entre os séculos XIX/XX. Os antagonismos entre as duas Américas são demonstrados através das comparações: a América Latina é sempre a inferior (com a exceção de alguns exemplos mexicanos ou peruanos, o que é uma influência da valorização dos astecas e dos incas) em relação à do Norte e como consequência:

[...] os povos de origem latina eram menos felizes do que os anglo-americanos: elles insurgiam-se como escravos contra a tyrannia dos seus senhores, e depois a tyrannia matara no espírito das victimas as aptidões para a vida autônoma. O sentimento de liberdade, que lhes deixára o longo martyrio, absorvia na alma destes povos a responsabilidade dos proprios destinos políticos. Em taes condições, comprehende-se quanto ia ser longa, accidentada e penosa a organização das América latina (POMBO, 1900, p. 289-290).

Como se pode perceber, Rocha Pombo acredita que devido à colonização, a experiência do continente americano se torna contínua: os seus efeitos perduram até a independência, para o bem (na colonização inglesa) ou para o mal (na espanhola). É o empreendimento espanhol que é mais destacado pelo historiador, tendo o maior número de capítulos, mas (em compensação) as suas representações (devido aos colonizadores e seus atos no continente) são as mais categóricas, como no excerto abaixo:

[...] a mixtão de raças , portanto, teve aqui como factores o que havia de peor na Europa e tudo quanto a conquista poude deturpar entre os indigena. As primeiras immigrações eram compostas quase exclusivamente de individuos do sexo masculino, e estes, em regra por laços illegitimos, uniam-se ás mulheres indígenas, reduzidas á mais vil condição. E quando as uniões faziam-se entre os da mesma raça vencida e degradada, o resultado era a perpetuação, por gerações e gerações, das miserias a que cedera a parte avasallada e envilecida das infelizes populações. Que poderia sahir, pois deste encontro de raças, dado nas condições que acababamos de referir? Que poderiam dar: o europeu- avesso á disciplina fundada na moral, prepotente e covarde (qualidades que não se separam) avido e cruel; o indigena que se

aproveitou- rebaixado, odiento, vingativo, perfido, toda essa obra das violencias e dos crimes da conquista? – Este lastro enorme e tremendo tinha que pesar por longo tempo no fundo do organismo e no carater moral da America historica (POMBO, 1900, p.92).

Contrapondo esta situação, o historiador descreve a experiência inglesa, considerando um fator positivo na sua colonização a liberdade religiosa, pois como na América se tinha livre-arbítrio para praticar o culto livremente, isso cooperou para a vinda de homens e famílias de todos os credos e adeptos de todos os partidos e o resultado foi

[...] sobretudo, procurou-se cercar das mais effectivas garantias a liberdade religiosa- conquista aliás que não estava realisada na propria Inglaterra e tanto assim, que tornou-se nos dominios britannicos uma das mais solidas bases dessa assombrosa prosperidade a que logo atingiram as respectivas colonias (POMBO, 1900, p. 156)

Essas diferenças destacadas por Rocha Pombo na colonização são ainda maiores na independência: para o historiador, devido a superioridade do empreendimento inglês, a emancipação dos norte-americanos deve servir como exemplo para a América espanhola.

Dessa forma, a independência dos norte-americanos foi um sucesso devido aos princípios de “trabalho” e “liberdade” implementados pelos ingleses na colonização, resultando em uma emancipação sem “embarços” liderada por George Washington. Essa emancipação privilegiou a unidade nacional e o patriotismo, sendo a nação construída, os Estados Unidos, o maior exemplo do espírito americano no continente:

[...] é assim que os grandes principios que tinham de amparar a nova sociedade que se formava na America do Norte foram o TRABALHO E A LIBERDADE- amplamente desenvolvidos na pratica tão soberanos como as leis mais genericas e absolutas do universo moral. Sem trabalho, e sobretudo sem o trabalho que se dirige contra as resistencias da natureza, nada se faria numa terra que só offerece ao homem a seiva productiva. Do mesmo modo que sem a mais completa liberdade para todas as crenças e para todas as opiniões, seriam impossivel ser livre num paiz onde affluíam sectarios de diferentes cultos e adeptos de todos os partidos- exactamente os que procuravam escapar á tyrannia das consciencias imperante na metropole (POMBO, 1900, p. 182).

Em relação a essa mesma experiência na América Latina, Rocha Pombo não define a independência como uma emancipação, tal qual no caso norte-americano, mas sim como uma “revolução”, marcada pela “desordem e barbárie”, que só conseguiu ser organizada e alcançar o seu objetivo devido à liderança de Símon Bolívar em alguns países ³¹.

Ao comparar as duas realidades, Rocha Pombo reforça a superioridade da América do Norte em relação à Latina através da expressão “o contrario”:

³¹ O historiador também narra sobre a importância de San Martín no processo revolucionário da América Latina, mas é de Símon Bolívar o maior destaque, organizando e cooperando na emancipação de vários países.

[...] entre os diversos povos do Novo-Mundo já fizemos sentir como os anglo-americanos encontraram-se em condições muito diversas relativamente aos da raça latina: elles fizeram a sua independencia como um individuo que chega à sua maioridade civil e emancipa-se, já encaminhado na vida autônoma e recebendo o seu patrimônio; ao passo que com os ibero-americanos deu-se exactamente o contrario [...] (POMBO, 1900, p. 279).

É na independência que Rocha Pombo se utiliza mais da representação de duas Américas: o exemplo a ser seguido (norte-americano) e a que ainda não conseguiu superar os males coloniais (a Latina).

No último capítulo do manual (que não faz parte do acontecimento da independência) ocorre o que acredito ser a da utopia da América Latina, ou melhor, a sua futura redenção. Tudo dito pelo historiador sobre o continente (em relação aos males coloniais) é reforçado, em seis páginas, em um capítulo intitulado “Prognostico dos destinos do Novo- Mundo” e, ao final, Rocha Pombo comenta o futuro do continente.

Assim, tal qual ocorre na colônia, os colonizadores (agora representados pelas nações europeias) são os grandes “culpados” da atual situação do continente, pois em nenhuma outra parte do mundo se “oprimiu” tanto o homem dos séculos XVI-XIX e os “princípios de liberdade e humanidade” (p. 244).

Analisando a situação dos países americanos do fim do século XIX, Rocha Pombo descreve as nações europeias como “polvos enormes que estenderam seus tentáculos insaciáveis no continente, resultando nos despotismos e tiranias modernas” (POMBO, 1900, p. 346).

Em um tom de conversa com o leitor, o historiador explica como a presença dos europeus durante os séculos XVI-XIX afetou as relações entre a América e a Europa:

[...] mas, francamente: que ordem de sentimentos deviam ficar da vasta colisão na alma dos povos americanos em relação ás antigas respectivas metrópoles? Podiam as novas nacionalidades esquecer no dia seguinte o seu martyrio? Ahí a origem dos mais justos ressentimentos, de suspeitas e até de antipathias profundas que ficaram entre muitos dos povos americanos e as velhas nações de que se destacaram (POMBO, 1900, p. 348-349).

Esta é a justificativa dada por Pombo para explicar as disputas internas na pós-emancipação das ex-colônias espanholas: elas ocorreram porque tinham de ser eliminados, a qualquer custo, os “vícios do regime colonial”. Assim, elas representam uma fase natural da experiência dos latinos, pois o resultado seria o que Rocha Pombo denomina de uma nova “orientação histórica” no continente: algo que não tem um momento específico para acontecer, pois:

[...] a America vai ser a sede definitiva da civilização que vem, na qual o vasto patrimônio espiritual da família humana se refundirá sob a dupla influencia do genio do Occidente, irrequieto e fervido, e do antigo genio oriental, contemplativo, mysterioso e amplo como a propria Historia. Terra da Mediação há de ser, pois esta America formosa e ingente, para conciliar os dois mundos que há 50 seculos vêm empenhados na luta tremenda (POMBO, 1900, p. 350).

Este destino de Rocha Pombo para o continente só ocorrerá quando a América se livrar de todos os “males de origem” da colonização e se juntar à América do Norte, nações “fortes, civilizadas e, de fato, independentes” (p. 350).

Diante dos excertos do Compendio, que apresento, fica claro que Pombo não é tão crítico em relação à colonização inglesa por dois motivos: primeiro os ingleses, assim que colonizaram os Estados Unidos, passam a ser considerados “americanos” e até superam, no viés econômico, a Inglaterra. Outra diferença é em relação à religião: o protestantismo inglês pregava a liberdade e o trabalho honesto, o que não acontecia com os ideais católicos.

Uma forma de compreender as críticas de Rocha Pombo aos espanhóis é retornar aos objetivos do Compendio: divulgar e integrar a História dos países americanos. Esta integração transpõe os limites do seu manual didático, transformando-se em uma utopia sobre a união da América, que se tornará realidade quando os latinos se desvencilharem dos males da colonização.

2.2 OS ACONTECIMENTOS NO COMPENDIO DE CARLOS LAMARCA

Carlos Lamarca recorta a experiência americana em cinco acontecimentos: a evolução cultural e decadência dos nativos, o descobrimento, a conquista, colonização e independência³².

Na narrativa sobre a evolução cultural e decadência dos nativos, um dos principais objetivos do historiador é o de desconstruir, através da análise das fontes históricas e das disciplinas auxiliares, os relatos dos cronistas. Segundo Lamarca, os relatos existentes sobre o encontro entre os nativos e os descobridores e missionários são cheios de erros, transgressões e prejuízos, que obrigam o pesquisador a perder um tempo precioso separando o observado e o positivo do especulativo e do errôneo (LAMARCA, 1910, p.55-59).

Assim, Lamarca descreve os nativos como homens de estatura média, apáticos, imprevisíveis e influenciados pelos “Shamans” (pajés ou sacerdotes que se utilizam de

³² Optei por traduzir os títulos dos acontecimentos no Compendio de Lamarca, as denominações originais são: “America Indígena”, “Descubrimiento”, “Conquista”, “América Colonial”, “La independência”.

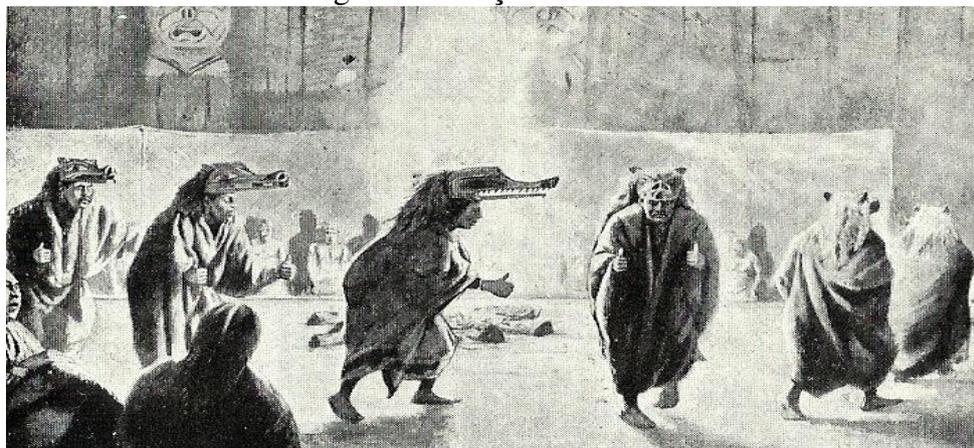
poderes sobrenaturais para curar doenças ou prever o futuro), além de facilmente sucumbirem às enfermidades ou desgraças trazidas pelos colonizadores (p. 57).

Na narrativa sobre a evolução cultural e decadência dos índios, prevalece o relato das crenças dos povos da América do Sul e Central, pois o argentino defende que o estudo das religiões indígenas é importante para a compreender as ideias sobre a vida psíquica do índio americano e do enigma histórico dos seus destinos.

Assim o historiador, na análise dos aspectos culturais dos nativos, na maioria das vezes, os associa à religião: tanto nas imagens, demonstrando os índios perpetuando as suas tradições, enfatizando as vestimentas e os acessórios, quanto em sua narrativa, descrevendo a sua importância para a supremacia e declínio dessas sociedades. Por isso: “[...]de aquí la ineludible necesidad de conocer claramente el verdadero carácter de las creencias y los ritos del Indio, para penetrar con paso firme en las vicisitudes de su historia”(LAMARCA, 1910, p.155)³³.

Em uma imagem (em preto e branco), sobre a dança cerimonial dos nativos o argentino simboliza algo que considera positivo dos cultos indígenas: as suas manifestações culturais que representam a fase do apogeu desses povos. Dissertando sobre a importância da religião dos nativos para a sua cultura, Lamarca apresenta uma imagem intitulada de “Danza ceremonial” (Figura 7), e explica que a dança é algo universal e, no caso específico dos índios, o dançar tem um significado simbólico, através do uso dos trajes especiais, das máscaras e das cores, perpetuando assim, as suas crenças³⁴.

Figura 7- Dança cerimonial



Fonte: LAMARCA, Carlos Navarro y. Compendio de la Historia general de America. Buenos Aires. Angel y Estrada Comp, 1910, p. 145

³³ Daí a inevitável necessidade de conhecer claramente o verdadeiro carácter das crenças e dos ritos do Índio, para adentrar, com passo firme, nas vicissitudes de sua história (LAMARCA, 1910, p.155).

³⁴ Todas as imagens do Compendio de Lamarca estão inseridas no corpo do texto (entre os parágrafos ou até entre as frases), não existindo um lugar específico para elas no manual.

Sobre a conquista da América, Lamarca assegura que este é um dos episódios mais românticos da História do continente, com cenas de admiração (por parte dos espanhóis ao se depararem com as civilizações americanas), aniquilamento dos nativos e reconstrução dos países conquistados. As cenas de admiração ocorrem apenas na América espanhola: para o historiador, o mito do Eldorado e os seus fantásticos tesouros determinaram a exploração e o conhecimento geográfico da América do Sul e do Norte³⁶.

Na visão de Lamarca, cabe a Hernán Cortez ocupar o papel de pensador da conquista, pois é ele quem percebe o clima de desunião e descontentamento entre as tribos americanas e inicia o plano de desmembramento dos nativos utilizado em toda a América espanhola e considerado essencial para a vitória dos espanhóis. Em sua análise sobre o encontro entre os espanhóis e os nativos, Lamarca destaca a desunião dos índios e relata os abusos cometidos pelos colonizadores na conquista das tribos americanas (incluindo as norte-americanas). Segundo o argentino, os excessos dos conquistadores avivaram o espírito dos americanos para a sua independência, tendo como consequência a emancipação das ex-colônias.

É nesse contexto que Carlos Lamarca defende, durante a conquista, a supremacia dos antigos vice-reinados espanhóis, pois eles adquiriram caracteres tópicos e diferenciais, sendo essas características resultado das influências diretas e indiretas do meio sobre os seus habitantes, preparando os países americanos para a sua independência..

Tal qual ocorre ao narrar a América aborígena, Carlos Lamarca também se utiliza do aspecto religioso para exemplificar o processo de conquista na América Espanhola³⁷. A religião católica dos conquistadores é analisada através dos seus reflexos negativos para os nativos, pois na medida em que os afastava de suas superstições e lendas (que faziam parte do seu imaginário cultural e social), é esse mesmo catolicismo, por intermédio dos seus representantes na América (missionários e jesuítas), que dominou, reprimiu, matou ou aculturou o nativo, através da “fuerza de la cruz” (p.380).

Apesar desse relato sobre a aculturação dos nativos, o historiador argentino define os jesuítas como “[...] heroicos varones que ocupan en la Historia Americana páginas brillantísimas”(LAMARCA, 1913, p. 373)³⁸.

A vinda da Companhia de Jesus para a América, em Lamarca, teve dois lados: o positivo e o negativo. No primeiro, a chegada dos religiosos trouxe benefícios, como a atuação dos seus representantes na fundação de numerosos colégios, criação de cursos e

³⁶ Nesse acontecimento, a experiência da América do Norte é descrita através do exemplo mexicano, dessa forma, a colonização espanhola é o destaque.

³⁷ O acontecimento da Conquista integra o segundo tomo do Compendio (1913).

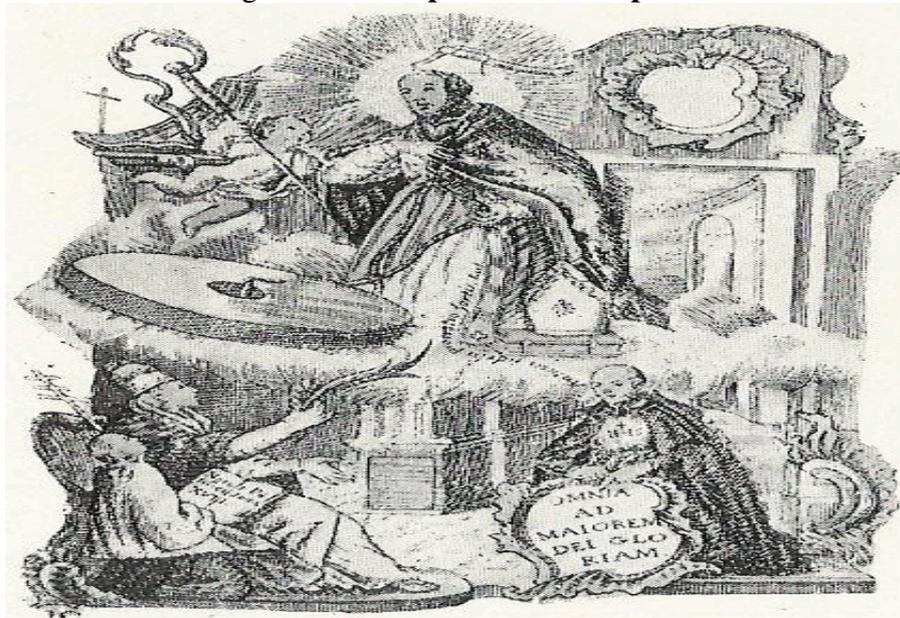
³⁸ Varões heroicos que ocupan na História Americana páginas brilhantes (LAMARCA, 1913, p. 373).

escolas técnicas, além de “[...] trabajaren com abnegación fervorosa y admirable paciencia” (LAMARCA, 1913,p. 373)³⁹.

Com relação aos aspectos negativos trazido pelos religiosos (representados pelas ordens dos franciscanos, dominicanos e agostinianos), o historiador argentino os reconhece, mas não os julga, pois não é função do seu manual didático investigar os “defectos y vicisitudes” (defeitos e virtudes), mas sim reconhecer a sua “influencia” no continente, pois apesar dos seus “equivocados” métodos de evangelização e dos sistemas de reduções, eles foram os responsáveis pela transformação dos “bárbaros hábitos” dos nativos em “costumbres patriarcales sencillísimos”(costumes patriarcais simples) (p.376).

Sobre a importância da religião católica e das atuações dos jesuítas no imaginário americano, Lamarca explica ao leitor como os religiosos atuaram na América: através de “estampas” de santos católicos. Para exemplificar, consta uma imagem de uma dessas estampas: a do santo católico San Josaphat (Figura 9), cuja legenda explica que ela foi divulgada no México pelos partidários da Companhia de Jesus: entretanto, o historiador não insere nenhuma outra informação específica sobre ela, não estando relacionada ao texto que discute sobre os males da Inquisição no continente.

Figura 9: Estampa de San Josaphat



Fonte: LAMARCA, Carlos Navarro y. Compendio de la Historia general de America. Buenos Aires, Angel y Estrada Comp., 1913, p. 384.

³⁹ Trabalhem com fervorosa abnegação e admirável paciência (LAMARCA, 1913,p. 373).

No acontecimento da colonização, principalmente a da América espanhola, as comparações de Lamarca entre as metrópoles e as colônias são mais frequentes (intercalando entre as representações de superiores x inferiores). O argentino também faz comparações entre os conquistadores e os colonizadores, nas quais a representação de superioridade é dos conquistadores: são eles os filhos genuínos do povo espanhol que, apesar dos seus defeitos, souberam subjugar todo um continente (p.343-344).

Para Lamarca, as colônias espanholas não se encontravam, em geral, nem melhor e nem pior do que a metrópole: ambas possuíam vícios comuns, como a fraude, a justiça lenta e insegura, o nepotismo e a corrupção financeira. Todos esses fatores, segundo o historiador, provocaram um traço característico nessas sociedades coloniais: a falta de homogeneidade, além da “influencia” moral e religiosa da Igreja Católica (p.343).

Nesse relato, de vencedores x vencidos, as imagens dos nativos se destacam. Os líderes indígenas, como o Inca Atahualpa (Figura 10), aparecem com os seus instrumentos (normalmente o arco e a flecha) e vestimentas de guerra, homens cujo espírito guerreiro é advindo das amarras do sistema colonial e das crenças religiosas. Os conflitos entre os espanhóis e os índios são simbolizados através de imagens, em preto e branco, dos líderes dos nativos, sendo que eles raramente aparecem como derrotados.

Figura 10: O Inca Atahualpa



Fonte: LAMARCA, Carlos Navarro y. Compendio de la Historia general de America. Buenos Aires, Angel y Estrada Comp., 1913, p. 97

A imagem de Atahualpa é inserida entre os parágrafos nos quais Lamarca descreve o encontro entre o inca e Francisco Pizarro, mas à medida que Atahualpa é simbolizado através dos trajes guerreiros, o argentino, em sua narrativa, apresenta outro personagem: um índio que foi ao encontro do espanhol com atitudes pacíficas, mas foi recebido pelo Frei Vicente Valverde, que logo tenta convencer o inca a aceitar a fé cristã e a soberania do rei espanhol. Segundo Lamarca, por não compreender um discurso proferido em espanhol, o nativo se irritou e quando Pizarro soube do ocorrido foi com os seus cavalos, espadas e lanças e pisotearam não só Atahualpa, mas todos os indígenas que o acompanhavam. Apesar de o ocorrido ser classificado como uma “tragédia”, a imagem escolhida por Lamarca é de um índio forte, disposto a sacrificar a si próprio pelo seu povo (p. 97-98).

Sobre as colonizações inglesas e francesas, Carlos Lamarca assegura que a decadência espanhola favoreceu o desenvolvimento do comércio marítimo dessas outras nacionalidades, aumentando assim a sua prosperidade e riqueza. Ao contrário da narrativa na América espanhola, a influência religiosa, nas colônias inglesas e francesas, não é vista pelo argentino com tanta importância quanto no exemplo espanhol, prevalecendo apenas uma curta descrição sobre a presença desses povos nos Estados Unidos e no Canadá.

O último acontecimento do Compendio é a independência, na qual Lamarca, analisando a América do Sul e Central, reforça as informações centrais da conquista, tais como abusos dos colonizadores e nepotismo (para justificar a emancipação dos países).

Na América do Norte (Estados Unidos e Canadá), a unidade dos colonos ao se emanciparem e combaterem a Inglaterra foi devida, segundo o argentino, em grande parte, à repentina e hábil constituição de governos revolucionários em todos os futuros Estados americanos. Outra grande força da Revolução norte-americana foi a organização dos patriotas (não mais ingleses, mas norte-americanos), sendo esta revolução justa (p.504), pois representava dois grandes princípios políticos: a defesa do direito de todo o homem à liberdade de comércio e a resistência contra o poder arbitrário.

Dessa forma, sob a liderança de George Washington, a luta entre a Inglaterra e as suas ex-colônias se estende a todo o mundo civilizado e o historiador argentino descreve os patriotas americanos como portadores do verdadeiro simbolismo de liberdade no continente (p.515) , pois ao formarem um governo próprio (o norte-americano) aboliram as distinções e privilégios e estabeleceram a igualdade de direitos e o sufrágio universal (p.531). Por fim, Lamarca defende que essas características da emancipação norte-americana, juntamente com os ideais da Revolução Francesa, devem servir de exemplo para a América Espanhola (p.529).

Apesar de George Washington ser considerado o líder da revolução norte-americana é discutindo sobre a importância de Benjamin Franklin (Figura 11) para os Estados Unidos que Carlos Lamarca fornece ao leitor uma nova visão sobre a América do Norte.

Figura 11: **Benjamin Franklin**



Fonte: LAMARCA, Carlos Navarro y. Compendio de la Historia general de America. Buenos Aires, Angel y Estrada Comp., 1913, p. 514.

A imagem de Benjamin Franklin está associada à descrição de Lamarca sobre o personagem, sendo que o norte-americano é destacado por seus dotes diplomáticos, cujo reconhecimento o levou à França. Segundo Carlos Lamarca, a chegada de Benjamin Franklin a Paris causou impressão entre os discípulos de Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Turgot, sendo o norte-americano respeitado por todos e um modelo de virtudes democráticas. Essa descrição de Benjamin Franklin é uma exceção na narrativa de Lamarca: até então os personagens reverenciados, eram todos de origem espanhola ou europeia: Franklin foi o primeiro que não só teve destaque, mas também influenciou líderes políticos e intelectuais europeus (p. 514-515).

Sobre a América do Sul, Lamarca não apresenta uma ideia de América como um continente, mas sim de emancipações de cada país com os seus problemas, seus anseios e suas disputas. Apenas com o título II, “La etapa heróica”, é que surgem os personagens organizadores da revolução: Símon Bolívar e San Martín. São eles (principalmente Símon Bolívar) que avivam as lutas pela independência, registrando, segundo Lamarca, na História americana um ato de abnegação, imposto pelo destino e executado com a maior consciência e modéstia pelos seus líderes (p. 773-775).

Apesar de todos os méritos de Bolívar e San Martín, o argentino assegura que, mais uma vez (tal qual ocorre com Colombo), a América não soube retribuir os esforços de seus líderes da independência: ambos foram renegados e vítimas do triste acaso que sempre marcam os grandes personagens do continente. Na América Central, os destaques de Lamarca são a influência da Inglaterra e dos Estados Unidos nas emancipações e a ausência de uma autoridade militar que organizasse a revolução.

Finalizadas as impressões iniciais, assim como fiz em Rocha Pombo, analiso os acontecimentos do Compendio de la Historia general de America.

2.2.1- A evolução cultural e a decadência dos nativos

No Compendio de Carlos Lamarca, a evolução cultural e a decadência dos nativos abrangem o tema: “El hombre americano”, destacado em caixa-alta e inserido no “Titulo II” Ao todo, são nove capítulos, nos quais Lamarca discorre sobre origens, caracteres étnicos do homem americano, sociologia, vida material e psíquica, dentre outros temas. Para o argentino, esse acontecimento compreende o estudo do homem americano do século XV até a chegada de Colombo, em 1492. Várias são as representações sobre o continente, prevalecendo a localização geográfica para diferenciar as Américas: Central (p. 27;p. 70), do Norte (p. 28; p. 70) e do Sul (p. 43; p. 70), além de “Nuevo Continente” (p. 55; p. 72) e “America indígena” (p. 97; p. 352). Com o objetivo de desconstruir as impressões dos cronistas do descobrimento que circulavam na Europa, o primeiro passo de Lamarca é analisar o verdadeiro caráter das crenças e dos ritos dos nativos, para depois compreender as vicissitudes de sua História (p. 155). O argentino defende que os índios fazem parte de uma simples etapa do progresso humano (p.59) e, antes da chegada dos colonizadores, os nativos eram os únicos e exclusivos senhores de um continente imenso (p. 111). Os personagens são os incas, astecas e maias e Lamarca descreve a História dessas sociedades através de sua evolução cultural e a rápida decadência. As causas da decadência são similares a todos os nativos: falta de unidade nacional; ódio e vingança dos tributários; a mescla de cultura e selvagerismo (p.276-277). Todos esses motivos, unidos à transformação política (na qual os grandes chefes eram constantemente vistos como profetas), culminaram na ruína e aniquilamento dos nativos (p.96).

2.2.2- A descoberta da América

O descobrimento da América ocorre entre os anos de 1492-1518. Inserido na “Segunda Época”, é composto por dois títulos: os antecedentes e o descobrimento. Destacado por caixa-alta, ao todo são sete capítulos, nos quais Lamarca aborda a Espanha no século XV, a importância de Cristóvão Colombo para o continente e os centros de colonização espanhola. A América é representada de uma forma mais geral, como “America” (p.368; p. 497), “Continente” (p. 391; p. 438) e “Nuevo Mundo” (p. 433; p. 462). Carlos Lamarca inicia a narrativa descrevendo as mudanças políticas ocorridas no fim da Idade Média que, devido ao domínio comercial dos turco-otomanos no Mediterrâneo, as terras e as costas dantes utilizadas pelos comerciantes europeus não poderiam mais servir de rota para conseguir os produtos do Oriente. Por isso, foi necessário descobrir novos caminhos, novas rotas comerciais entre o Oriente e o Ocidente e o desenvolvimento da navegação e da ciência geográfica, com a invenção da bússola, do astrolábio e da rosa dos ventos, entusiasmaram os navegantes do século XV a empreenderem uma série de explorações marítimas, que conduziram, gradualmente, ao reconhecimento da América (p.380). Nessas explorações, Lamarca destaca o exemplo espanhol: o país é apresentado como a única nação capaz, física e espiritualmente, de empreender e realizar, em menos de um século, o descobrimento, a conquista e a colonização do continente americano (p. 405). Com relação às expedições inglesas, segundo o historiador, a Inglaterra protestante, ao perceber o avanço dos espanhóis na porção sul do continente, por razões políticas e comerciais, decide atacar a Espanha e destruir a sua supremacia no mundo colonial e marítimo (p. 440). O personagem principal do descobrimento é Cristóvão Colombo, considerado o maior marinheiro do século, cujo nome e atos marcaram o início da História Moderna (p. 461-462). Ainda sobre Colombo, Lamarca atesta que apesar de o marinheiro ter sido recebido com glórias na Espanha, a sua situação na América não era tão animadora: o navegador tinha de lidar constantemente com o desânimo e a indisciplina dos espanhóis (p. 415), além do aumento da desordem e turbulências com os nativos (p. 426).

2.2.3- A conquista da América

A conquista da América é o primeiro acontecimento do Tomo II do Compendio de Lamarca. Integrando a segunda época e destacada por caixa-alta e negrito, a conquista possui três títulos, nos quais o historiador aborda, em dez capítulos, os exemplos da América do Norte, Central e Sul. O continente é representado pelas expressões “Nuevo Mundo” (p. 4; p.

45), “Nueva España” (p. 32; p. 41), “Norte-America” (p. 50; p. 59). No processo de conquista da parte Sul e Norte do continente, para Lamarca, as várias tribos que aqui viviam mudaram de donos (dos imperadores para os espanhóis) e isso ocorreu devido a habilidade de Hernán Cortez (o personagem principal da conquista), o mentor do plano de desmembrar o império asteca (p.8). Assim, o auxílio das tribos rivais é essencial para a conquista do México e, devido à forte liderança de Cortez, os espanhóis conseguem se aproveitar da situação e Cortéz se torna o chefe supremo dos mexicanos (p.19). Do lado oposto aos espanhóis, Lamarca apresenta outro personagem: Montezuma (o imperador dos astecas que foi rendido) e os seus aliados, que pela falta de um líder foram derrotados e entregues ao domínio espanhol. Com a civilização inca, o personagem de destaque é Francisco Pizarro, que, assim como outros colonizadores, ficaram encantados com os mitos do “Eldorado” e seus tesouros fantasiosos, perseguindo, com tenacidade, o ouro e a prata que tanto obcecavam os seus ambiciosos espíritos (p. 164). Na América do Norte, as expedições exploratórias inglesas são consideradas pelo argentino como essenciais para dissipar as fantasias até então existentes sobre a forma e a extensão do continente norte-americano (p. 59-60).

2.2.4- A colonização da América

A colonização da América integra a terceira parte do Compendio e é destacada através de caixa-alta e negrito. Os seus títulos são separados de acordo com os povos colonizadores: “las colonias españolas”, “las colonias portuguesas” e “las colonias inglesas y francesas”. Ocorrida entre os séculos XVII e XVIII, a América é por muitas vezes nomeada como : “Nuevo Mundo” (p. 299; p. 342), “America Española” (p. 356; p. 447), “America del Sur” (p. 307; p. 436); “Nueva España” (p. 357; p. 365) e “Nuevo Continente” (p. 309; p. 404). Nos domínios espanhóis, segundo Lamarca, o processo de colonização foi influenciado pela índole dos conquistadores, pois ao levarem ao “Nuevo Mundo” o seu amor às liberdades populares, trataram logo de constituir governos próprios nas regiões descobertas e subjugadas (p. 339). Dentre as características da colonização espanhola apontadas pelo argentino estão a marginalização e tiranização dos nativos (p. 360), a intolerância com relação às imigrações (p. 365) e o caráter patrimonial e czarista da monarquia espanhola (p.322). Sobre a colonização inglesa, Lamarca defende que esta foi favorecida pela decadência da colonização espanhola, pois o desenvolvimento do comércio marítimo inglês aumentou a sua riqueza e prosperidade (p. 488). Dessa forma, Lamarca assegura a superioridade do empreendimento espanhol, pois foi na América espanhola que se formou uma raça inteira e única advinda de milhares de

tribos bárbaras (p.296). O personagem principal da colonização da América é o Frei Bartolomeu de Las Casas que, devido ao seu trato com os índios, é considerado o precursor dos direitos do homem (p. 351).

2.2.5- A independência da América

Destacada em negrito e caixa-alta e integrando a quarta época do Compendio, a independência possui sete títulos, como por exemplo, a independência dos Estados Unidos; o prólogo da revolução americana; os movimentos iniciais (1810-1816) e a etapa heroica (1815-1826). A História da emancipação é descrita pelo argentino como uma resposta não só aos problemas criados pelos colonizadores, mas também à liberdade existente nas colônias. O continente recebe várias denominações, como “America” (p. 504; p. 688), “Nuevo Mundo” (p. 515; p. 854), “Norte-America” (p. 523; p. 531), “Sud America” (p. 539; p. 867) e “Centro America” (p. 831; p. 842). A emancipação norte-americana, por servir de exemplo aos outros países do continente, é a primeira a ser descrita pelo argentino: a sua força inicial foi a liberdade, a organização, a unidade e a ousadia (p. 504). Essa força tem um personagem principal: George Washington, o único considerado capaz de salvar a revolução norte-americana (p. 507). Sobre a América espanhola, Lamarca defende que o homem colonial, sem distinção entre espanhol ou americano, não poderia aceitar uma política tão egoísta e humilhante como a implantada no continente (p.568). Ainda no exemplo espanhol, o argentino defende que foram nas turbulências coloniais que começaram a serem desenhados todos os passos dos grandes movimentos da revolução na América do Sul e Central (p. 573). Os personagens da emancipação das ex-colônias espanholas são Símon Bolívar, um verdadeiro gênio militar e político (p. 605) e San Martín, considerado o personagem simbólico da emancipação do continente, o “George Washington argentino” (p. 691).

2.2.6 As representações de América em Carlos Lamarca

Após o estudo dos acontecimentos em Carlos Lamarca, identifiquei duas representações de América: uma antes da independência e outra depois. Assim, acredito que a emancipação das ex-colônias americanas é um acontecimento chave no Compendio do argentino: a partir dos processos de independência, Carlos Lamarca representa uma América próspera (a do Norte) e, do outro lado, países que ainda lutavam pela sua emancipação, não existindo uma ideia de continente e sim o relato da experiência específica de cada um.

A primeira representação de Lamarca é determinada pela localização geográfica, existindo assim, três Américas: do Sul, Central e do Norte, sendo a denominação “América Latina” uma exceção⁴⁰.

Essas três Américas são constantemente comparadas, havendo sempre os exemplos de “mais” ou “menos”, como no excerto abaixo sobre os nativos do México e da América Central: “[...] como adelante veremos, su extraordinaria resistencia al heroico asedio de los Conquistadores españoles del siglo XVI, es una de la más hermosas páginas de la historia militar de la desgraciada raza indígena” (LAMARCA, 1910, p. 249)⁴¹.

Nas comparações entre a colonização espanhola na América do Sul e Central com a inglesa e a francesa, o argentino enaltece o empreendimento espanhol no continente, explicando que os mesmos problemas (nepotismo e excessos) existentes na América espanhola ocorriam por vezes na colonização dos ingleses e franceses.

Como afirmei, o historiador argentino defende o início da História da América a partir da descoberta, mas a sua descrição sobre a evolução cultural e decadência dos nativos prevalece no primeiro tomo do Compendio. Isso se deve a um dos objetivos do manual didático: valorizar a experiência dos nativos da América do Sul e Central para combater um “erro histórico”, que é a valorização, nos manuais didáticos da época, da História da América do Norte, assim:

[...]sud America tiene en la historia de la civilizacion humana tanta ó mais importancia que Norte America y la Raza Latina que puebla el Continente Sur, nada tiene de envidiar á Sajona, que en geral ocupa el Continente Norte. Las agrupaciones indígenas más cultas y definidas se formaron por otra parte en la América del Sur. Prescindir del Continente Sud Americano al estudiar la Historia General de América y llamar así á la Historia Particular de los Estados Unidos, es tan ridículo como estudiar, por ejemplo, la Historia de la llamada Edad Antigua, prescindiendo de Roma ó de Grecia (LAMARCA, 1910, p. XXII)⁴².

Na narrativa sobre a ascensão e declínio dos nativos da América, Lamarca conclui que a religião implementou nos índios a dependência de um líder (político ou religioso ou até

⁴⁰ Entretanto, é a História da América do Sul a que se dedicam o maior número de capítulos e, conseqüentemente, de páginas.

⁴¹ Como veremos adiante, a sua extraordinária resistência ao cerco heróico dos Conquistadores espanhóis do século XVI é uma das mais belas páginas da história militar da miserável raça indígena (LAMARCA, 1910, p. 249).

⁴² A América do Sul tem na História da civilização humana tanta ou mais importância que a América do Norte, e a Raça Latina que povoa o Continente Sul, nada tem de invejar ao Saxão, que em geral ocupa o Continente Norte. As agrupações indígenas mais cultas e definidas se formaram em outra parte, na América do Sul. Dispensar o Continente Sul Americano ao estudar a História Geral da América e, dessa forma, chamar de História Particular dos Estados Unidos é tão ridículo como estudar, por exemplo, a História da chamada Antiguidade, iniciando com Roma ou Grécia (LAMARCA, 1910, p. XXII).

ambos), cooperando para a derrota desses povos frente aos colonizadores, pois à medida que os seus líderes eram mortos em batalhas ou até capturados, os nativos se desorganizavam e eram derrotados. Além disso, segundo o argentino, outra característica indígena que contribuiu para a sua derrota foram os vícios (em álcool, plantas e jogos de azar):

[...] si á esto agregan los degradantes vicios que corroían aquellas colmenas humanas, sus terrores religiosos y sus hechicerías nefandas, no puede extrañarnos que sobre aquellos enormes falansterios, mezcla extraña de cultura y salvajismo, flotara una especie de anatema misterioso, de profecía trágica y terrible, de destino fatal y sangriento (LAMARCA, 1910, p.277)⁴³

Após descrever a derrota dos nativos frente aos espanhóis, Lamarca defende que a História americana passa a ser progressiva, na qual todos os conteúdos estão interligados. Dessa forma foi na descoberta, colonização e conquista que surgiram e se desenvolveram todos os motivos que culminaram na independência das Américas.

Diante desse conceito, com a descoberta de Cristóvão Colombo, em 1492, o argentino narra a História americana através da localização geográfica (Norte, Sul e Central) do continente norte, comparando as Américas e valorizando o empreendimento espanhol:

[...] la España anárquica y empobrecida que recibieron Enrique IV, fué no solo la nación más respetada y poderosa del siglo XV, sino la única capaz física y espiritualmente de emprender y realizar en menos de un siglo el descubrimiento, conquista y colonización de las indias (LAMARCA, 1910, p. 405)⁴⁴.

O mérito dado por Lamarca aos espanhóis é tanto que ao narrar as disputas entre os espanhóis e os nativos que resultaram na morte do Inca Atahualpa, ele afirma: “no hay que reprenderlos, escribe um cronista, el tiempo y sus pecados les castigaron después: todos ellos acabaron mal” (LAMARCA, 1913, p. 104)⁴⁵.

O historiador argentino não mostra a referência do cronista citado, mas é interessante perceber as justificativas de Lamarca :

[...] si comparamos ahora estos resultados con los obtenidos por las demás naciones Europeas de la época, nos veremos obligados á reconocer que la obra de los castellanos en el primer siglo de su dominación en América es de

⁴³ Se a isto somarmos os degradantes vícios que corroíam aquelas colméias humanas, seus terrores religiosos e suas feitiçarias nefandas, não podemos esquecer que, sobre aquelas enormes construções, mistura estranha de cultura e selvagerismo, resultara uma espécie de anátema misterioso, de profecia trágica e terrível, de destino fatal e sangrento (LAMARCA, 1910, p.277).

⁴⁴ A Espanha anárquica e pobre que recebeu Henrique IV não foi apenas a nação mais respeitada e poderosa do século XV, mas a fisicamente e espiritualmente capaz de empreender e fazer, em menos de um século o descobrimento, conquista e colonização das Índias (LAMARCA, 1910, p. 405).

⁴⁵ Nós não devemos repreendê-los, escreve um cronista, o tempo e seus pecados lhes castigaram depois: todos eles terminaram mal (LAMARCA, 1913, p. 104).

la más extraordinarias que la historia registra en sus paginas (LAMARCA, 1913, p. 297)⁴⁶.

Sobre os problemas da América espanhola no início do século XX, Lamarca também prefere não culpar nem os americanos e, claro, nem os espanhóis:

[...] dejaron de cundir em la América las mismas inmoralidades, los mismos escándalos, los mismos cohechos y el mismo debarajuste administrativo que arruinaban á pasos agigantados la Metrópoli. Es difícilimo, sino imposible, juzgar en pocas líneas, el gobierno y administración de las colonias Españolas en América. No estaban, en general, ni mejor ni peor gobernadas que la llamada madre patria. El fraude, la lentitud é inseguridad de la justicia, la corrupción financiera, la empleomania e el nepotismo, eran vicios comunes á España y América (LAMARCA, 1910, p. 343)⁴⁷.

Outra característica da primeira representação sobre a América de Lamarca é a constante referência aos mitos e lendas, tanto no relato sobre os nativos quanto no dos colonizadores. Assim, apesar das críticas do historiador à presença dos mitos e lendas na História americana, ele continua se referindo aos mesmos, principalmente na narrativa sobre a América de colonização espanhola:

[...] los aventureros españoles, de tan exaltada imaginación como temerario arrojo, persiguieron con ardorosa tenacidad estas seductoras quimeras, y el fantasma de oro y plata que obsesionaba sus ambiciosos espíritus, tomó, como el Proteo mitológico, formas distintas. [...] Estas románticas ilusiones impulsaron á aquellos crédulos soldados á emprender expediciones descubridores, cuyos relatos leemos con asombro en las crónicas (LAMARCA, 1913, p. 165)⁴⁸.

Enquanto na América do Norte isso não ocorre devido aos ideais de liberdade e trabalho implementado pelos colonizadores:

[...] la fuente principal de las instituciones políticas de las Colonias inglesas estuvo , como era lógico, en la Inglaterra de la época en que sus distintos pobladores emigraron. La evolución constitucional fue, sin embargo, más rápida y progresiva en el Nuevo Mundo que en el Viejo. Los pobladores del

⁴⁶ Se compararmos os resultados obtidos pelas outras nações europeias da época, seremos obrigados a reconhecer que a obra dos espanhóis no primeiro século do seu domínio na América é uma das mais extraordinárias que a História registrou em suas páginas paginas (LAMARCA, 1913, p. 297).

⁴⁷ Deixaram que ocorresse na América as mesmas imoralidades, os mesmos escândalos, as mesmas propinas e desajustes administrativo que arruinavam a passos largos a Metrópole. Em muito difícil, porém não impossível, julgar em poucas linhas o governo e a administração das colônias. Espanholas na América. Não estavam, em geral, nem melhor e nem pior governadas do que a chamada mãe-patria. A fraude, a lentidão e a justiça insegura, a corrupção financeira, os empregos em demorado e o nepotismo eram vícios comuns a Espanha e a América (LAMARCA, 1910, p. 343).

⁴⁸ Os aventureiros espanhóis, de imaginação exaltada e pouca coragem, perseguiram com ardorosa tenacidade estas sedutoras quimeras e o fantasma do ouro e da prata que obcecava seus ambiciosos espíritos, tomou, como o Proteus mitológico, formas distintas [...] Essas românticas ilusões impulsionaram aqueles ingênuos soldados a emprenderem expedições descobridoras, cujos relatos lemos com espanto nas crônicas (LAMARCA, 1913, p. 165).

actual territorio de los Estados Unidos, eran Ingleses, obedecían las leyes inglesas e llamaban al rey de Inglaterra su monarca, pero tenían más arraigado que en la Metrópoli el amor á la libertad política. El respecto á la ley escrita, el carácter obligatorio de la costumbre, y la concepcion de los derechos de hombres, era ideas fundamentales y comunes para Inglaterra y sus Colonias, pero en éstas los plantadores y los comerciantes habían fortalecido sus gobiernos propios [...] (LAMARCA, 1913, p.487)⁴⁹.

Após a narrativa da colonização e conquista da América, o próximo acontecimento é a independência. Assim, pela primeira vez no Compendio, o empreendimento espanhol no continente, ao ser comparado com o norte-americano, é desvalorizado. Com isso, dá início à segunda representação de América.

Sobre a emancipação norte-americana, Lamarca assegura que: “[...]la gran fuerza inicial de la Revolución Norte Americana se debió también á que los patriotas estaban organizados y habían sabido apoderarse de las riendas del gobierno [...]” (LAMARCA, 1913, p. 504)⁵⁰.

Apoiados nas ideias de liberdade e trabalho, Lamarca conclui que os ingleses na América se tornaram americanos e criaram as suas próprias leis e governos, características então fundamentais para a constituição de uma nação livre. A supremacia da experiência da emancipação da América do Norte caracteriza a segunda representação de América de Carlos Lamarca: com a independência, não existe mais uma ideia de continente americano, mas países separados por suas experiências particulares, não existindo mais o elo (o empreendimento espanhol) que as unia.

Ao tratar da independência das colônias espanholas, Lamarca descreve a experiência de cada país, especificando como cada um tentou se emancipar do domínio espanhol, existindo assim, várias experiências no continente. Em contrapartida, a emancipação norte-americana deveria servir de exemplo, mas o próprio Lamarca reconhece que os ideais da Revolução Francesa e dos Estados Unidos não tiveram a mesma reação nas ex-colônias espanholas:

[...] los sueños el Contrato Social y las fórmulas del Jacobinismo francés se mezclaban con las doctrinas Norte Americanas y consagraban toda clase de

⁴⁹ A fonte principal das instituições políticas das colônias inglesas, estava, como era lógico, na Inglaterra da época em que os seus distintos povos emigraram. A evolução constitucional foi, sem dúvida, mais rápida e progressiva no Novo Mundo do que no Velho Mundo. Os povos do atual território dos Estados Unidos, eram ingleses, obedeciam às leis inglesas e chamavam o rei da Inglaterra de seu monarca, mas tinham mais forte, do que na metrópole, o amor à liberdade política. O respeito à lei e à escrita, o caráter obrigatório do costume e da concepção dos direitos do homens eram ideias fundamentais e comuns para a Inglaterra e suas colônias, mas essas ideias para os agricultores e comerciantes fortaleceram seus próprios governos(LAMARCA, 1913, p.487).

⁵⁰ O grande impulso para a revolução norte-americana deveu-se, também, aos patriotas que estavam organizados e foram capazes de assumir as rédeas do novo governo (LAMARCA, 1913, p. 504).

libertades políticas para un pueblo heterogéneo y poco maleable que ni las entendía ni era, por lo tanto, capaz de practicarlas (LAMARCA, 1913, p.611)⁵¹.

É esse povo “heterogêneo” que marca a narrativa de Lamarca sobre a emancipação dos países que antes constituíam a América do Sul e Central. Com a independência, os venezuelanos, mexicanos, dentre outros, pareciam estar perdidos após todos os anos do domínio espanhol. Do outro lado, os (norte) americanos, após se emanciparem, tornaram-se uma nação livre, um continente unido, um exemplo para os outros países.

Nessa ideia de América não mais existem comparações e sim a descrição do historiador das experiências individuais de cada país em busca de sua liberdade, sendo cada um caracterizado por seus personagens, vitórias e derrotas.

A impressão que final é que Carlos Lamarca categorizou ideias e movimentos característicos das diversas realidades do continente, formando assim, uma História particular dos países. Com a tese da particularidade das experiências, o argentino encerra o seu Compendio: o que era antes uma unidade virou particularidade, sem nenhuma interligação, sendo os Estados Unidos a representação de América: um continente unido, forte e organizado (p. 530).

2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMÉRICA: INICIATIVAS DE COMPARAÇÃO

Neste capítulo, chego ao ponto crucial nessa pesquisa: a análise da representação de América nos manuais brasileiros e argentinos. Acredito que é fundamental o estudo comparativo dos resultados alcançados na análise dos acontecimentos em Carlos Lamarca e Rocha Pombo para que se tenha a ideia das semelhanças e diferenças entre as representações de América nos autores.

O primeiro manual que analisei foi o de Rocha Pombo, no qual identifiquei duas representações do continente: uma antes da colonização (América do Sul, Central e do Norte) e outra depois (América Latina versus América do Norte). No manual de Lamarca também encontrei duas representações: antes da independência (América do Sul, Central e do Norte) e outra depois (América do Norte versus histórias particulares).

Saliento a importância dos acontecimentos para as mudanças nas representações: a colonização em Rocha Pombo e a independência em Lamarca são experiências americanas

⁵¹ Os sonhos do Contrato Social e as fórmulas do Jacobinismo francês se mesclam com as doutrinas norte-americanas e consagravam todas as formas de liberdade políticas para um povo heterogêneo e pouco maleável, que não as entendiam e nem eram, portanto, capazes de praticá-las (LAMARCA, 1913, p.611).

essenciais para a separação das “Américas” (no paranaense) e até para a “desconstrução” de um continente (em Carlos Lamarca).

Antes da colonização, Rocha Pombo diferencia o continente através de sua localização geográfica, comparando as experiências dos astecas com a dos incas. Na segunda representação, com a chegada dos colonizadores, o brasileiro diferencia (através das comparações) a América Latina e a América do Norte, sendo que, a partir dessa separação, Rocha Pombo disserta sobre a principal tese do seu Compendio: como a colonização resultou em duas Américas. Dessa forma, segundo Rocha Pombo, cabe aos espanhóis, através da ganância e dos excessos cometidos, construir um continente marcado pelos abusos do sistema colonial (que perduram até os processos de emancipação). Reforço a ideia de que a partir do momento em que Rocha Pombo separa as Américas, ele inicia as comparações: de inferioridade, superioridade ou até igualdade. Ao fazer isso, o historiador brasileiro apresenta uma narrativa de vencedores x vencidos, na qual a América Latina, se continuar com os mesmos males coloniais, só tende a perder.

Carlos Lamarca, ao contrário de Rocha Pombo, ao descrever as colonizações inglesas, espanholas e francesas no continente, enaltece a colonização espanhola, tão criticada pelo brasileiro. Para o argentino, a Espanha e seus colonizadores, apesar de alguns erros que Lamarca prefere não julgar, têm os seus méritos por reconstruírem o continente, mudarem os hábitos dos nativos e inseri-los na civilização ocidental.

Assim, analisando a mesma colonização espanhola de Rocha Pombo, o argentino não compactua com a tese principal do brasileiro, pelo fato de que para Lamarca, o acontecimento principal da História americana é a independência, pois com processos revolucionários no continente tão diversos o resultado foi a desconstrução da América, sendo substituída pelas Histórias particulares de cada país, em contraposição a um continente formado apenas pelos Estados Unidos, conforme no quadro abaixo:

Quadro 5: As representações sobre a América em Rocha Pombo e Carlos Lamarca

As representações da América	Rocha Pombo	Carlos Lamarca
Número de representações	Duas	Duas
Acontecimento-chave	Colonização	Independência
Consequências	Separação: América Latina versus América do Norte	Desconstrução: Histórias particulares versus América do Norte (EUA)

Fonte: Quadro com as representações sobre a América elaborado pela autora

Tais resultados me chamaram a atenção para a semelhança entre os autores no que diz respeito à independência dos países: ambos elegem a experiência norte-americana como um exemplo para o continente, sendo isso uma semelhança entre o brasileiro e o argentino, mas com conseqüências diferentes.

Para Rocha Pombo, no futuro, os Estados Unidos, juntamente com latino-americanos formarão um continente forte, unido e de extrema importância para a História mundial, pois será a terra de mediação entre o Ocidente e o Oriente. Essa aproximação dos países latinos com os da América do Norte é uma das teses defendida pelo pan-americanismo, explicado por mim no primeiro capítulo dessa pesquisa. Assim, Rocha Pombo acredita que o futuro do continente é se aliar aos americanos, para depois construir uma América integrada. O argentino Carlos Lamarca é mais comedido ao tratar dos Estados Unidos: ele elogia a organização e a unidade do continente, mas ao mesmo tempo em que descreve as emancipações dos países da América do sul e central, também deixa claro a interferência dos norte-americanos nos processos de liberdade em países como Cuba e Panamá.

No Compendio de Lamarca não existe uma projeção para o futuro do continente tal qual ocorre em Rocha Pombo, mas destaco: o argentino encerra o seu manual didático com a análise de um conteúdo que, como demonstrei quando explico o arielismo, é importante para as tentativas de reaproximação entre as antigas colônias hispânicas e a metrópole: a Guerra Hispano-americana.

Em nenhum momento do Compendio, Lamarca defende (como faz Rocha Pombo em relação aos Estados Unidos) a união dos países à Espanha, mas a importância dos espanhóis no passado de glórias da América do Sul e Central está implícita na narrativa de Lamarca. Explico: antes da independência, esses países tinham algo em comum: a colonização espanhola, mas com a emancipação, este elo se perde e os americanos, agora, tornam-se venezuelanos, mexicanos, cubanos etc. Não existe mais a noção de continente pós-independência em Lamarca: algumas Histórias particulares se sobressaem, mas elas não estão conectadas, estão “perdidas” em suas especificidades, seus personagens.

Ao final do manual didático do argentino há um “Epílogo” sobre a emancipação de um país que só tem destaque com o acontecimento da independência: Cuba. Antes desse Epílogo, a narrativa de Lamarca sobre o país era marcada pela constante interferência dos Estados Unidos na experiência cubana em seu processo de liberdade. Com o Epílogo, Lamarca

apresenta o futuro das ex-colônias: elas estarão unidas por “índisolubles vínculos: la tradición, del lenguaje, de la fe cristiniana y del amor” (LAMARCA, 1913, p.886)⁵².

Dessa forma, asseguro que Lamarca tem sim uma representação para o futuro da América: a união dos países através de um elo em comum a todos eles, o idioma espanhol, a religião implementada pelos colonizadores e as tradições, ou seja: a Espanha. Assim, o futuro da América, para Carlos Lamarca, está em sua reaproximação com a metrópole e afastamento dos Estados Unidos, pois as suas semelhanças eram com a Espanha e não com os norte-americanos.

Essa é mais uma diferença entre Lamarca e Pombo: o futuro da América. Percebo poucas semelhanças (a grande maioria presentes no acontecimento da supremacia e declínio dos nativos) e muitas diferenças entre as representações e acredito que isso ocorre devido às diferentes escolhas teóricas dos historiadores: um era adepto do pan-americanismo e outro do arielismo. O argentino e o brasileiro também fazem parte de contextos sociopolíticos diferentes e reitero: a maneira como cada pode ter se apropriado de suas leituras, do contexto e dos movimentos ideológicos são importantes para a construção de suas representações ou “visões de mundo” sobre a América. São elas que definem o futuro para Rocha Pombo e Lamarca: aproximar-se dos Estados Unidos ou da Espanha.

⁵² Vínculos indissolúveis: a tradição, a linguagem, a fé cristã e o amor (LAMARCA, 1913, p.886).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, vários foram os caminhos percorridos para responder à questão norteadora: quais representações de América foram construídas e veiculadas nos manuais didáticos para a formação de professores do Brasil e da Argentina (1900/1913)?

Como acredito que o estudo de manuais escolares não pode ser feito sem a compreensão das especificidades do processo de elaboração de cada manual didático, o primeiro passo foi tentar compreender como Rocha Pombo e Carlos Lamarca podem ter se apropriado da realidade que os cercava e como eles exteriorizaram, através da escrita, as suas representações sobre o continente.

Dessa forma, no primeiro capítulo, apresentei os autores e os seus manuais, analisando o contexto sociopolítico e os movimentos político-ideológicos do período em que foram escritos. Atentei para a importância do ensino de História da América no Brasil e na Argentina entre os séculos XIX/XX. As conclusões deste capítulo foram: em primeiro lugar, as críticas de Lamarca e Rocha Pombo, não somente aos manuais escolares, mas também às formas de ensinar a História americana nos colégios, incentivaram os historiadores a combater e propor novos caminhos para a História e o ensino de história da América. Também constatei que os dois autores cumpriram os objetivos anunciados: a valorização dos personagens do continente, proposta por Rocha Pombo, e a apresentação de uma bibliografia geral, discutindo as diversas representações de América, trabalho empreendido por Lamarca.

Os movimentos político-ideológicos do pan-americanismo e arielismo também são importantes: foram eles que permearam as discussões sobre o futuro da América entre os séculos XIX/XX e, em minha análise, demonstrei através de excertos dos manuais escolares, como Rocha Pombo compactuava com as principais defesas do pan-americanismo e Carlos Lamarca do arielismo,

O segundo passo que segui foi a análise dos macros acontecimentos em cada manual. No livro de Rocha Pombo, os acontecimentos mais significativos foram: supremacia e declínio dos nativos, colonização, independência e integração das nacionalidades americanas. No livro de Carlos Lamarca, os macro acontecimentos ganharam os títulos de: a evolução cultural e decadência dos nativos, a descoberta da América, conquista, colonização e independência da América. Após o inventário, analisei os acontecimentos a partir de um modelo constituído por datas cronológicas de início e de fim, datas tópicas, causa, desenvolvimento, consequência, e protagonistas. O objetivo era identificar as representações de América em cada manual.

Como resultado da análise, pude constatar que ambos os autores representam a América de duas formas. O paranaense Rocha Pombo é o mais incisivo: na primeira representação, o continente é dado a ler através da descrição geográfica (Norte, Sul e Central) e comparado mediante os exemplos história dos astecas (América do Norte) e dos Incas (América do Sul e Central). A segunda representação, ao narrar a experiência americana entre os séculos XV e XVII, Rocha Pombo imagina a América como entes separados em virtude das formas de colonização: a América Latina (colonizada pelos espanhóis) e a América do Norte (pelos ingleses).

O argentino Carlos Lamarca também apresenta duas representações sobre o continente. A primeira é limitada ao período anterior à independência e recebe o nome de descrição geográfica. Ela é representada a partir da comparação e consequente diferenciação dos espaços geográficos e do elogio ao empreendimento espanhol. Com a independência, Lamarca muda a sua ideia de América: ela já não é um continente. Sua constituição inclui as histórias particulares dos países das primitivas Américas do Sul e Central, juntos a uma nação forte que personifica o “verdadeiro” espírito americano: os Estados Unidos.

Identificadas as “Américas” de Pombo e Lamarca e dispostas novamente em comparação, constatei que tanto o brasileiro quanto o argentino defendem em seus manuais um destino para o continente. Acredito que é justamente nessa discussão sobre o futuro da América, isto é, na busca de um sentido para a experiência americana – na produção de uma filosofia da história – que devem ser justificadas as suas representações. Eles partem de referenciais diferenciados, inventando corpos singulares, e difundem destinações. Para Pombo, a aproximação com os Estados Unidos. Para Lamarca, a reaproximação com a Espanha.

Ao finalizar a pesquisa e comunicar os seus resultados, saliento a importância da releitura desses manuais didáticos de História Geral da América do século XIX/XX: eles apresentam um espaço de experiências singulares que, há mais de um século, é alvo de preocupação dos historiadores. Eles também demonstram que o debate sobre identidades é um fenômeno de duração conjuntural. Dizendo de outro modo, pensar a inclusão da experiência americana nos currículos da escolarização básica é compreender a necessidade de conhecer um pouco da história do ensino de história sobre a matéria e, assim, evitar contínuas “invenções” de debates que já foram empreendidos, como este que acabo de comentar. Independentemente da “destinação” que queiramos dar à experiência da América, é fundamental conhecer o que se disse sobre as mesmas questões em uma duração secular.

FONTES

LAMARCA, Carlos Navarro y. **Compendio de la historia general de America.** Tomo I. Buenos Aires: Angel Estrada y comp., 1910.

LAMARCA, Carlos Navarro y. **Compendio de la historia general de America.** Tomo II. Buenos Aires: Angel Estrada y comp., 1913.

POMBO, Rocha. **Compêndio de História da América.** Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1900.

POMBO, Rocha. **História da América para escolas primárias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BLAKE, Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro.** v. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

TAPAJÓS, Vicente. **Dicionário Bibliográfico de Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros.** V. III. Rio de Janeiro, IHGB, 1991. p.135.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. O ensino de história como fator de coesão nacional: os programas de 1931. In: **Revista Brasileira de História.** v.13, n. 25/26. São Paulo: 1993. p.163-174.

ASCOLANI, Adrián; VIDAL, Diana (org.). **Reformas Educativas no Brasil e na Argentina:** ensaios de História comparada da educação (1820-2000). São Paulo: Cortez, 2009.

BAGGIO, Kátia Gerab. **A “outra” América:** a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1998 .

BITTENCOURT, Circe Maria F.; IOKOI, Zilda Macia Gricoli (orgs.). **Educação na América Latina.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. In: **Revista Eletrônica Anphlac.** n. 4. 2005. Disponível em <http://www.anphlac.org/revista/revista4/revista_anphlac_4.pdf> Acesso em 22 mai. 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

BLOCH, Marc. Pour une Historie Comparée des sociétés européennes. In: **Mélanges historiques.** v. 1. Paris: S.E.V.P.E.N., 1963. p. 16-40.

- BLOCH, Marc. **Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio - França e Inglaterra.** Tradução de Júlia Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- BURKE, Peter. **História e teoria social.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CALERO, Maria Garcia; HERRERO, Pedro Pérez. La imagen de América Latina entre la población estudiantil española (13-18 años). In: **Revista Iberoamericana de Educación.** n. 6, v. 2. Madrid: 1994. p. 147-172.
- CAMPILLO, Laura; PUJANTE, Ángel-Luis (orgs.). **Shakespeare en España** (textos 1764-1916). Granada: Universidad de Granada; Murcia: Universidad de Murcia, 2007.
- CARRETERO, Mario; KRIGER, Miriam. Narrativas históricas y construcción de la identidad nacional: representaciones de alumnos argentinos sobre el “Descubrimiento” de América. n. 20, v. 2. In: **Cultura y Educación.** Buenos Aires: 2008. p. 229-242.
- CARRETERO, Mario. “Aquí vemos a Colón llegando a América”. Desarrollo cognitivo e interpretación de imágenes históricas. In: **Cultura y Educación.** n. 20, v. 2. 2008. p. 217-227.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. **El mundo como representación: estudos sobre historia cultural.** Tradução de Claudia Ferrari. Barcelona: Gedisa, 1992.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHEVALIER, François. **América Latina - De la independencia a nuestros dias.** México: Fondo de cultura económica, 1999.
- COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura. **Europe in Cross-National Perspective.** New York: Routledge, 2004.
- CONSEJO NACIONAL DE EDUCACIÓN ARGENTINA. **Ley 1420 o Ley de la Educación Comun.** Disponível em < <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/normas/5421.pdf> >. Acesso em 28 out. 2011.
- DARÍO, Rubén. El triunfo de Caliban. **Proyecto Ensayo Hispánico.** Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/dario>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2013.
- DIAS, Wagner da Silva. **A idéia de América Latina nos livros didáticos de geografia.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.
- ESCODÉ, Carlos. **El fracaso del proyecto argentino.** Buenos Aires: Tesis, 1990.
- FERES JR. João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos.** Bauru/SP: EDUSP, 2005.
- FREITAS, Itamar, **Histórias do ensino de História do Brasil.** São Cristóvão: EdUFS, 2006.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de história (anos iniciais)**. São Cristóvão: EdUFS, 2010.

FREITAS, Itamar. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Bueno de. **Livros didáticos de História: escolhas e utilizações**. Natal: UFRN, 2009. Disponível em <<http://itamarfo.blogspot.com.br/2009/12/livro-didatico-de-historia-definicoes.html>>. Acesso em 20 fev. 2012.

FINOCCHIO, Silvia. **La escuela en la Argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

FINOCCHIO, Silvia. Inclusiones y exclusiones en los modos de contar la historia en la Argentina. In: DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004, p. 65-76.

FOGELQUIST, Donald F. Helios. Voz de un renacimiento hispánico. In: **Revista Iberoamericana**. Disponível em <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/1625>>. Acesso em 16/11/2012.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

FRAUCA, Julio Cejador y. **Historia de la lengua**. Disponível em <http://archive.org/stream/historiadelaeng11ceja/historiadelaeng11ceja_djvu.txt> Acesso em 23 nov. 2012.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira**. São Paulo: Iglu, 2004.

GHIRALDO, Alberto. **El archivo de Ruben Dario**. Buenos Aires: Losada, 1945.

GOMES, Lidiane Mariana da Silva; MEDRANO, LÍlian Inés Zanotti de; VALETON, Luciana de Oliveira. O Compêndio de História da América, de Rocha Pombo: uma apreciação crítica. In: **Notícia Bibliográfica e histórica**. n. 190. Campinas/SP: 2003. p. 247-270.

GONDRA, José; SILVA, José Claudio Sooma (org.). **História da Educação na América Latina: ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

GREW, Raymond. The case for comparing histories. In: **The American Historical Review**. n. 4, v. 85. 1980. p. 87-101.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp/T.A. Queiroz, 1985.

HANNEQUIN, Arthur. **Essai critique sur l'hypothèse des atomes dans la science contemporaine**(1899). Disponível em <http://archive.org/stream/essaicritiquesu00hanngoog/essaicritiquesu00hanngoog_djvu.txt>. Acesso em 20 set. 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles. **Introduction aux études historiques** (1898). Disponível em http://classiques.uqac.ca/classiques/langlois_charles_victor/intro_etudes_historiques/seignobos_etudhisto.pdf > Acesso em 22 out. 2012.

LOBO, Helio. **O Pan-americanismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

LUCCHESI, Fernanda. **A história como ideal**: reflexões sobre a obra de José Francisco da Rocha Pombo. Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Paulo: USP, 2004.

LUNA, Félix. **Breve história dos argentinos**. Tradução de Andrea Cecilia Ramal. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Brasil-Argentina; Quartet, 1996.

MACKLIN, Junior. **La recepción de la literatura de la cultura inglesas en la Espana y del fin de siglo**. Disponível em <<https://pure.strath.ac.uk/portal/files/194448/strathprints004912.pdf>>. Acesso em 12/12/2012.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Brasil e Argentina em perspectiva. In: **Revista de História**. n. 147. São Paulo, 2002. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S003483092002000200009&script=sci_arttext > Acesso em 18 mar. 2012.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de America Latina**. Barcelona: Gedisa, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Diálogos intermitentes: relações entre Brasil e América Latina. In: **Sociologias**. n.14. p.110-129. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=86819559006> > Acesso em 09/12/2012.

ORDIZ, Javier. Entre Ariel e Calibán: el pensamiento modernista y la identidad de iberoamérica. In: **Actas del 2º Congreso Internacional CELEHIS de Literatura**. Mar del Plata: 2004. Disponível em: <http://www.freewebs.com/celehis/actas2004/ponencias/50/3_Ordiz.doc>. Acesso em 18 de out. de 2012.

PRADO, Luiz Fernando Silva. A independência Hispano-americana nos manuais escolares brasileiros. In: **Historia Caribe**. n.17. Barranquilla: 2010. p.111-130.

PRADO, Maria Ligia C. Repensando a História comparada da América Latina. In: **Revista de História** n. 153. Disponível em <www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n153/a02n153.pdf>. Acesso em 20 set. 2010.

QUELUZ, Gilson. **Rocha Pombo**: romantismos e utopias (1880/1905). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

RAMOS, Paulo da Silva. Brasil americano: Estados Unidos e Argentina como exemplos para o Brasil monárquico. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**. n. 13, jul/dez, 2012. p.109-134. Disponível em <<http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista> >. Acesso em 03 jan. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília: UnB, 2010.

RIBEIRO, João. **História do Brasil**. Curso Superior segundo os programmas do Collégio Pedro II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1964.

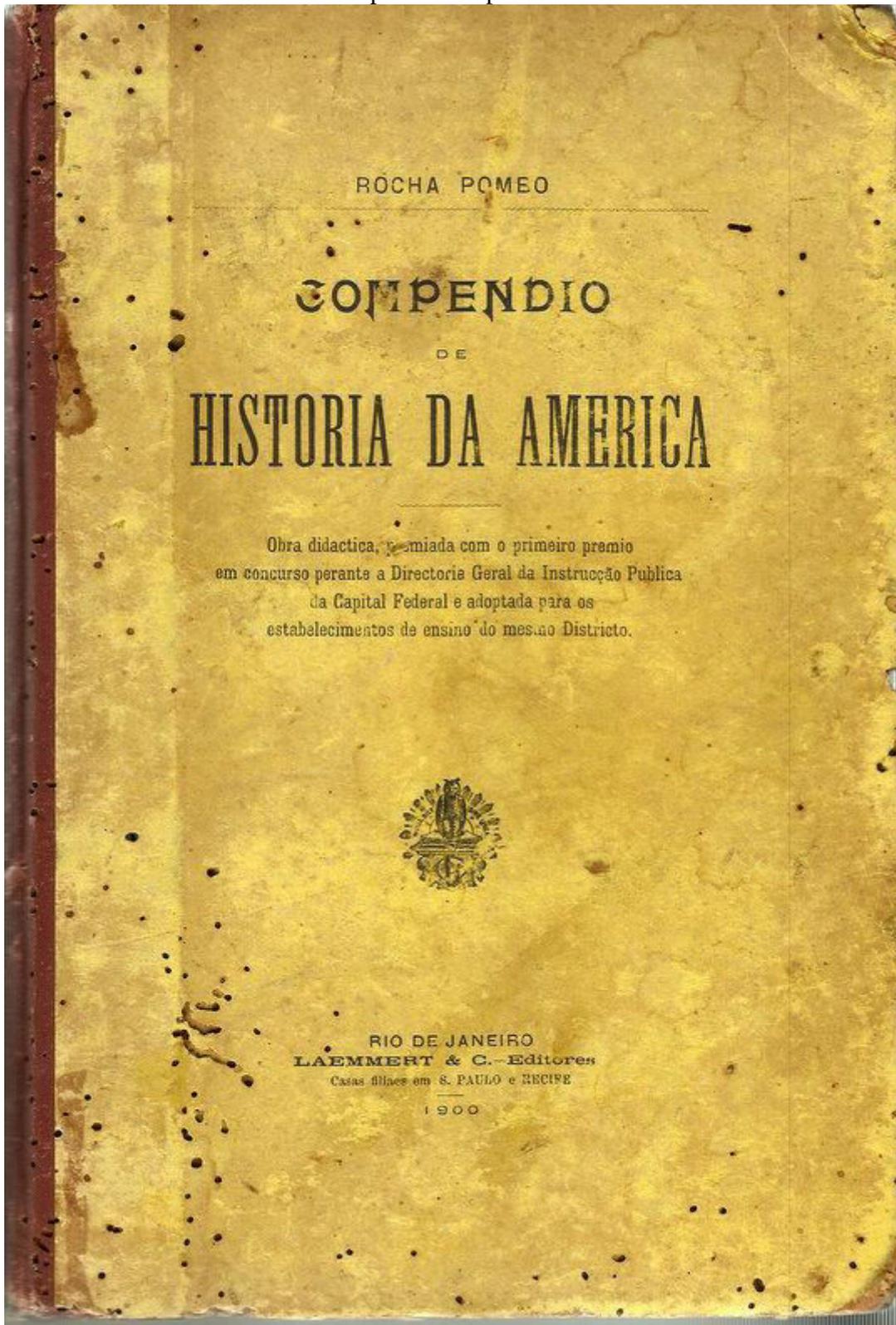
- ROJO, Raúl Enrique. Hombres mirando al sul: en torno a la identidad de argentinos y brasileños. In: **Horizontes Antropológicos**. n.4, ano 2, jan/jun. Porto Alegre: 1996. p. 76-90.
- SAAVEDRA-LAMAS, Carlos. **Reformas orgânicas em la instrucción pública**. Buenos Aires: Peuser, 1916.
- SANTOS, Analice A. Marinho. História da América nos livros didáticos de História Regional. In: FREITAS, Itamar. **Historia Regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão (2006/2009)**. São Cristóvão/SE: EdUFS,2009. p. 163-194.
- SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **O currículo da Disciplina História no Colégio Pedro II - República (1889-1950)**. Disponível em <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276541966_ARQUIVO_trabalhoanpuh_19_julho_2010.pdf>. Acesso em 28 out. 2012.
- SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **O currículo da disciplina escolar História no Colégio Pedro II – a década de 70 – entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a História e os Estudos Sociais**. Tese de Doutorado em Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- SANTOS, Ivan Noberto. **Rocha Pombo: produção historiográfica e escrita didática em história na Primeira República**. Monografia em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- SANTOS, Ivan Noberto. **A historiografia amadora de Rocha Pombo: embates e tensões na produção historiográfica da Primeira República**. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- SILVA, Alexandra Lima da. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- SKOCPOL, Theda; SOMERS, Margaret. The uses of Comparative History in macrosocial inquiry. In: **Comparative Studies in Society and History**, n. 2,v. 22. 1980. Disponível em <<http://www.brynmawr.edu/socialwork/GSSW/schram/SkocUseOfC.pdf>>. Acesso em 07 mar.2012,
- SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil (1915-1954)**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- TURATTI, Ricardo Amarante. José Enrique Rodó, a “Geração Hispano-Americana de 98” e o projeto para uma identidade americana. In: **Revista Eletrônica da ANPHLAC**. n.13, p. 227-2502012. Disponível em <<http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>>. Acesso em 12 dez. 2012.
- VAUGHAN, Alden; VAUGHAN, Virginia Mason. **Shakespeare’s Caliban: a cultural history**. New York: Cambridge University Press, 1991.
- VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. **A primeira Escola Normal do Brasil: uma contribuição à história da formação de professores**. Dissertação em Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.
- WEHLING, Arno. Fundamentos e virtualidades da epistemologia da História: algumas questões. In: **Revista Estudos Históricos**. nº 10, vol.5. São Paulo: FGV, 2010. p.147-169.

APÊNDICE A- Quadro comparativo dos manuais didáticos de Rocha Pombo e Carlos Lamarca

Manual Didático	<i>Compendio de Historia da América</i>	<i>Compendio de la Historia General de America(19010/1913)</i>
Editora	Laemmert & C.- Editores	Angel Estrada y Comp.-Editores
Dedicatória	Dr. Ubaldino do Amaral	Ao centenário da República Argentina (1810-1910).
Elementos pré-textuais	Edital (04/081897) escrito por Medeiros e Albuquerque (p. VII-IX); Parecer (22/04/1899) escrito por Manoel Bomfim (p. IX-XXVII)	Prólogo escrito por Eduardo de Hinojosa; “A los maestros” (01/12/1910) escrito por Carlos Lamarca (p.XIII-XVII)
Número de capítulos	Oitenta e oito: Período pré-colombiano (11); Período colonial (33); Emancipação das colônias americanas (29); Integração das nacionalidades americanas (15)	Cinquenta e oito: Período pré-colombiano (11); Antecedentes e Descobrimto da América (7); Conquista (9); Colonização (10); Independência (21)
Imagens	Não	Sim (1096)
Texto Complementar Escrito	Resumo ao final de cada capítulo	Questionários (cerca de vinte a vinte e cinco perguntas) e um Epílogo sobre a independência de Cuba
Referências Bibliográficas	Não indica, mas lista cinco obras (três de autores franceses, um brasileiro e um espanhol) na Bibliografia.	Divide em: “Generales”; “Especiales”; “Fuentes”; “Bibliografias”.
Objetivo	“Educar Educadores”	Uma obra de referência para os estudos em História da América
Número de Páginas	359.	1415 (Tomo I: 525; Tomo II:886).

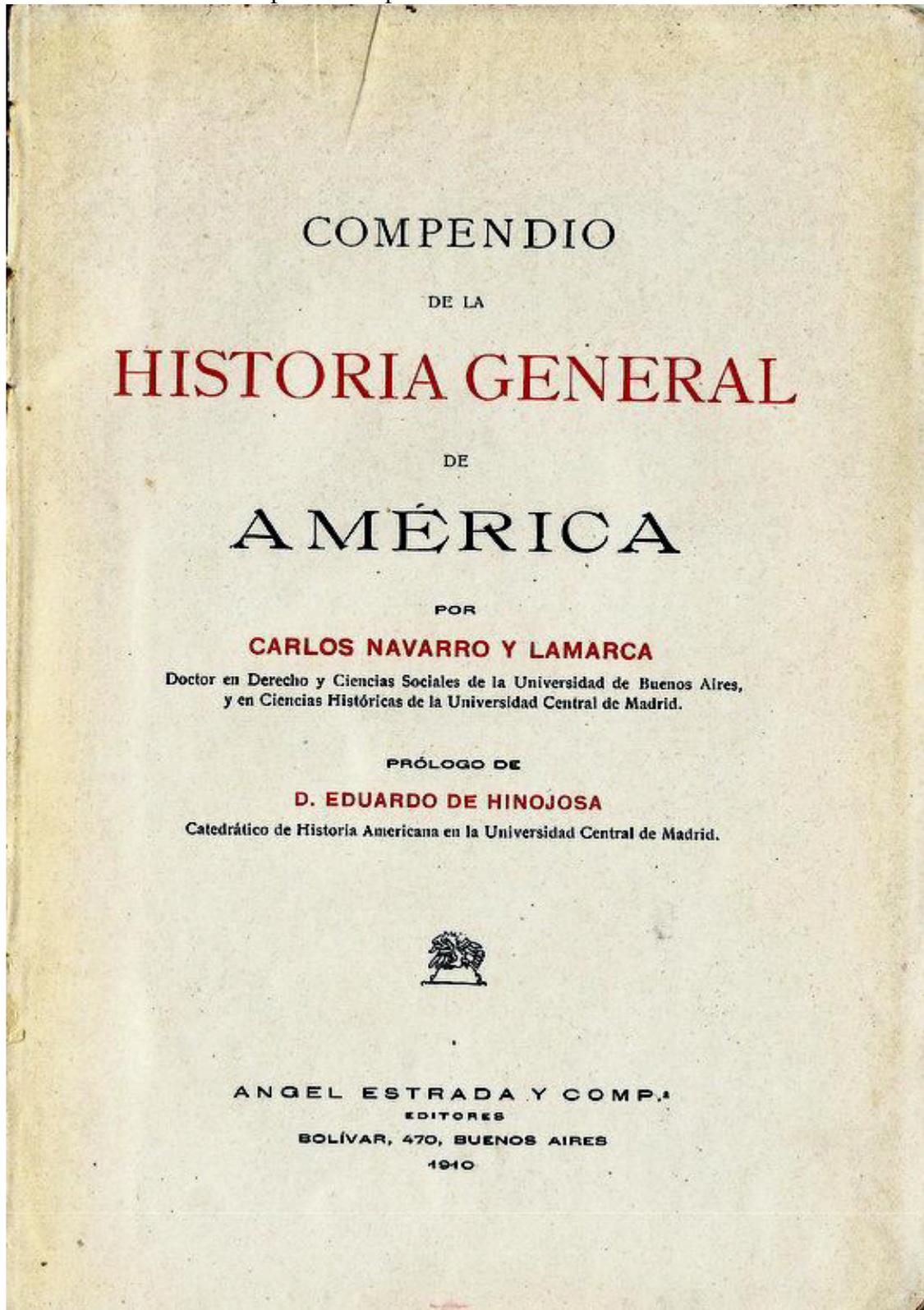
Fonte: Quadro comparativo dos manuais didáticos de Rocha Pombo e Carlos Lamarca elaborado pela autora.

ANEXO A - Capa do Compendio de Historia da America



Fonte : Acervo particular da autora

ANEXO B - Capa do Compendio de la Historia General de America



Fonte : Acervo particular da autora

ANEXO C - Sumário do Compendio de Historia da America

INDICE GERAL

	PAGS.
INTRODUÇÃO.....	XXIX
PRIMEIRA PARTE	
Periodo pre-colombiano	
CAP. I. — Descrição physica da America.....	1
CAP. II. — A flora americana.....	4
CAP. III. — A fauna americana.....	6
CAP. IV. — Os povos aborigenas.....	7
CAP. V. — Origens, tradições, costumes e linguas dos abo- rigenas.....	9
CAP. VI. — Estado de civilisação dos aborigenas da America.	13
CAP. VII. — 1. Os dois grandes imperios americanos. O Me- xico.....	18
CAP. VIII. — 2. Os dois grandes imperios americanos. O Perú.	23
CAP. IX. — Monumentos subsistentes da civilisação pre-co- lombiana.....	26
CAP. X. — Physionomia politica geral do Continente no momento da chegada dos Europeus.....	29
CAP. XI. — Prognostico sobre o destino da civilisação dos aborigenas.....	31
Synthese dos capitulos da primeira parte.....	34
Bibliographia da primeira parte.....	36
SEGUNDA PARTE	
Periodo colonial	
CAP. XII. — Tradições e conjecturas sobre a existencia do Novo-Mundo.....	37
CAP. XIII. — Christovão Colombo e seu projecto.....	40
CAP. XIV. — O descobrimento.....	43

Fonte : Acervo particular da autora

ANEXO D - Sumário de Compendio de la Historia General de America

ÍNDICE

	<u>Páginas.</u>
PRÓLOGO DE D. EDUARDO DE HINOJOSA	V
A LOS MAESTROS.....	XIII
CAPITULO PRELIMINAR.....	XIX
TÍTULO PRIMERO	
ANTIGÜEDAD DEL HOMBRE EN AMÉRICA	
CAPITULO PRIMERO. - <i>El hombre cuaternario ó paleolítico.</i> - 1. Lo Prehistórico. - 2. Materiales para su estudio. - 3. Las edades geológicas. - 4. Los períodos glaciales. - 5. La Ley de Asociación. - 6. Los criterios arqueológicos. - 7. Útiles paleolíticos en América. - 8. El hombre cuaternario en América del Sur. - 9. En América del Norte. - 10. - Insuficiencia cronológica de estas investigaciones.	1
CAPITULO II. - <i>El hombre neolítico.</i> - 1. Culturas neolíticas. - 2. "Kiokkenmodingos", "Sambaquis" y "Paraderos". - 3. Las Cavernas. - 4. Los "Mounds" ó "Montículos". - 5. Recintos y Talleres. - 6. Útiles y adornos. - 7. Antigüedad de los "Mound-builders". - 8. Los Cliff-dwellers. - 9. Los "Cave-dwellers". - 10. "Los Pueblos". - 11. Antigüedad de estas Ruinas. - 12. Conclusiones generales.	25
TITULO II	
EL HOMBRE AMERICANO	
CAPITULO PRIMERO. - <i>Orígenes y caracteres étnicos.</i> - 1. Origen de los Americanos. - 2. Evolución cultural. - 3. Inmigraciones primitivas. - 4. Caracteres físicos. - 5. Caracteres Psicológicos. - 6. Grado de cultura. - 7. Caracteres Lingüísticos: el lenguaje de gestos. - 8. Estructura de las lenguas Americanas. - 9. Su gran número. - 10. Objetos mnemónicos: "Wampum". - 11. Pictografías.	49
CAPITULO II. - <i>Caracteres sociológicos.</i> - 1. El Matrimonio. - 2. Matriarcado. - 3. Poligamia y Monogamia. - 4. Condición de la mujer. - 5. Educación de los hijos. - 6. Las costumbres mortuorias. - 7. Organización política. El "clan" y la "gens". - 8. Totemismo. - 9. La "fratría" y la tribu. - 10. Consejo tribal. - 11. Jefes tribales. - 12. La Confederación. - 13. Organización económica. La propiedad. - 14. Los Gobiernos despóticos. - 15. Relaciones inter-tribales. El Comercio. - 16. La guerra. - 17. Armas ofensivas y defensivas.	81
CAPITULO III. - <i>La vida material.</i> - 1. Alimentación. - 2. Canibalismo. - 3. El fuego y sus usos. - 4. Preparación de los alimentos. - 5. Alfarerías. - 6. Bebidas y estimulantes. - 7. Habitación. Los tipos primitivos. - 8. Las viviendas comunales. - 9. Aldeas y su número. - 10. Adorno personal. - 11. Vestido. - 12. Industrias textiles. - 13. La caza y la pesca. - 14. Horticultura. - 15. Medios de transporte.	111